

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA  
ÁRABE

ANA GOMES DE SOUZA

O ISLÃ NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE 5a. A 8a. SÉRIES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL NO PERÍODO DE 1985 A 2004

Dissertação apresentada ao Curso do Programa de Pós-  
graduação em Língua, Literatura e Cultura árabe, do  
Departamento de Letras Orientais, da Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade  
de São Paulo, para a obtenção de **título de Mestre**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. SAFA ALFERD ABOU-CHAHLA JUBRAN

São Paulo  
2005

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA  
ÁRABE

O ISLÃ NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE 5a. A 8a. SÉRIES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL NO PERÍODO DE 1985 A 2004

ANA GOMES DE SOUZA

São Paulo  
2005

---

## RESUMO

Esta pesquisa analisa as informações trazidas pelos livros didáticos de História de 5a. a 8 a série do ensino fundamental brasileiro, editados no período de 1985 a 2004, a respeito do Islã. Para isso, foram recolhidas as informações nos livros didáticos e comparadas com as trazidas pelas Fontes Islâmicas. Encontraram-se inúmeras divergências, que foram classificadas como factuais ou conceituais e analisadas. Verificou-se que algumas dessas divergências podem causar prejuízos ao processo de ensino/aprendizagem sobre o tema, por trazerem erros, cometerem equívocos ou por não zelarem pela linguagem utilizada, o que acabaria distorcendo certos fatos e levando à formação de preconceitos. Chamou-se a atenção, ainda, para o papel que o livro didático tem na vida do aluno e sobre a necessidade de cuidados na preparação desses livros, especialmente o de História.

**Palavras-chave:** Livro didático de História; Islã; Fontes da religião islâmica; divergências entre textos; Religião islâmica.

## ABSTRACT

*The objective of this work is to analyze didactic books on History adopted by high schools in Brazil (from grade 5 to 8). In order to do that, these didactic books, edited between 1985 and 2004 and that portray Islam in different ways, were compared with Islamic sources. Several differences, whether factual or conceptual, were analyzed. This research has found that some divergences may result in damage to the teaching/learning process when this subject is dealt with because these texts contain mistakes or because it does not pay attention to the language adopted, and this distorts some facts and causes prejudice. This work emphasizes the role of didactic books and the need of attention when editing a book, especially one about History.*

**Key words:** Didactic books on History; Islam; Sources of Islamic religion; differences in texts; Islamic religion.

## RESUMEN

*Esta investigación analiza las informaciones traídas por los libros didácticos de Historia del 5. al 8.año de la enseñanza básica brasileña, editados en el periodo de 1985 a 2004, acerca del Islám. Para esto, han sido recogidas las informaciones en los libros didácticos y comparadas con las traídas por las Fuentes Islámicas. Se han encontrado muchísimas discrepancias, que fueran clasificadas entre factuales y conceptuales y después analizadas. Se ha verificado que algunas de esas discrepancias pueden causar perjuicios al proceso de enseñanza/aprendizaje sobre el tema, por traer errores, cometer equívocos o por no celar por el lenguaje utilizado, lo que acabaría por torcer ciertos hechos llevando a la formación de prejuicios. Se ha llamado la atención, además, al papel que el libro didáctico tiene en la vida del alumno y a la necesidad de cuidados en la preparación de dichos libros, especialmente los de Historia.*

**Palabras-llave:** Libro didáctico de Historia; Islám; Fuentes de la religión islámica; discrepancias entre textos; Religión islámica.

## AGRADECIMENTOS

- A Deus Único, presente no Ocidente e no Oriente;
- À minha orientadora, Profa. Dra. Safa A. Abou-Chahla Jubran, por ter me dado a oportunidade de realizar esta pesquisa;
- Ao Salem Ali Akra, pela colaboração;
- À minha família, pelo apoio e confiança;
- Aos membros da Banca, por terem aceitado participar do julgamento dessa pesquisa;
- Aos professores do Departamento Árabe da USP, pela colaboração e convivência;
- A CAPES, pela bolsa;
- Aos irmãos Ali Akra, xeque Ali M. Abdune, Atef Sharia, xeque Jihad H. Hammadeh, Noureddine Aref Derbas, Magda Aref Abdul Latif, Zeina Jaber Aref Derbas e Yumna Jaber Hachem;
- Por fim, agradeço a todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a realização dessa pesquisa.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	01
CAPÍTULO I: O LIVRO DIDÁTICO	
1. Breve apresentação do livro didático .....	07
2. O livro didático em sala de aula .....	10
CAPÍTULO II: AS FONTES ISLÂMICAS	
1. O Alcorão ( <i>Alqur'ān</i> ).....	14
2. A Tradição ( <i>assunnah</i> ) .....	17
3. O Consenso ( <i>al'ijmā'</i> ) .....	18
4. A Medida ( <i>alqiyās</i> ).....	18
CAPÍTULO III: DIVERGÊNCIAS FACTUAIS	
1. O termo <i>Allāh</i> .....	20
2. O termo 'Maometismo' .....	25
3. O casamento do profeta .....	30
4. Os profetas reconhecidos pelo Islã.....	35
5. A Caaba e a Pedra Negra.....	41
6. O jejum de Ramada .....	47
7. O descanso no dia de sexta-feira.....	55
CAPÍTULO IV: DIVERGÊNCIAS CONCEITUAIS	
1. Os pilares do Islã.....	59
2. A Hégira ( <i>Alhijrah</i> ) .....	65
3. O Jihad ( <i>Aljihād</i> ).....	70
4. O retorno a Meca em 630 .....	75
5. As referências sobre o paraíso .....	82
6. A escravidão e a poligamia.....	87
CONCLUSÃO .....	96
BIBLIOGRAFIA.....	102
ANEXO I .....	110
ANEXO II .....	130
ANEXO III.....	138
ANEXO IV.....	140
ANEXO V.....	142
ANEXO VI.....	144

## INTRODUÇÃO

Durante a primeira metade do século VII na península arábica, o Anjo Gabriel teria transmitido ao profeta Maomé os princípios do Islã<sup>1</sup> na revelação dos versículos do Alcorão (livro sagrado do Islã). A partir dessa revelação, Maomé iniciou o processo de divulgação da nova religião. A princípio essa divulgação foi feita no âmbito doméstico (familiares, serviçais e amigos íntimos) e em seguida, em escala maior, alcançando todos os habitantes de Meca e posteriormente atingindo outras cidades da península arábica. Nesse processo Maomé encontrou resistência<sup>2</sup>, sofreu perseguições e humilhações porque o mundo em que vivia era politeísta e não aceitava a substituição da pluralidade de deuses pelo monoteísmo, pela crença em um único Deus, entretanto, devido há inúmeros acontecimentos, gradativamente, o número de conversões aumentou e quando Maomé faleceu em 632 o Islã era a religião oficial de Meca.

A expansão territorial do Islã, para outras localidades da península arábica e para outros continentes, ficou a cargo dos sucessores de Maomé que não eram considerados profetas. Tal expansão deve-se a uma gama de fatores que permeia desde o enfraquecimento de grandes impérios como o Sassânida e o Bizantino<sup>3</sup>, a tolerância religiosa prevista pelo Alcorão [09:29]<sup>4</sup> e a conversão sincera aos princípios dogmáticos do Islã. Aqui, vale destacar que o conjunto administrativo do Islã, organizado no transcorrer dos séculos (e lugares), não foi uníssono ao governo empreendido por Maomé e dentre essas administrações pode-se destacar as dinastias Omíada e Abássida e o Império Otomano porque neles (entre outras administrações) encontrara-se boa parte das explicações para se conhecer e compreender a expansão do Islã.

A unidade que havia entre os muçulmanos na época de Maomé rompeu-se após

---

<sup>1</sup> Diante da multiplicidade de explicações construídas em torno das palavras Islã e muçulmano, faz-se necessário esclarecer que, aqui, os termos 'muçulmano', 'Islã', 'islamismo' e 'religião islâmica' serão empregados exclusivamente para identificar os seguidores desta religião e se referir aos princípios religiosos revelados ao profeta Maomé (Muhammad bin-<sup>c</sup>Abdul-Lāh), sem qualquer tipo de vinculação com interpretações políticas dadas a estes termos.

<sup>2</sup> Considerando que Maomé pregava o proselitismo religioso em Meca e como se sabe o proselitismo não consiste na simples substituição de uma religião por outra, mas significa o rompimento com os antepassados, com as tradições, com símbolos religiosos, com a forma de interpretar o mundo e de interagir com a sociedade, questiona-se: será que parte das perseguições e humilhações sofridas por Maomé não teria sido em consequência da 'aversão' que o proselitismo religioso transmite? Aqui também não se pode excluir a incompatibilidade político-econômica que havia entre a classe dirigente de Meca, 'guardiã' do politeísmo e o Islã.

<sup>3</sup> R. Mantran. *A expansão muçulmana: séculos VII-XI*. São Paulo: Pioneira, 1977, p. 80.

<sup>4</sup> As citações do Alcorão constam entre colchetes; os números indicam, respectivamente, os capítulos e os versículos do Alcorão. Todas as citações do Alcorão foram colhidas em *O significado dos versículos do Alcorão sagrado*. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Marsam, 2001 e estão disponibilizadas no anexo I.

sua morte e justamente em decorrência de sua morte é que surge a questão sucessória (quem substituiria Maomé?). Deste impasse surgiu dois grupos que ainda hoje reúnem a grande maioria dos muçulmanos: sunita<sup>5</sup> (cerca de 90%) e xiitas<sup>6</sup>. Esses grupos se organizaram jurídica e teologicamente através de várias escolas. As cinco maiores escolas são: hanbalita, maliquita, chafiita, hanifita (escolas sunitas) e Jaafarita (escola xiita). Aqui, registra-se também a existência do sufismo, corrente mística que tem sendas que podem ser classificadas como sunitas ou xiitas, ou ambas ou sem uma ligação clara com nenhuma das grandes escolas.

A multiplicidade de escolas levou a diferentes formas de interpretação do Alcorão, por isso pode se dizer que na época de Maomé a interpretação era *una* e somente após sua morte é que os muçulmanos desenvolveram métodos para deliberar sobre questões que não constavam nem no Alcorão e nem nos exemplos deixados por Maomé, ou seja, na Tradição (*assunnah*)<sup>7</sup>. Esses métodos resultaram no Consenso (*al 'ijmā'*) e na Medida (*alqiyās*). Assim os sunitas utilizam como fontes o Alcorão, a Tradição, o Consenso e a Medida, enquanto os xiitas utilizam apenas as três primeiras fontes, descartando a Medida.

Independente das interpretações teológicas das Fontes Islâmicas, do Alcorão ter sido revelado a mais de 1390 anos e da cisão entre os muçulmanos (por exemplo, sunitas e xiitas), a doutrina do Islã resistiu ao tempo e a diversos tipos de governos e, na atualidade, é uma das religiões monoteísta que mais cresce e conta com mais de 1,3 bilhões de seguidores, residentes em diversas regiões da terra.

O Islã, após o final do último governo islâmico (Império Otomano<sup>8</sup>), retorna ao cenário mundial principalmente através da criação do estado de Israel (1948), via 'causa palestina' e, mais recentemente após o fatídico ataque aéreo as torres gêmeas do *World*

<sup>5</sup> Sunita: do árabe *sunnat annabī* (tradição do profeta). Somente após a morte de Maomé este termo foi utilizado para identificar os muçulmanos que aceitaram a sucessão dos quatro primeiros califas do Islã.

<sup>6</sup> Xiita do árabe *šī'at 'Alī* (partidários de 'Alī). Os xiitas advogam que 'Alī bin-'Abī-Ṭālib (e depois seus descendentes nascidos do casamento com Fátima, filha de Maomé) deveria suceder Maomé no comando da comunidade muçulmana. Definir a origem do xiismo é uma tarefa complexa que ultrapassa os objetivos dessa pesquisa, por isso opta-se por apresentar referência a duas explicações para sua origem: I) de acordo com R. Mantran em *Expansão Muçulmana...*, p. 94, os xiitas foram os muçulmanos que apoiaram 'Alī durante o conflito travado contra Mu'āwiya, governador da Síria, em 657. Entretanto, somente após a morte de 'Alī é que eles se estruturam em torno de um partido, e II) de acordo com M. Shomali em *Descubriendo el islam shī'ah*. Qum, Irã: Ansariyan publications, 2003, a origem do xiismo se encontra em *'ahādīṭ* de Maomé e no texto corânico.

<sup>7</sup> A transliteração do árabe para o português foi realizada de acordo com sugestão apresentada por S. Jubran, em: *Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa*. Revista Tiraz: revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. Ano 1. 2004, p.16-28. Todas as palavras transliteradas constam no anexo II.

<sup>8</sup> O Império Otomano é tido como o último governo islâmico; chegou ao fim após a Primeira Guerra Mundial que se iniciou em 1918 e terminou em 1924.

*Trade Center* em Nova Iorque (2001) e nas invasões promovidas pelos Estados Unidos da América aos territórios do Afeganistão (2001) e do Iraque (2004). Essa evidência em grande parte foi creditada às coberturas realizadas pela mídia.

Nesses episódios, propalados pela mídia, pode se verificar que, na maioria das vezes, não há explicações ‘didáticas’ para esclarecer ao telespectador (e/ou leitor) os conflitos político-econômicos que envolvem cada episódio, como também não há uma ‘preocupação’ em desassociar o muçulmano, ‘cidadão comum’, dos muçulmanos que são integrantes de grupos político-religiosos. O procedimento da mídia tende a contribuir para o prosseguimento dos estereótipos que já existem sobre o Islã e os muçulmanos, pois, como se sabe uma parcela significativa de pessoas é totalmente influenciada pelas informações divulgadas pela mídia. Certamente o caminho mais adequado para compreender o Islã sem prejudicá-lo ou estereotipá-lo é o conhecimento de seus princípios religiosos e de sua história.

O livro didático de História é um desses caminhos que podiam permitir o conhecimento e a compreensão do Islã uma vez que, há muito tempo seus autores e editores elegeram essa religião (e toda sua história) como um dos temas da ‘História Geral’ ou ‘História Universal’, que deve ser estudado durante o ensino fundamental e médio no Brasil.

Mesmo sem discutir os porquês da presença do Islã nos livros didáticos de História no Brasil pode-se supor que entre esses possam estar pelo menos, dois fatores: a) as contribuições trazidas ao mundo ocidental, por exemplo, nas áreas de astronomia, filosofia e medicina, deveras conhecidas<sup>9</sup> e b) a permanência da religião islâmica em locais que não estavam mais sob domínio muçulmano, ou seja, as conversões à religião subsistiram à política. Esses fatores indicam que o Islã perdurou através dos tempos não ficando circunscrito a seu local de origem, Meca do século VII.

Pode se observar, aqui, que, por parte dos autores e editores, há interesse didático em orientar a aprendizagem do aluno e esse interesse é que determina a presença do Islã nos livros didáticos de História. Sendo assim, torna-se necessário conhecer as informações, as afirmações e as contribuições que os didáticos oferecem para o processo de conhecimento do Islã que é desenvolvido durante o ensino fundamental - etapa que antecede o ensino médio no Brasil.

A importância de se conhecer e compreender os conteúdos trazidos pelos livros

---

<sup>9</sup> Para maiores detalhes, ver: T. Arnold e A. Guillaume em *El legado del Islam*. Madrid: Ediciones Pegaso, 1944.



didáticos justifica-se, na vida escolar, diante do ‘fato consuetudinário’ de que as informações oferecidas pelos livros didáticos (independente da disciplina que cobre: História, Biologia, Matemática, etc.) tendem a ser recebidas sem contestação e na maioria das vezes acompanham o aluno por toda sua vida, ou seja, o aluno não filtra essas informações e apenas as recolhe como informações verdadeiras e pontuais.

A presente pesquisa pretende analisar o Islã nos textos dos livros didáticos de História de 5a. a 8a. séries do ensino fundamental no período de 1985 a 2004. Embora evidencie o Islã como objeto de análise, a pesquisa delimita a análise e a restringe às informações sobre o Islã, contidas nos referidos livros didáticos de História.

Assim, o **primeiro capítulo** traz informações sobre o livro didático, apresenta algumas definições elaboradas por pesquisadores da área, para o livro didático, destaca o incentivo dado pelo governo federal para a utilização do livro didático no ensino fundamental brasileiro; além de mencionar a visão do aluno e do professor sobre esse livro, salienta ainda o valor, a autoridade, a credibilidade e a importância que tem para o aluno.

O **segundo capítulo** destaca os conteúdos trazidos pelos livros didáticos de História, a respeito do Islã e que serão comparados com as fontes oficiais do Islã. Esse capítulo especifica quais são essas fontes e, ainda, oferece uma breve apresentação de cada uma delas.

O **terceiro capítulo** apresenta e analisa as divergências factuais existentes entre os livros didáticos de História e as Fontes Oficiais do Islã. Essas divergências referem-se à utilização de termos que não possuem equivalência na língua árabe, a equívocos em relação aos calendários lunar e solar, a fatos da vida de Maomé que são refutados por diversos biografistas e à atribuição de caráter sagrado a objetos que são tidos como inócuos pela teologia islâmica, ou seja, aqui, as divergências factuais compreendem: o termo *Allāh*, o termo ‘maometismo’, o casamento do profeta, os profetas reconhecidos pelo Islã, a Caaba e a Pedra Negra, o Jejum de Ramadã e o descanso no dia de sexta-feira, temas abordados nesses livros.

O **quarto capítulo** aborda e analisa as divergências conceituais que há entre as Fontes Oficiais do Islã e os livros didáticos de História. Nessas divergências, a base dogmática do Islã e os fatos que têm comprovação histórica, tais como a saída e o retorno dos muçulmanos a cidade de Meca, ficam apenas *sub judice* dos escritores e editores dos livros didáticos de História. Nessa pesquisa tais divergências compreendem: os pilares do Islã, a Hégira (*Alhijrah*), o Jihād (*Jihād*), o retorno dos

muçulmanos a Meca em 630, as referências sobre o paraíso, a poligamia e a escravidão.

Como Já fora ressaltado, essa pesquisa pretende analisar as informações a respeito do Islã trazidas pelos livros didáticos de História do ensino fundamental. Para isso houve a necessidade de comparar tais informações com às trazidas pelas fontes da religião islâmica. Assim, adotou-se como base de comparação às fontes oficiais sunitas (Alcorão, a Tradição, o Consenso e a Medida), por elas englobarem as fontes xiitas e por servirem de base de consulta, de direcionamento e de orientação da grande maioria dos muçulmanos (cerca de 90%). Nessa pesquisa as fontes sunitas serão denominadas de Fontes Islâmicas e/ou Fontes Oficiais do Islã.

O *corpus* da pesquisa, propriamente dito, é composto por livros didáticos de História de 5a. a 8a. séries do ensino fundamental brasileiro que, no período de 1985 a 2004<sup>10</sup>, abordaram a religião islâmica em seus capítulos ou sub-capítulos. Essa delimitação foi baseada nos seguintes critérios:

- a) no ensino fundamental o aluno recebe, via livro didático, as primeiras informações a respeito do Islã;
- b) o ensino fundamental, de acordo com a Constituição do Brasil de 1988, é obrigatório e gratuito e, para o qual o aluno recebe do governo (municipal, estadual e federal) material didático-escolar. O livro didático de História é um desses materiais;
- c) 1985 foi escolhido por ser o ano que marca o início do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, no qual o governo federal começa a comprar e distribuir livros didáticos para escolas públicas do país. Esse programa possibilitou o acesso de muitos alunos aos livros didáticos, inclusive aos de História;
- d) o ano de 2004 é o ano da edição mais recente dos livros didáticos de História disponibilizados no mercado e alguns desses livros fazem parte do atual PNLD, ou seja, PNLD/2005;
- e) foram selecionados apenas os livros didáticos de História editados pelas grandes editoras de livros didáticos por seu alcance nacional e por serem as maiores fornecedoras de livros didáticos para o PNLD.

A comparação das informações e afirmações recolhidas no *corpus* com as das Fontes Islâmicas evidenciam mais divergências do que convergências, o que leva a destacá-las e dividi-las em divergências factuais e divergências conceituais.

---

<sup>10</sup> É importante lembrar que as informações apresentadas pelos livros didáticos, independentemente da série, da disciplina e do conteúdo, tendem a ser recebidas e aceitas, pelo aluno, sem contestação, por isso é imprescindível que o livro didático seja objeto de constantes análises.

A divisão destas divergências configura numa questão de prática metodológica onde as divergências factuais receberam esse nome pelo fato de que, mesmo na primeira análise superficial do material, as afirmações apresentadas nos textos didáticos não resistiram à simples confrontação com os itens que eles abordavam, ou seja, não houve uma confirmação *ipsis litteris* dos textos dos livros didáticos de História com as fontes adotadas por esta pesquisa. Já as divergências conceituais receberam essa denominação porque os itens que elas abordam apresentam a construção de conceitos, de definições, de representações, de julgamentos e de interpretações que os livros didáticos de História trazem a respeito dos fatos históricos e de pontos estruturais do Islã; dada essa particularidade (o referido *sub judice* dos autores e editores), as divergências conceituais são mais difíceis de se localizar e de se analisar.

É preciso ainda ressaltar que esta pesquisa não tem a pretensão de realizar análises detalhadas e aprofundadas, por isso restringir-se-á a levantar e explicar as divergências anotadas entre os livros didáticos e as Fontes Islâmicas, chamando a atenção às incoerências e a inadequação de certas informações trazidas pelo livro didático e, conseqüentemente, à necessidade do cuidado que esse livro deve ter na fase de elaboração, haja vista a importância que ele tem na formação de conceitos ou de preconceitos. Espera-se, assim, que esse trabalho consiga ser visto como um ponto de partida para futuras análises mais detalhadas do livro didático em geral e dos de História que abordam o Islã como tema em particular.

## CAPÍTULO I

### O LIVRO DIDÁTICO

#### 1. Breve apresentação do livro didático

A utilização de livros para fins didáticos consiste na manutenção de uma prática empregada, de longa data, por diversos povos para transmitirem seus registros culturais, religiosos, políticos, sociais, econômicos e filosóficos aos integrantes de suas sociedades. O transcorrer dos tempos, aliado à evolução das metodologias de ensino produziram materiais específicos para serem utilizados em situações de ensino-aprendizagem, por exemplo, dentro de sala de aula e, entre estes materiais estaria o livro didático.

O processo que envolveu a criação do livro didático adquiriu características particulares em cada país onde foi produzido. Contudo, as primeiras tentativas didáticas visavam em primeiro lugar o professor e só mais tarde começaram a ser destinadas ao aluno.

No Brasil, a maioria das disciplinas curriculares (de História, de Matemática, de Português, etc.) estudadas nas escolas públicas é coberta por livro didático. Deve-se frisar que esses livros didáticos tiveram e têm trajetória histórica e posições diferentes no sistema escolar brasileiro.

Evitando entrar em detalhes sobre o tema, para não desviar do objetivo básico deste trabalho, apresenta-se, aqui, uma breve referência sobre a história do livro didático no Brasil. Para isso, destacam-se, a seguir, algumas definições encontradas na literatura a respeito do tema, para que se tenha uma idéia sobre a concepção teórica que o livro didático teve e tem no país, e também sobre sua utilização na prática, isto é, dentro da sala de aula, independente da disciplina que ele cobre. Veja, a seguir, algumas destas definições:

- *Uma das melhores definições sobre o livro didático e suas funções, data de 1961, um texto de Renato Fleury “o livro didático é uma sugestão e não uma receita”, não podendo substituir o professor. Suas principais funções consistem em: padronizar e delimitar a matéria. Apresentar métodos e processos julgados como eficientes pelos seus autores aos docentes, para melhorar os resultados do*

ensino. Colocar ao alcance de todos, especialmente alunos, estampas, desenhos, mapas e textos de difícil acesso ou muitos raros.<sup>11</sup>

- O livro didático é uma publicação não periódica, impressa, própria para instruir eficientemente. Entendemos instruir como o ato de comunicar conceitos.<sup>12</sup>
- O livro didático é aquele em que se faz a simplificação e a sintetização de um setor do conhecimento, a fim de facilitar a sua aprendizagem.<sup>13</sup>
- Neste estudo, definimos livro didático como mercadoria componente de cultura de massa, que veicula conhecimentos voltados para situações de ensino escolar, seja no nível de reprodução ou de questionamento do social.<sup>14</sup>
- No presente trabalho, entende-se como tal, uma obra escrita (ou organizada, como acontece tantas vezes) com a finalidade específica de ser utilizada numa situação didática. Um livro didático é em geral, inconfundível, o que não significa, por outro lado, que deva ser imutável.<sup>15</sup>
- Entendemos aqui por livro didático, de acordo com o decreto lei 1006, de 30-XII-1938, os compêndios escolares e os livros de leitura em classe: art. 2º - compêndios são livros que exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares.<sup>16</sup>
- [...] Para facilitar a discussão assumimos a definição de Richaudeau (1979, P.5), ligeiramente modificada, segundo a qual o livro didático será entendido como um material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado em processo de aprendizagem e formação.<sup>17</sup>
- [...] os livros didáticos constituem-se como elementos fundamentais da multifacetada prática docente, expressando os saberes da disciplina, apoiando-se e constituindo-se em saber curricular, e, implicitamente adotando, correntemente ou não, determinado saber pedagógico a ser trabalhado.<sup>18</sup>

Pelas definições acima, pode-se perceber que vários aspectos são destacados como importantes no processo de elaboração de um livro didático, entre eles, o social, o pedagógico, o gráfico-editorial, o metodológico, o político, o ideológico e o

<sup>11</sup> B. Freitag. *O estado da arte do livro didático no Brasil*. Brasília: Reduc, 1987, p.59.

<sup>12</sup> M. Guedes. *Análise de conteúdo de livros didáticos de ciências: os termos químicos apresentados e suas representações possíveis*. São Paulo, 1992. 37 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

<sup>13</sup> M. Leite. *O ensino da História no primário e no ginásio*. São Paulo: Cultrix, [S.d.], p.138.

<sup>14</sup> P. Meksenas, *A produção do livro didático: sua relação com o Estado, autor e editor*. São Paulo, 1992. 08 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

<sup>15</sup> O. Molina, *Quem engana quem: Professor x livro didático*. Campinas: Papyrus, 1987, p.17.

<sup>16</sup> A. Oliveira. *O livro didático*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986, p.13.

<sup>17</sup> J. Oliveira. *A política do livro didático*. Campinas: Summus, 1984, p. 11.

<sup>18</sup> T. Reznik, *O desenvolvimento do conceito de gene e sua apropriação nos livros didáticos de Biologia*. Niterói, 1995. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense.

mercadológico, o que leva sua concepção e sua utilização a serem reconhecidas como objeto social e culturalmente aceito no processo de ensino-aprendizagem no país.

Deve-se ressaltar que o emprego do livro didático é de longa data incentivado pelo governo federal na medida em que o compra e o distribui em escolas públicas do Brasil. Atualmente, a distribuição é realizada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), implantado em 1985. Nesse programa as editoras interessadas em vender livros didáticos ao governo federal - o maior comprador do país - submetem seus livros à análise do Ministério da Educação com o objetivo de tê-los incluídos no *Guia Nacional de Livros Didáticos*<sup>19</sup>, enviado às escolas públicas que escolhem os títulos a serem comprados e adotados durante um triênio em cada série do ensino fundamental.

Vale, ainda, dizer que todas as formas de governo implantadas no território brasileiro criaram e organizaram mecanismos de controle sobre a produção e a comercialização de materiais didáticos destinados a professores e alunos. Esse controle pode ser traduzido como recurso eficaz para garantir que os conteúdos veiculados sempre estejam em consonância com a ideologia governamental, favorecendo sua legitimação e permanência na sociedade. Assim, por exemplo, um livro didático no governo imperial não receberia a chancela oficial se contestasse a existência da monarquia no Brasil, ou, ainda no atual período republicano um livro didático que tecer loas à tortura, à ditadura, à discriminação racial não deverá constar no *Guia de Livros Didáticos* do Ministério da Educação.

O controle, as recomendações e as exigências governamentais estendem-se aos aspectos físicos relacionados com a composição gráfico-editorial do livro didático. Nesse quesito que visa à durabilidade e a legibilidade do livro didático são levados em consideração dentre outros fatores: a espessura e a qualidade do papel utilizado na impressão, o tamanho e o espaçamento entre as letras, a qualidade das tintas e a disposição interior de mapas, textos e ilustrações de forma que facilite a leitura e a compreensão dos mesmos. Ressalta-se que atualmente a não observação das recomendações gráfico-editoriais impossibilita o livro didático de figurar no *Guia de Livros Didáticos*.

Resta ainda dizer nesse breve dissertar sobre os livros didáticos que os de História são divididos, no contexto brasileiro, tradicionalmente, em 'História Geral' ou 'Universal' e 'História do Brasil' e que eles percorreram caminhos diferentes até a

---

<sup>19</sup> Ministério da Educação. *Guia de Livros Didáticos de 5a. a 8a. série*. Brasília: Ministério da Educação, 2001, p.16.

chegada à sala de aula. Enquanto os primeiros eram produzidos no exterior e tinham seus conteúdos traduzidos e adaptados para a língua portuguesa, os últimos eram produzidos no Brasil porque “os autores não podiam recorrer a traduções, por tratarem de temas nacionais, transformando os manuais de História, juntamente com as obras de Geografia, em produção necessariamente original”<sup>20</sup>. Esse fato, de certo modo, teve vantagens, pois incentivou a pesquisa histórica e geográfica que acabou dando suporte para a produção nacional do livro didático.

## 2. O livro didático em sala de aula

De acordo com o *Guia de Livros Didáticos*, a finalidade primordial do livro didático, no ensino fundamental, é de servir como instrumento de apoio ao trabalho desenvolvido pelo professor com seus alunos uma vez que o livro didático teria a capacidade de reunir, no mesmo espaço, uma parcela significativa dos diversos conteúdos, previstos para serem trabalhados durante o ano letivo. E essa reunião permite ao aluno o acesso rápido, fácil e descomplicado ao conteúdo, como auxilia o professor no planejamento e na execução de suas aulas. Porém, devido a inúmeros fatores, entre eles a deficiência do sistema educacional e a falta de preparo adequado do professor, o livro didático deixa de ser utilizado como instrumento de apoio, como coadjuvante no processo de ensino-aprendizagem, e se transforma na principal, ou, às vezes, na única fonte de consulta de professores e alunos.

Independente de seu emprego, como fonte de apoio, fonte principal ou única fonte de consulta, o livro didático pode ser analisado através de vários ângulos; entre os quais está o da representatividade que ele adquire tanto para professores quanto para alunos, os quais compõem as duas extremidades escolares no Brasil: a educação superior e a básica.

A diferenciação nesta representatividade deve-se ao conhecimento que o professor tem sobre a existência da cadeia de fatores que influencia a produção do livro didático, como propostas curriculares, questões ideológicas, linhas metodológicas, diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação e o *marketing* de vendas, enquanto

---

<sup>20</sup> C. Bittencourt. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, 1993. 194 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

o aluno desconhece estes fatores e só entra em contato com seu resultado final, ou seja, quando o livro didático chega às suas mãos.

Geralmente entre as observações realizadas pelo professor está a questão da praticidade transmitida pelo livro didático. Esta praticidade é abordada com cautela porque o livro didático apresenta conteúdos de forma resumida, sintetizada e simplificada e sua abrangência é massificadora, uma vez que ele, livro didático, está presente em quase todas as escolas brasileiras. Atualmente essa massificação é incentivada pelo governo federal através do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD, como foi dito anteriormente.

A idéia de praticidade, tão bem recebida no contexto escolar, geralmente oculta de seu consumidor que as informações apresentadas como práticas, eficientes e verdadeiras representam apenas o ponto de vista do autor do livro e não a totalidade das informações e das interpretações que podem ser realizadas nos conteúdos transmitidos pelo livro didático.

Na maioria das vezes, o conteúdo trazido pelo livro didático não é contestado pelo professor que, de forma geral, reconhece a contribuição que tal livro proporciona na educação escolar sistematizada. Embora demonstre preocupação diante da qualidade do conteúdo apresentado por esses livros pelo simples fato de que as informações que eles transmitirem poderão influenciar na formação intelectual e cultural do aluno.

No quesito “qualidade”, há aqueles que trazem excelente qualidade editorial, teórica, pedagógica e metodológica, como há, também, os de baixa qualidade. Consensualmente para o professor, na maioria das vezes, é mais produtivo trabalhar com um livro didático qualificado como regular do que sem nenhum, por julgar que a visualização de gráficos, figuras, mapas e ilustrações são importantes no processo de ensino/aprendizagem, mesmo se for trazida por um livro de baixa qualidade. Vale ressaltar, contudo, que a perspectiva de único material de consulta, o livro didático que apresentar imperfeições gráficas, erros gramaticais, posicionamentos etnocêntricos, anacronismo e atividades mal-formuladas pode ser trabalhado pelo professor, em sala de aula, para incentivar o questionamento e a observação crítica do aluno frente a este material e, fazendo isso, o professor deixa de ser apenas um porta-voz do livro didático para ser um crítico de seu conteúdo.

A incorporação do livro didático ao universo escolar é realizada através da educação básica que atualmente está dividida em três etapas: educação infantil, ensino



fundamental e ensino médio. Dentre estas etapas, o livro didático pode ser encontrado com relativa facilidade no ensino fundamental e médio.

Durante a vigência do ensino fundamental e do médio o aluno, provavelmente, manterá contato direto com o livro didático através do manuseio quase que diário por pelo menos onze anos consecutivos<sup>21</sup> e neste período, certamente, o livro didático lhe transmitirá idéias, imagens, afirmações, conceitos, explicações e ideologias que poderão influenciá-lo por toda a vida.

A respeito desta questão, Rocha observa que, no Brasil, “os livros didáticos, em função mesmo do seu destino e de sua natureza, carregam um valor de autoridade, ocupam um lugar de supostos donos da verdade. Sua informação obtém este valor de verdade pelo simples fato de que quem sabe seu conteúdo passa nas provas. Nesse sentido, seu saber tende a ser visto como algo ‘rigoroso’, ‘sério’ e científico”<sup>22</sup>.

Assim, percebe-se que a utilização do livro didático como única ou principal fonte de consulta, aliada a idéia de praticidade e a longa convivência com o aluno são dados que podem ajudar a entender o porquê que o livro didático é culturalmente aceito como o ‘livro da verdade’.

Tal *status* tende a ser cristalizado no aluno porque sua utilização é determinada, recomendada e incentivada por três fontes de alta credibilidade: a escola, os pais e os professores. Sendo assim, o que motivaria o aluno a duvidar da ‘verdade’ apresentada no livro didático?

De forma geral o aluno observa o livro didático como uma espécie de ponte que pode conduzi-o da série que se encontra para a série seguinte por julgar que o que precisa saber para ser aprovado, no final do ano letivo, pode ser encontrado dentro do livro didático. Esta conclusão é referendada pela credibilidade conferida ao livro didático. Para ilustrar essa situação há uma pergunta corriqueira no meio escolar: “de que página a que página do livro vai cair na prova?”

Essa pergunta, embora inadequada, não deixa de mostrar o caráter de importância que o livro didático constrói no dia-a-dia escolar quando ele é consultado para realizar leituras de textos, resolver atividades, observar ilustrações, estudar para a prova ou ainda exigir que a correção de atividades e provas considere a argumentação que o livro didático fornece. Assim a relação entre o livro didático e o aluno é de

---

<sup>21</sup> De acordo com os artigos 32 e 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, Lei n. 9.394 de 24.12.96, o ensino fundamental e médio têm, respectivamente, duração mínima de oito e três anos.

<sup>22</sup> E. Rocha. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.16.

absoluta confiança porque seu conteúdo é aceito como verdadeiro e pontual na medida em que o auxilia a mudar de série.

A credibilidade que o livro didático transmite tende a transformá-lo num livro de caráter 'científico' e sob o respaldo dessa 'cientificidade' o aluno o concebe como livro fidedigno e criterioso. Por exemplo, o livro didático de História é visto, aceito e manuseado como se fosse o 'Livro da História', ou seja, o livro que apresenta a veracidade dos fatos e a totalidade dos processos históricos. Destarte, o aluno, por acreditar que nenhuma informação ou explicação é preterida pelas páginas do seu livro didático de História, tende a transformá-lo em livro fidedigno e inquestionável. Aqui, deve-se ter em mente que esta interpretação não está restrita ao livro didático de História porque se estende a todos os outros didáticos utilizados pelo aluno, transformando-os em 'Livro da Matemática', 'Livro da Biologia', 'Livro da Geografia', 'Livro da Ciência', etc.

Em decorrência dessa alta credibilidade, importância e influência que os didáticos têm na vida do aluno torna-se imprescindível a verificação das informações que eles transmitem por meio de textos, ilustrações ou atividades propostas. E, nessa pesquisa, escolheu-se verificar os textos relativos ao Islã, apresentados pelos livros didáticos de História destinados ao ensino fundamental no período de 1985 a 2004, e compará-los com os textos oficiais do Islã, fornecidos pelas Fontes Islâmicas. Isto é, os textos que abordam o Islã nos livros didáticos e as informações aceitas e seguidas pelos muçulmanos, com a finalidade de verificar divergências ou convergências existentes nas informações que o aluno recebe sobre esse tema.

## CAPÍTULO II

### AS FONTES ISLÂMICAS

Como já fora ressaltado as informações a respeito do Islã trazidas pelos livros didáticos de História passam a ser comparadas com as trazidas pelas Fontes Islâmicas. Contudo, antes de seguir com a comparação propriamente dita, a fim de destacar as divergências entre ambas, torna-se ímpar lembrar quais são essas fontes.

As Fontes Islâmicas aceitas pelo Islamismo e na qual se baseia o conjunto de leis (a *šarīʿah*)<sup>23</sup>, são elas: o Alcorão (o livro sagrado), a Tradição (a *sunnah*), o Consenso (o *ʾijmāʿ*) e a Medida (o *qiyās*).

#### 1. O Alcorão (*Alqurʿān*)

O Alcorão, livro sagrado do Islã, de acordo com a crença islâmica foi revelado em língua árabe ao Profeta Maomé por intermédio do anjo Gabriel (*almalāk Jibrīl*), tido como o anjo responsável por anunciar a vontade divina. Em árabe *Alqurʿān* significa ‘leitura ou recitação’; seu texto expressa as palavras de Deus para toda a humanidade.

Estruturalmente o texto corânico está dividido em cento e catorze capítulos (*suras* ou *suratas*), os quais contêm seis mil, duzentos e trinta e seis versículos<sup>24</sup> (*ʾāyāt*). O número de versículos em cada capítulo é variável, sendo que o capítulo com o maior número de versículos, precisamente duzentos e oitenta e seis, é o de “A Vaca” (*Albaqarah*) e os menores capítulos são: “A Era” (*Alʿaṣr*), “A Abundância” (*Alkawṭar*)

---

<sup>23</sup> O termo *šarīʿah* do verbo *šaraʿa*, que significa “legislação” e “caminho para água” é utilizado pela teologia islâmica como sinônimo de lei por considerar que a água está relacionada à manutenção e a purificação da vida. Assim, a *šarīʿah* é reconhecida como a lei necessária para a construção e a manutenção de uma sociedade justa e harmoniosa, a qual deve agir em consonância com a orientação divina. A *šarīʿah* é composta por um conjunto de regras que estipulam e classificam, em lícitas (*halāl*) ou ilícitas (*ḥarām*), as atitudes, os procedimentos e o comportamento do muçulmano em todos os setores de sua vida, por exemplo: a vida religiosa, a familiar, a social, a econômica, etc. Vale registrar que Yossef Al-Karadhawi em *O lícito e o ilícito no Islam*. São Bernardo do Campo: Alvorada, [s.d.], p. 27-522, especifica e dá exemplos de algumas das determinações da *šarīʿah*, e Peter Demant, em *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 46, informa que os atos lícitos e ilícitos, constantes na *šarīʿah*, são classificados nas seguintes categorias: obrigatórias, recomendáveis, neutras, rejeitáveis e proibidas. Em árabe, essas categorias, respectivamente, recebem os nomes de: *wājib*, *marḡūb*, *muḥāyid*, *marfūḍ* e *ḥarām*.

<sup>24</sup> Se considerar a frase ‘Em nome de Deus, Clemente e Misericordioso’ (*Bismi-LLāhi-rraḥmani-rraḥīm*) como um versículo, não numerado, que antecede cento e doze dos cento e catorze capítulos do Alcorão, o número de versículos se eleva para seis mil, trezentos e quarenta e oito versículos. Esta frase não é computada nos capítulos A Abertura (*Alfāṭihah*) e O Arrependimento (*Attawbah*) por, respectivamente, integrar e não anteceder os versículos destes capítulos.

e “O Socorro” (*Alnaşr*), com três versículos cada um.

A organização seqüencial tanto dos capítulos como dos versículos, de acordo com a crença islâmica, coube a Deus que por meio do anjo Gabriel indicava ao profeta Maomé o lugar, no texto corânico, onde cada versículo deveria ser posicionado uma vez que a revelação dos capítulos foi se dando de modo fragmentário. Por exemplo, o capítulo “As Dunas” (*Al’ahqāf*) teve seus versículos revelados de forma não-seqüencial, não-contínua, enquanto alguns capítulos, como “A Alvorada” (*Alfalaq*), foram revelados na íntegra. Vale registrar que os primeiros versículos revelados ao Profeta Maomé constam no nonagésimo sexto capítulo denominado de “O Coágulo” (*Al’alaq*) e o último versículo foi incluído no segundo capítulo corânico, “A Vaca” (*Albaqarah*). O primeiro capítulo corânico é intitulado de “A Abertura” (*Alfātiḥah*), com sete versículos e o último, “Os Humanos” (*Annās*), com seis versículos.

Aceita-se que quando Maomé faleceu em 632 o texto corânico já estava concluído e a ordem seqüencial dos capítulos e dos versículos, determinada. Aos sucessores de Maomé, no comando da comunidade islâmica (*’ummah*), restaram duas tarefas relacionadas ao livro sagrado do Islã: a preservação do texto original e a reunião de todos os versículos em um único volume, pois os versículos haviam sido registrados sobre diversos tipos de materiais, como pergaminhos, pedaços de pedras, ossos de animais e folhas de árvores. Esta tarefa teria sido concluída no governo de ‘Uṭmān Bin-‘Affān, o terceiro califa do Islã.

A revelação corânica levou vinte e três anos<sup>25</sup> para ser completada. Os estudiosos costumam dividir os capítulos corânicos segundo o lugar de sua revelação, a que dão o nome de ‘mequenses’, aos versículos revelados na cidade de Meca e de ‘medinenses’, aos revelados na cidade de Medína.

A fase mequense se relaciona ao período anterior a Hégira<sup>26</sup> (*Alhijrah*), durante os treze anos da missão profética de Maomé em Meca. Note-se que, nessa fase, os capítulos são mais curtos e os versículos são apresentados através de uma linguagem admoestativa. Dentre os temas abordados, pode-se destacar: o convite ao monoteísmo [Alcorão, 112:1-4], a soberania divina [Alcorão, 35:1-2], a misericórdia de Deus [Alcorão, 06:133], a revelação do Alcorão [97:1-5], a missão profética de Maomé [Alcorão, 07:158], os profetas que antecederam Maomé [Alcorão, 10:47], a crença no

<sup>25</sup> O período de vinte e três anos é computado pelo calendário lunar. Deve-se registrar que pelo calendário solar o mesmo período teria sido de vinte e dois anos.

<sup>26</sup> Mais detalhes sobre a Hégira (*Alhijrah*) no capítulo IV, item 02.

Dia do Juízo Final [Alcorão, 56:1-3] e o impasse existente entre os muçulmanos e os politeístas de Meca [Alcorão, 08:30-36].

A fase medinense abrange o período pós-Hégira, em Medina, quando a comunidade muçulmana já estava concretizada. Nessa fase, os capítulos são mais longos trazendo as regras que deveriam orientar a comunidade recém formada. A linguagem traz tom normativo necessário e adequado àquele momento. Entre essas regras pode-se citar as de cunho social [Alcorão, 02:180], as alimentares [Alcorão, 05:05], as comportamentais [Alcorão, 33:36], as penais [Alcorão, 04:15-8], além do estabelecimento de quatro dos cinco pilares do Islã<sup>27</sup>: a oração (*aṣṣalāt*) [Alcorão, 17:78-9], a esmola (*azzakāt*) [Alcorão, 02:43], o jejum (*aṣṣawm*) durante o mês de Ramadã [Alcorão, 02:187] e a peregrinação (*alḥajj*) [Alcorão, 22:27].

Os muçulmanos consideram como original apenas o texto corânico fixado em árabe; deste modo, a qualquer tradução do texto árabe, para outro idioma, não se confere o mesmo valor dado ao texto original; em outras palavras, a tradução não passa de um *tafsīr*, ou seja, explicações a respeito dos significados dos versículos corânicos, e com tal pode ser em qualquer idioma. Justifica-se tal atitude por meio de dois argumentos: o primeiro é religioso e o segundo, de certo modo, técnico. O primeiro argumento é que a revelação se deu em língua árabe ([Alcorão, 12:02, 13:37, 16:103, 42:07]), o que acabou conferindo a esta língua um *status* sagrado, e, assim, qualquer tradução poderia profaná-lo. O segundo argumenta em base lingüística, no sentido técnico, pois, segundo os muçulmanos, a tradução pode agregar termos e expressões que não pertencem ao texto original e deste modo correm o risco de criar significados díspares entre o texto original e o texto traduzido.

A doutrina islâmica determina ao muçulmano, árabe ou não, que as orações rituais obrigatórias: a oração da alvorada, a oração do meio-dia, a oração da tarde, a oração do crepúsculo e a oração da noite (respectivamente *ṣalāt alḥajr*, *ṣalāt adduhr*, *ṣalāt afʿaṣr*, *ṣalāt almaḡrib* e *ṣalāt afʿiṣāʿ*) sejam realizadas em língua árabe, quando trechos do Alcorão devem ser recitados em língua original. Porém, as súplicas (*duʿāʿ*), dirigidas a Deus, podem ser realizadas em qualquer outro idioma.

---

<sup>27</sup> A Declaração de Fé (*ṣahādah*) é o primeiro pilar do Islã; foi mencionada, primeriramente, nos versículos pertencentes à fase mequense, mas consta também dos da fase medinense (ver Alcorão: [02:163],[06:19],[38:65] e [48:08]).

## 2. A Tradição (*assunnah*)

*Sunnah*, em árabe, significa ‘o caminho percorrido pelos antepassados’. Na teologia islâmica o termo é empregado para indicar procedimentos, atitudes e atos praticados pelo profeta Maomé durante situações rotineiras de sua vida, tais como: a maneira como realizava suas orações, cumprimentava as pessoas, se alimentava ou como se vestia. Desta forma, a *sunnah* se torna para o muçulmano um modelo de atitudes exemplares a serem seguidos. A *sunnah* é transmitida por meio de narrativas (*'ahādīṭ*, *sing. ḥadīṭ*).

O *ḥadīṭ* é composto por um conjunto de relatos constituídos, geralmente, por uma breve narrativa que apresenta ditos, instruções, procedimentos e orientações do profeta em diversas situações cotidianas. De acordo com a crença islâmica os *'ahādīṭ* começaram a ser reunidos logo após a morte de Maomé e era dever dos muçulmanos transmiti-los para a geração seguinte sem acrescentar ou retirar deles quaisquer palavras.

Entretanto, para que um *ḥadīṭ* seja aceito como verdadeiro, ele deve passar por um exame<sup>28</sup> rigoroso, e duas características essenciais devem ser verificadas: o texto do *ḥadīṭ* (*al-matn*), e a relação nominal do primeiro ao último narrador do *ḥadīṭ* em questão, ou seja, a cadeia de transmissão, (*al-'isnād*). Geralmente, no final de cada *ḥadīṭ*, cita-se o nome de seu compilador, o responsável por realizar viagens no mundo islâmico a fim de certificar a veracidade do *matn* e do *'isnād*, ou, ainda recolher novos *'ahādīṭ*<sup>29</sup>. De forma geral, o *ḥadīṭ*, se inicia pelo nome da pessoa que escutou o profeta Maomé pronunciá-lo e termina com o nome do compilador do *ḥadīṭ*, por exemplo: “O companheiro Abdullah Ibn Amar Ibn Al Ás (que Deus se compraza dele), tratava muito bem seus vizinhos e também recomendava ao seu empregado que desse carne do sacrificio ao vizinho judeu, repetindo a recomendação mais e mais vezes, até que o empregado ficou impressionado e o questionou sobre o segredo desse tratamento especial para com o vizinho judeu. Disse Abdullah (que Deus se compraza dele): O profeta (que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele) disse: ‘O anjo Gabriel insistiu tanto em recomendar o bem ao vizinho, que até pensei que lhe daria o direito de

<sup>28</sup> Mustafa Azami em: [www.sbmj.org.br/page4pthadith.htm](http://www.sbmj.org.br/page4pthadith.htm), apresenta a classificação pomenorizada dos *'ahādīṭ* na qual destaca o *ḥadīṭ* autêntico (*alḥadīṭ aṣṣahīḥ*), o *ḥadīṭ* bom (*alḥadīṭ alhasan*) e o *ḥadīṭ* fraco (*alḥadīṭ addá'if*).

<sup>29</sup> Dentre os responsáveis pela compilação dos *'ahādīṭ*, observando o *matn* e o *'isnād*, destacam-se entre outros: *Abū-Dāwūd*, *Albuḥārīy* (que teria colecionado aproximadamente seiscentos mil *'ahādīṭ*), *Atirmidī*, *Muslim* e *Alnisā'ī*.

herança' (Sahih Albukhari)<sup>30</sup>.

Desta forma, a *sunnah* é considerada a segunda fonte mais importante, após o Alcorão de onde a *šarī'ah* extrai sua base legislativa. Por isso, para o muçulmano que pautar, ou pelo menos tenta pautar, a maior parte de suas ações nos exemplos indicados pelos *'ahādīṭ*, estaria agindo em conformidade com a *sunnah* do profeta do Islã.

### 3. O Consenso (*al'ijmā'*)

O consenso (*'ijmā'*) pode ser considerado como a terceira fonte da *šarī'ah*. A busca pelo *ijmā'* é uma tentativa para chegar a um denominador comum, a um único direcionamento sobre determinado assunto, o qual não teve ponderações no Alcorão e nem na *sunnah*.

No contexto islâmico, o *ijmā'* remonta à época posterior ao profeta Maomé quando a comunidade islâmica não podia mais recorrer à presença física de seu profeta para arbitrar e deliberar sobre questões que envolviam os muçulmanos. O *ijmā'*, por exemplo, foi responsável pelas seguintes determinações na história do islamismo:<sup>31</sup> a indicação de Abū-Bakr como sucessor de Maomé no comando da comunidade islâmica; a reunião de todos os capítulos e versículos do Alcorão em volume único; a determinação da sucessão hereditária para o recebimento da herança; a proibição de consumir a gordura da carne de porco<sup>32</sup> e a recitação do primeiro capítulo do Alcorão, 'A Abertura' (*Alfātiḥah*), antes de cada genuflexão (*rukūc*) como uma das condições elementares para validar a oração do muçulmano.

### 4. A Medida (*alqiyās*)

O termo *qiyās*, na teologia islâmica, foi empregado com o objetivo de possibilitar comparações e de realizar analogias para estabelecer relações de semelhança entre temas que surgiram na comunidade islâmica após a morte de Maomé, quando

<sup>30</sup> S. El-Aed. *O direito dos não-muçulmanos sob um governo islâmico*. São Bernardo do Campo: Assembléia Mundial da Juventude Islâmica, 2003, p. 60.

<sup>31</sup> Estes exemplos foram colhidos de *Abdul-wahāb Ḥalaf* em: *'ilm 'uṣūl alfiqh*. Cairo, Egito: Dar Alkalām, 1977, p.48-52.

<sup>32</sup> Como o consumo da carne de porco já era proibido, a comunidade islâmica não entendia se esta proibição se estenderia também ao consumo da gordura da carne de porco.

esses temas não constavam nos textos do Alcorão e dos *'aḥādīṭ*.

Desta forma, recorre-se ao *qiyās* para obter um posicionamento que será considerado oficial frente aos temas que não foram abordados nas outras fontes do Islã. Por exemplo, a proibição do uso de entorpecentes é derivada, por analogia, da proibição do consumo de bebidas alcoólicas [Alcorão, 02:219] pois pelo *qiyās*, julgou-se que seus efeitos no organismo humano são semelhantes aos da bebida alcoólica. Entre outras situações em que se recorre ao *qiyās* destacam-se as seguintes<sup>33</sup>: a herança vedada ao herdeiro: o descendente perde o direito à herança se assassinar o seu ascendente; o testamento: o beneficiado por um testamento perde o direito à herança se assassinar o seu beneficiador; a assinatura de documentos: a impressão digital depositada em documentos é reconhecida como assinatura válida e a proibição de realizar negócios durante a oração coletiva da sexta-feira (*salāt aljumu'ah*): é proibida a locação de imóveis<sup>34</sup>, ou, a realização de atividades afins entre a chamada para o início da oração (*'āḍān*) até o final da oração coletiva da sexta-feira.

Destarte como essas quatro fontes, o Alcorão, a Tradição, o Consenso e a Medida, são consideradas as Fontes Oficiais do Islã serão utilizadas nessa pesquisa como base de comparação para verificar e rebater as informações, sobre o Islã, que os Livros didáticos de História apresentam em seus textos direcionados ao ensino fundamental de quinta a oitava série.

---

<sup>33</sup> A. Ḥalaf. *op. cit.*, p. 52-5.

<sup>34</sup> O Alcorão [62:09] proíbe a realização de negócios durante a constância da oração coletiva de sexta-feira, porém, havia dúvidas na comunidade muçulmana se a locação de imóveis estaria incluída nesta proibição.



### CAPÍTULO III

#### DIVERGÊNCIAS FACTUAIS

Como foi dito na introdução, as divergências existentes entre as Fontes Oficiais do Islã, aqui adotadas como base de comparação, e os Livros didáticos de História<sup>35</sup> destinados aos alunos da quinta à oitava série do ensino fundamental foram divididas em divergências factuais e conceituais. Neste capítulo, dá-se destaque às divergências factuais.

#### 1. O termo *Allāh*

*Allāh* (Deus), em árabe, é um termo formado pela união do artigo definido *al* + o substantivo *ilāh* (divindade). O significado literal dessa união é 'o deus', isto é, Deus. O termo *Allāh* pode ser empregado por qualquer pessoa para se referir ao princípio da fé monoteísta (Deus) e ele não está vinculado só ao Islã ou aos muçulmanos. No entanto, *Allāh* é um dos termos árabes que geralmente os L.D.H. trazem quando apresentam um resumo sobre a história da religião islâmica, dentro do processo de expansão da civilização árabe, a partir do século VII. Destacam-se aqui algumas das passagens encontradas nos L.D. H., que compõem o *corpus* desta pesquisa:

- ARRUDA: [...] *Em 610, ao completar 40 anos, teve uma visão do anjo Gabriel. Nessa visão, o anjo lhe disse que "havia um só deus, Alá, e um só profeta, Maomé". A partir de então, Maomé passou a denominar-se o profeta do deus Alá.*<sup>36</sup>
- AZEVEDO: "Não há outro deus que Alá, e Maomé é seu profeta". *Este Deus é todo-poderoso. Ele criou o universo e os homens.*<sup>37</sup>
- BRAICK e MOTA: *Segundo a crença muçulmana, Alá, o verdadeiro e único Deus, não tem filhos, a não ser no sentido universal de que todos são seus filhos. Os muçulmanos rejeitam a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), porque ela vai contra a idéia de que Deus é absoluto.*<sup>38</sup>

<sup>35</sup> Doravante a sigla L.D.H. representa o Livro Didático de História.

<sup>36</sup> J. Arruda. *História Integrada: da Idade Média ao nascimento do mundo moderno*. V.2. 4.ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 12. O mesmo texto consta no livro: *História Total 3: Antiguidade e Idade Média*, nas edições de 1998, p. 212 e 2001, p. 212.

<sup>37</sup> L. Azevedo. *A História dos povos: sociedade mundial: antiga e Medieval*. São Paulo: FTD, 1988, p. 174.

<sup>38</sup> P. Braick e M. Mota. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 41.

- CAMPOS [...] *Por volta dos 40 anos começou a pensar e a pregar em Meca uma nova religião monoteísta, afirmando que só existia um Deus, que era Alá, e que ele, Mohammad, era o seu profeta.*<sup>39</sup>
- CARMO e COUTO: *O princípio básico da religião islâmica é a crença em um único deus, Alá, e em seu profeta, Maomé.*<sup>40</sup>
- COTRIM e ALENCAR: *O conteúdo básico da fê muçulmana está contido em cinco regras essenciais: 1. Acreditar em Alá, o Deus todo-poderoso, e em Maomé, o seu grande profeta; [...].*<sup>41</sup>
- FARIA, MARTINS e BERUTTI: *Para regular o dever da prece diária, obrigatória para os muçulmanos, os templos possuem um minarete, do alto do qual o almuadem (espécie de sacerdote) convoca os fiéis para fazerem suas orações a Alá, seu Deus.*<sup>42</sup>
- GIOVANI, JUNQUEIRA e TUONO: *As idéias de Maomé estão contidas no livro sagrado do islamismo - o Corão ou Alcorão-, sendo algumas delas a crença em um único deus, Alá, e seu profeta, Maomé, na imortalidade da alma, [...].*<sup>43</sup>
- HERMIDA: *Como dogma central, o islamismo afirma: "Alá é o único Deus e Maomé, seu último e maior profeta".*<sup>44</sup>
- MACEDO e OLIVEIRA: [...] *Esta crença, professada pelos seguidores do profeta Maomé (569-632), baseava-se na existência de um único Deus, chamado Alá. [...].*<sup>45</sup>
- MARANHÃO e ANTUNES: [...] *Para essa religião, Alá é o único Deus; ela estabelece também rígidos preceitos de moral, de hábitos cotidianos e de higiene. [...].*<sup>46</sup>
- MARQUES, BERUTTI e FARIA: *Em Meca nasceu Maomé ao atingir a maturidade iniciou a pregação de uma nova religião de caráter monoteísta. Para ele só havia um deus: Alá.*<sup>47</sup>

<sup>39</sup> R. Campos. *História Geral: 1 grau*. São Paulo: Atual, 1985, p. 136. Na edição de 1991, p. 139 a palavra *Mohammad* é substituída por *Maomé*.

<sup>40</sup> S. Carmo e E. Couto. *Da Pré-história à sociedade feudal*. São Paulo: Atual, 1996, p. 124. O mesmo texto consta nas edições de 1997, p. 134 e 2002, p.188.

<sup>41</sup> G. Cotrim e A. Alencar. *História Geral: para uma geração consciente: Antiga e Medieval*. 7 série. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1985, p. 127.

<sup>42</sup> R. Faria, A. Martins e F. Berutti. *História e Companhia*. 6. série. Belo Horizonte: Lê, 1998, p. 14.

<sup>43</sup> M. Giovanni, Z. Junqueira e S. Tuono. *História: compreender para aprender*. 6. série. São Paulo: FTD, 1998. p.42.

<sup>44</sup> B. Hermida. *História Geral: antiga e medieval*. São Paulo: FTD, 1994, p.190.

<sup>45</sup> J. Macedo e M. Oliveira. *Uma história em construção*. São Paulo: Ed. Do Brasil, 1999, p. 181.

<sup>46</sup> R. Maranhão e M. Antunes. *Trabalho e civilização: do ocidente ao Oriente: do século V ao século XVII*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 30.

<sup>47</sup> A. Marques, F. Berutti e R. Faria. *História: os caminhos do homem*. v.2. 2.ed. Belo Horizonte: Lê, 1991, p. 20.

- MATTOS: [...] *idéias religiosas de Maomé que pregava a existência de um só deus, Alá, sendo ele o seu profeta. [...] segundo as visões divinas, deveria criar uma religião monoteísta, afirmando ser Alá o único deus.*<sup>48</sup>
- MOCELLIN: *Alá é o único Deus e Maomé é o mais importante dos profetas.*<sup>49</sup>
- PILETTI e PILETTI: [...] *Continuou a fazer peregrinação ao monte Hira e teve outras visões do anjo, que sempre lhe repetia: “Há um só deus, Alá, e um só profeta, Maomé”.*<sup>50</sup>
- VALADARES, RIBEIRO e MARTINS: *Quando tinha em torno de 40 anos de idade, Maomé acreditou receber mensagens que falavam da existência de um único deus, Alá, e ordenavam que ele fosse o seu profeta, difundindo a fé monoteísta.*<sup>51</sup>
- VICENTINO: *Dizia ele que tivera uma visão em que o anjo Gabriel o incumbira de pregar o monoteísmo: “Alá é o único Deus e Maomé é seu profeta” (essa frase está registrada na abertura do livro sagrado escrito a partir dos ensinamentos de Maomé - o Corão). Alá é o nome com qual se denomina Deus no islamismo (ou Allah).*<sup>52</sup>

Pode-se constatar através dessas citações que o termo *Allāh* aparece relacionado à palavra ‘deus’ escrita com letra maiúscula e minúscula quando os L.D.H. mencionam a primeira parte da Declaração de Fé (*šahādah*) da religião islâmica, na qual o muçulmano atesta a existência da unicidade de Deus. Nessa menção, os L.D.H. não informam que “Alá/Allah” é o termo usado em árabe e equivale ao termo ‘Deus’, em português. Na medida em que não há a especificação do significado do termo *Allāh* no L.D.H., de forma clara, objetiva e didática pode-se abrir um precedente para que o termo árabe seja observado e interpretado como se fosse o nome de um ‘deus’, como por exemplo, na cultura grega (Grécia Antiga), Ares era o nome do ‘deus da Guerra’ e Apolo, o nome do ‘deus Sol’. [Aqui vale fazer o seguinte registro: o aluno do ensino fundamental, público-alvo dos L.D.H., não detém conhecimento da língua árabe].

<sup>48</sup> H. Mattos. *Vivenciando a História: das sociedades primitivas à formação do capitalismo*. São Paulo: Editora do Brasil, 1990, p.101.

<sup>49</sup> R. Mocellin. *História antiga e medieval*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1985, p. 78.

<sup>50</sup> N. Piletti e C. Piletti. *História e Vida: da Pré-história à Idade Média*. v. 3. ed. 21. São Paulo: Ática, 1997, p. 153. Texto adaptado de: *História Antiga e Medieval*. José Jobson de A Arruda. São Paulo: Ática, 1996, p.304-7. O mesmo texto consta na edição de 2002, p. 143.

<sup>51</sup> V. Valadares, V. Ribeiro e S. Martins. *História: assim caminha a humanidade*. 6. série. Belo Horizonte: Ed. do Brasil, 1992, p. 33.

<sup>52</sup> C. Vicentino. *Viver a história*. 6. série. São Paulo, Scipione. 2002. p.32. Com exceção de: *essa frase está registrada na abertura do livro sagrado escrito a partir dos ensinamentos de Maomé - o Corão*, o mesmo texto consta nos livros: *História Integrada: da Pré-história à Idade Média*. 5. série. São Paulo: Scipione, 1995, p.106. e *História: memória viva: da Pré-história à Idade Média*. 7. série. São Paulo: Scipione, 1998, p. 126

Para Mandel a interpretação do termo *Allāh* como sendo o nome de um deus, é totalmente equivocada porque deriva do “conceito expresso por ‘alguns estudiosos ocidentais, para quem Allahu é o nome específico do Deus dos muçulmanos’<sup>53</sup> e não o termo universalmente utilizado na língua árabe para se referir a Deus sem vinculá-lo especificamente a uma religião.

Sinalizando que *Allāh* não é o deus exclusivo dos muçulmanos e que o termo usado varia de acordo com a língua que o utiliza, Williams afirma que:

*O ponto de partida da religião islâmica, o artigo central de fé, do qual tudo mais deriva, pode ser estabelecido como segue: Deus (o único Deus, seja ele: al-Ilah, em árabe; El, Elohim, Jahweh, em hebreu; Khuda ou Yazdan, em persa; Tanri em turco; Theos, em grego; Deus, em latim; God, em inglês corrente) falou ao homem no Alcorão.*<sup>54</sup>

Nesta afirmação Williams apresenta que Deus, no Alcorão, se dirige à humanidade e não exclusivamente aos muçulmanos [Alcorão, 49:13] e que não existe um termo universal aplicável a todas as línguas faladas na Terra para designar Deus. Desta forma, cada língua apresenta seu próprio termo para essa designação, como por exemplo, Deus, em português ou *Gott*, em alemão. Portanto, Williams indica que o termo *Allāh* não deve ser utilizado, particularizado ou personificado como sendo o nome de um ‘deus árabe’, ou, o nome do ‘deus dos muçulmanos’.

Divergindo da indicação feita por Williams, dentre os L.D.H. supracitados, pode-se destacar Arruda e Faria, por não informar que o termo *Allāh* seria equivalente ao termo ‘Deus’, em português, e por terem apresentado o termo árabe como sendo o nome do deus adorado pelos muçulmanos no momento em que particularizam que Maomé é “o profeta do deus Alá”<sup>55</sup> e que os muçulmanos realizam “suas orações a Alá, seu deus”<sup>56</sup>.

Arruda e Faria transformaram o que poderia ser uma redundância no uso do termo árabe ao lado do termo em português (*Allāh*=Deus) na existência de um deus particular do Islã e essa transformação pode ocasionar a formação de preconceitos porque não permite a identificação da religião islâmica como fé monoteísta tradicional e

<sup>53</sup> G. Mandel. *Os noventa e nove nomes de Deus no Alcorão*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 20.

<sup>54</sup> J. Williams. *Islamismo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1964, p. 09.

<sup>55</sup> J. Arruda, *loc. cit.*

<sup>56</sup> R. Faria, A. Martins e F. Berutti, *loc. cit.*

os muçulmanos como devotos do mesmo Deus adorado e reverenciado por cristãos e judeus.

A continuidade da aceção do termo *Allāh* como termo exclusivamente relacionado com a religião islâmica também pode ser observada em Vicentino ao afirmar que: “Alá é o nome com qual se denomina Deus no islamismo (ou Allah)”<sup>57</sup>. Esta afirmação apesar de não transformar o termo *Allāh* no nome de um deus, vincula-o apenas a religião islâmica porque não informa que o termo *Allāh* é de origem árabe e não islâmica e que ele é utilizado por judeus, cristãos, muçulmanos e qualquer outra pessoa que se reporte em árabe a Deus.

Outra observação que pode ser feita ao texto didático de Vicentino diz respeito à afirmação de que a frase: “Alá é o único Deus e Maomé é seu profeta”<sup>58</sup> estaria registrada na abertura do Alcorão. Após consultar o Alcorão pode-se afirmar que a primeira frase corânica é ‘Em nome de Deus, Clemente e Misericordioso’ (*Bismi-LLāh-rraḥmani-rraḥīm*). Esta frase constitui o primeiro versículo, do primeiro capítulo corânico intitulado ‘A Abertura’ (*Alfātiḥah*). A frase mencionada por Vicentino se refere à Declaração de Fé (*šahādah*) da religião islâmica, primeiro pilar do Islã, e encontra-se presente em vários versículos do Alcorão<sup>59</sup> [45:36 e 47:02], porém, não é a primeira ‘frase’ do Alcorão, conforme a afirmação feita por Vicentino.

De forma geral os L.D.H. não optaram por apresentar expressamente que *Allāh* é um termo árabe, deixando tal interpretação a cargo do aluno do ensino fundamental, o qual não detém conhecimento prévio da religião islâmica e nem da língua árabe e, considerando ainda que o termo *Allāh*, no contexto didático, sobressai e se destaca ao seu significado em português, por ser incomum ao vocabulário habitual desse aluno, esse destaque contribui para que o termo árabe seja relacionado apenas a religião islâmica e aos muçulmanos e não aos falantes da língua árabe, como por exemplo, judeus e cristãos árabes.

Por esta razão seria mais esclarecedor se o L.D.H. não deixasse apenas subentendido no corpo do texto que *Allāh* e Deus têm o mesmo significado. Certamente para o aluno, o termo *Allāh*, antecedido ou pós-escrito a palavra deus, com letra maiúscula ou minúscula, sem uma referência clara e direta do seu significado em português, pode contribuir para que o termo árabe seja decodificado como sendo o

<sup>57</sup> C. Vicentino. *Viver...* 2002, p. 32

<sup>58</sup> C. Vicentino, *loc. cit.*

<sup>59</sup> Por questão estética, para evitar a redundância de palavras no texto, quando a palavra Alcorão anteceder os números dos capítulos e versículos do Alcorão, ela não constará dentro dos colchetes.

nome de um deus, de uma divindade e não apenas um termo estrangeiro presente no texto didático.

A imprudência, ou, o descuido dos L.D.H. na utilização do termo *Allāh*, no texto didático, a nosso ver, pode ser o responsável – seja qual for a transliteração adotada, Alá ou Allah – por indicar que os muçulmanos têm um deus particular chamado *Allāh*. Essa indicação na análise de Farah é desproposital porque: “Dizer que Allah é o Deus dos muçulmanos não faz sentido: equivale a dizer que God é o Deus dos norte-americanos e Dieu, o dos franceses”<sup>60</sup>. Conseqüentemente se em cada língua, a palavra Deus, for identificada como sendo o nome de uma divindade particular, pode-se dizer que o monoteísmo se transformará num verdadeiro contra-senso, ou seja, numa pluralidade de deuses monoteístas.

Em suma, os L.D.H. ao indicarem que *Allāh* é o ‘deus dos muçulmanos’ acabam transmitindo, ao aluno do ensino fundamental, a idéia de que a religião islâmica cultua um deus exclusivo e que o monoteísmo islâmico se refere ao culto desse deus; e que, conseqüentemente, não apresenta nenhuma vinculação com a fé monoteísta, que engloba judeus e cristãos. Portanto, no processo de transmissão das informações sobre a religião islâmica, qual seria a contribuição do L.D.H. elaborado na perspectiva de que *Allāh* refere-se exclusivamente ao Islã e aos muçulmanos?!

## 2. O termo ‘Maometismo’

‘Religião maometana’, ‘doutrina maometana’, ‘maometanismo’ e ‘maometanos’ são termos freqüentemente utilizados pelos L.D.H. para se referirem à religião islâmica, sua doutrina e seus adeptos, especialmente nos livros que constituem o *corpus* dessa pesquisa.

Destacam-se a seguir alguns dos autores que lançaram mão desses termos:

- ARAÚJO: *A Doutrina Maometana: a doutrina de Maomé está contida no Alcorão ou Corão, ensinava a existência de um só Deus (Alá)*.<sup>61</sup>
- BARBOSA FILHO E STOCKLER: *Tendo sido por muito tempo guia de caravanas, Maomé percorreu o Egito, a Palestina e a Pérsia, conhecendo novas*

<sup>60</sup> P. Farah. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001, p. 98.

<sup>61</sup> A. Araújo. *História: 7, antiga e medieval*. São Paulo: Editora do Brasil, 1985, p.105.

religiões [...] Os crentes na nova religião eram chamados muçulmanos ou maometanos.<sup>62</sup>

- BONI: *A religião dos árabes: Maometano, islamita e muçulmano são denominações equivalentes, ou seja, referem-se aos adeptos da mesma religião. Maometano reporta-se ao profeta Maomé; islamita, ao termo islam, que significa submissão a Deus; muçulmano vem de muslim, que quer dizer crente.*<sup>63</sup>
- COTRIM: *Maomé (570-632) foi o fundador do islamismo, religião monoteísta, também chamada de religião muçulmana ou maometana.*<sup>64</sup>
- DANTAS: *Apesar das influências do judaísmo e do cristianismo na doutrina maometana [...] há algumas diferenças.*<sup>65</sup>
- LUCCI: [...]. *Assim, nasceu sua doutrina, o Islamismo ou Maometismo, que se caracterizava pelo monoteísmo religioso, pois, segundo Maomé, só existe um Deus, Alá, o criador de todas as coisas.*<sup>66</sup>
- MOCELLIN: *Muçulmano: do árabe muslim, “fiel, entregue ao Islã”; o mesmo que maometano, islamita.*<sup>67</sup>
- SANTOS: [...] *Atualmente, a religião islâmica (também chamada muçulmana ou maometana) é seguida por quase todos os árabes e também por outros povos, principalmente na Ásia e na África.*<sup>68</sup>
- SARONI: *Painel de informações: Os vários nomes da religião dos árabes são islamismo (de islam), muçulmano (de muslim) e maometanismo (de Maomé).*<sup>69</sup>
- SILVA: [...]. *Portanto, o seguidor dessa doutrina, também chamado islamita e maometano, é aquele que se entrega por completo a Alá, renunciando à crença na existência de outros deuses.*<sup>70</sup>
- TOTA e LIMA: [...]. *O crente que se submete à vontade de Allah é o muçulmano. Os fiéis são também chamados maometanos, de Maomé, o fundador da religião.*<sup>71</sup>

<sup>62</sup> M. Barbosa Filho e M. Stockler. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Scipione, 1993, p. 93.

<sup>63</sup> A. Boni. *História Geral 7: antiga e medieval*. São Paulo: FTD, 1993, p. 169.

<sup>64</sup> G. Cotrim. *História e consciência do mundo, 1: da Pré-história à Idade Média*. São Paulo: Saraiva, 1997, p. 140.

<sup>65</sup> J. Dantas. *História geral*. São Paulo: Moderna, 1985, p. 103.

<sup>66</sup> E. Lucci. *História Geral: 1. grau*. São Paulo: Saraiva, 1985, p. 144.

<sup>67</sup> R. Mocellin. *Brasil: para compreender a história. 7. série*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1997, p. 162.

<sup>68</sup> M. Santos. *História antiga e medieval*. São Paulo: Ática, 1990, p. 148.

<sup>69</sup> F. Saroni. *Registrando a História, 3: Antiga, Idade Média*. São Paulo: FTD, 1997, p. 193.

<sup>70</sup> F. Silva. *História: do mundo medieval ao período colonial brasileiro*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 22.

A afirmação de que o termo ‘maometismo’ designa a religião islâmica também consta nos seguintes livros de Silva: *História geral: antiga e medieval. 7. série. 1. grau*. São Paulo: Moderna, 1985, p. 102 e *História Geral: 1. História antiga e medieval. 1. grau*. São Paulo: Moderna, 1994, p. 114.

<sup>71</sup> A. Tota e L. Lima. *História por eixos temáticos. 6. série*. São Paulo: FTD, 2002, p. 209.

- VICENTINO: *Muçulmanos, maometanos, islamitas e islâmicos são denominações comuns para os seguidores da religião de Maomé.*<sup>72</sup>
- VILLA e FURTADO: *As doutrinas maometanas mostravam forte influência do judaísmo, provavelmente em decorrência das relações do profeta com a comunidade judaica de Medina, cidade da qual vieram seus primeiros fiéis.*<sup>73</sup>

Os termos ‘religião maometana’, ‘doutrina maometana’, ‘maometanismo’ e ‘maometanos’ foram confrontados com as Fontes Islâmicas, adotadas como referência para a comparação, e pôde-se verificar que os termos supracitados não constam nessas fontes, que trazem os termos ‘Islã’ e ‘muçulmanos’ para se referir à religião e a seus adeptos, seguindo o que determina o Alcorão [3:19 e 22:78].

Já os termos ‘maometano’ e ‘maometanismo’ não encontram nenhuma equivalência na língua árabe. Esses termos, usados nos L.D.H., formaram-se obviamente a partir do termo “Maomé” e não do termo Islã (*Islām*) e muçulmano (*muslim*), que se derivam, em árabe, de uma raiz totalmente distinta daquela que formou o nome árabe Muḥammad, sendo que este último é formado a partir da raiz trilítere (ḥ / ح, m / م e d / د), e a palavra *Islām*, da raiz s / س, l / ل e m / م. Esse fato argumenta em bases lingüísticas a incoerência da adoção destes termos nos L.D.H. para se referir à religião divulgada pelo profeta Maomé. Esta constatação evidencia que o nome do profeta do Islã não deu origem ao nome da religião islâmica conforme os L.D.H. deixam transparecer.

Para marcar e ilustrar a divergência constatada entre os termos empregados pelos L.D.H. e os termos trazidos pelas Fontes Islâmicas, destacam-se algumas passagens da história do Islã que evidenciam que não houve nem sequer a intenção de vincular o nome de Maomé ao nome da religião islâmica, no sentido de denominar a religião pelo nome do profeta que a divulgou:

O capítulo quarenta e sete do Alcorão recebe o nome de Muḥammad, e nele é apresentada a missão profética de Maomé, a ratificação do dogma da unicidade divina, a descrição do Paraíso, a indicação das recompensas para os que seguirem os ditames do Alcorão e a punição para aqueles que não acreditarem nos versículos corânicos, além de determinar a conduta do muçulmano durante a batalha com seus opositores. Nesse capítulo ainda pode se constatar que o nome de Muḥammad é utilizado apenas para

<sup>72</sup> C. Vicentino. *Viver a História: ensino fundamental. 6. série.* São Paulo: Scipione, 2002, p.36.

<sup>73</sup> M. Villa e J. Furtado. *História geral: dos primeiros humanos à crise da Europa medieval.* São Paulo: Moderna. 1998, p.144.



denominar um dos cento e catorze capítulos do Alcorão e que em nenhum dos seus trinta e oito versículos há qualquer indicativo de que seu nome poderia inspirar o nome da religião islâmica.

Na tradição islâmica não se encontra nenhum registro que possa sugerir que Maomé tivesse indicado ou determinado que seu nome pudesse ser utilizado para denominar a religião monoteísta que ele divulgava. Porém, a história islâmica apresenta os termos que o profeta utilizava para se referir à religião e a seus praticantes, como se pode verificar nos seguintes *aḥādīṭ*:

*“Disse o Profeta Muhammad (S.A.A.S.)<sup>74</sup>: Procurar o conhecimento é uma obrigação de todo muçulmano”.*(compilado por Ibn Maja e Bayhaqui)<sup>75</sup>

*“Fadala Ibn U’baid Al Ansari – que Deus se compraza dele- narrou que ouvira o Mensageiro de Deus – a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele- dizer: Bem-aventurado seja todo aquele que for guiado ao Islam, e cuja busca pelo sustento for apenas para lhe cobrir as necessidades e, com isso, sentir-se satisfeito”.*<sup>76</sup>

*“Em um relato Abu Hurairah (que Deus o abençoe) disse que o Mensageiro de Deus -(que a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) disse: Todo muçulmano é sagrado para o outro muçulmano, seu sangue, seus bens e sua honra” (transmitido por Muslim).”*<sup>77</sup>

Os *aḥādīṭ* supracitados mostram claramente que ‘Islã’ e ‘muçulmano’ foram os termos que o profeta utilizava para exortar a mensagem monoteísta do Islã a seus contemporâneos. Ainda, da tradição, destaca-se um episódio que reforça o argumento contra a inadequação dos termos ‘maometanismo’ e ‘maometanos’ sugerindo sua

---

<sup>74</sup> No Brasil a sigla S.A.A.S. é utilizada para abreviar a expressão árabe *Ṣallā-LLāhu ‘alayhi wa sallam* (a paz e a bênção de Deus estejam com ele), que o muçulmano geralmente pronuncia ou escreve após se referir ao profeta Maomé. Essa frase constitui um traço de *sunnah*.

<sup>75</sup> S.A. Isbelle. *Islam: a sua crença e a sua prática*. Rio de Janeiro: Azaan, 2003, p.234.

<sup>76</sup> Al-Nawawi. *El paso hacia el paraíso: dichos de Muhammad el enviado de Dios*. Beltsville, U.S.A: Amaná, 1995, p.107.

<sup>77</sup> Nawawiyah. *Los cuarenta hadices*. Salimiah, Kuwait: International Islamic federation of student organizations, 1979, p.139.

inspiração no nome do profeta. Este episódio foi protagonizado por Abū-Bakr<sup>78</sup> logo após a morte de Maomé quando alguns integrantes da *'ummah* se recusavam a acreditar na morte do profeta. Para convencer a estes e comunicar aos demais sobre a veracidade da notícia, Abū-Bakr teria dito:

*“Ó gentes! Se vós adorais a Mohamad, sabei que Mohamad já morreu, mas se é a Deus que adorais, então sabei que Deus está vivo, nunca pode morrer”*. A seguir recitou o seguinte versículo do Alcorão: “Mohamad não é senão um Mensageiro, outros mensageiros vieram antes dele, acaso se ele morrer ou for morto, voltareis para trás (a incredulidade)? Quem assim proceder em nada prejudicará Deus, pois Deus recompensará os agradecidos”<sup>79</sup>.

A declaração do futuro califa revela sua preocupação com a continuação da religião islâmica e da *'ummah* após a morte do profeta, enfatizando que Maomé era humano, não tinha *status* divino e que sua tarefa era transmitir a palavra divina, portanto, o Islã deveria continuar mesmo sem a presença física do seu profeta.

De acordo com a fé islâmica, a declaração de Abū-Bakr além de ter contribuído para a preservação da mensagem monoteísta do Islã, desautorizou a cultuação de Maomé e impediu que os muçulmanos substituíssem o termo Islã, presente no Alcorão [03:85], por qualquer termo que fizesse alusão ao nome de Maomé, por este ser apenas um profeta e que esse tipo de homenagem póstuma não condiz com o monoteísmo veiculado pelo Alcorão.

Esses três momentos da história do Islã registraram que os termos ‘Islã’ e ‘muçulmanos’ foram os utilizados por Maomé e que continuam sendo usados até hoje pela comunidade islâmica, para denominar sua religião e seus adeptos, tornando assim inadequada a terminologia utilizada pelos L.D.H. que sugere que ‘maometanismo’ e ‘maometanos’ são sinônimos aplicáveis à religião islâmica e a muçulmanos.

Ademais, para Abdalati<sup>80</sup>, os termos supracitados transmitem a idéia equivocada de que Maomé seria o fundador do Islã; tal equívoco impede o não-

<sup>78</sup> Abū-Bakr é o nome pelo qual ficou conhecido ‘Abdullāh :Bin-‘Uṭmān bin-‘Amr Alqurayši, o primeiro Califa do Islã. Abū-Bakr foi também o primeiro homem livre e rico de Meca a se converter ao Islã. Sua filha ‘Āyşah casou-se com Maomé.

<sup>79</sup> A. Mohamad. *Mohammad: o mensageiro de Deus*. São Bernardo do Campo: Centro de Divulgação do Islã para a América Latina, 1989, p.420.

<sup>80</sup> H. Abdalati. *Luces sobre el islam*. Salimiah, Kuwait: International Islamic federation of student organizations, 1990, p.18.

muçulmano de compreender que, para o muçulmano, o Islã fora fundado por Deus no período adâmico e que Maomé é apenas o último dos profetas monoteístas e não o fundador do Islã. Isso leva à formulação de uma pergunta: se os muçulmanos não elaboraram os termos ‘maometismo’, ‘maometanismo’ e ‘maometanos’ onde estaria a inspiração para o aparecimento destes termos? Parece que a reflexão feita por Said a respeito do tema pode responder esta pergunta. Said sugere que, como o mundo europeu elaborou uma interpretação do Islã através de analogia, onde os pensadores cristãos utilizaram os dogmas cristãos para compreender o papel desempenhado por Maomé no Islã e deste processo analógico resultou “o polêmico nome de *maometanismo* dado ao islã, e o epíteto automático de *impostor* aplicado a Maomé”<sup>81</sup>, porque através dessa analogia, os pensadores cristãos deduziram que Maomé, para o muçulmano, teria o mesmo significado e importância que Jesus Cristo teria para o cristão.

Em suma, de acordo com as Fontes Islâmicas, Maomé não recebe do Islã os atributos divinos que Jesus Cristo recebe da doutrina cristã porque o Alcorão ressalta sua condição humana [Alcorão, 17:93] e ainda indica que Maomé [Alcorão, 03:144] não representa a essência do Islã. A essência do Islã está na Unicidade divina, no monoteísmo (*tawhīd*)<sup>82</sup> expresso em vários versículos do Alcorão [12:01-04] e, essa crença inviabiliza que o muçulmano considere Maomé como cerne do Islã ou lhe atribua qualidades ou *status* ‘divinos’ similares aos que a doutrina cristã confere a Jesus Cristo. Portanto, o *attawhīd* faz com que o muçulmano rejeite o uso dos termos ‘religião maometana’, ‘maometismo’, ‘maometanismo’ e ‘maometanos’ porque esses termos não sintetizam a essência do Islã e nem conseguem identificá-los como monoteístas.

### 3. O casamento do profeta

Com relação ao casamento de Maomé com Ḥadījah, os L.D.H. trazem as seguintes informações:

---

<sup>81</sup> E. Said. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.70.

<sup>82</sup> I. Al-Faruquí. Em *At tauhid (o Monoteísmo): suas implicações para o pensamento e a vida*. [S.l.]: Instituto Internacional do Pensamento Islâmico, 1992, p.16-8, traz explicações detalhadas sobre a importância do *attawhīd* no Islã.

- BOULOS JÚNIOR: *Aos 25 anos, depois de se casar com Khadija, uma viúva rica, dona de muitos camelos, Maomé ganhou estabilidade material e decidiu mergulhar na vida religiosa.*<sup>83</sup>
- DUARTE: *A tribo de Maomé cuidava da Caaba e tinha muitos negócios. Ele mesmo era pobre, mas casou-se com uma viúva rica e deixou a vida de caravaneiro, fixando-se em Meca. Ali, começou a pregar uma nova religião, fundada na crença num único Deus, Alá.*<sup>84</sup>
- HERMIDA: *Nascido em Meca, no ano de 570, Maomé pertencia à tribo dos coraixitas, de ricos comerciantes, cuja função religiosa era a guarda da caaba. Órfão desde cedo, Maomé foi condutor de caravanas de sua prima Cadidja, que veio a desposar quando ela era uma viúva bastante rica.*<sup>85</sup>
- LUCCI: *Com seis anos de idade, Maomé ficou órfão, passando a ser criado por seu tio,[...]. Casou-se aos vinte e cinco anos com Cadidja, viúva e proprietária da companhia para a qual trabalhava.*<sup>86</sup>
- MARANHÃO e ANTUNES: *Ao se casar, com uma viúva bem mais velha e rica, para quem trabalhava conduzindo caravanas, suas posses e prestígio aumentaram. Maomé passou então a se preocupar crescentemente com a religião.*<sup>87</sup>
- MOCELLIN: *Maomé nasceu em Meca, provavelmente em 570 de nossa Era. Pertencia à tribo dos Coraixitas. Foi guia de caravanas e aos 25 anos "arrumou" sua vida casando-se com uma rica viúva chamada Cadidja.*<sup>88</sup>
- PILETTI e PILETTI: *Aos 25 anos, Maomé começou a trabalhar para Kadidja, com quem viria a se casar. Kadidja era sua parenta, uma viúva rica, proprietária de muitos camelos em Meca. Na época, possuir camelos era símbolo de riqueza.*<sup>89</sup>
- SCHMIDT: *Mais tarde, Mohammad prestou serviços para uma rica viúva. Sua inteligência e dedicação conquistaram a viúva com a qual ele se casou aos 25 anos de idade. O casamento trouxe tranqüilidade para Mohammad, que, a partir de então não precisou mais trabalhar para sobreviver e pôde dedicar seus dias aos estudos meditações.*<sup>90</sup>

<sup>83</sup> A. Boulos Júnior. *História geral: volume 1. antiga e medieval*. São Paulo: FTD, 1995, p. 134. O mesmo texto consta em: *História geral: antiga e medieval*. v.1. São Paulo: FTD, 1997, p. 170.

<sup>84</sup> G. Duarte. *Jornada para o nosso tempo: da Pré-história à desintegração do Império Romano*. Belo Horizonte: Lê, 1997, p. 130.

<sup>85</sup> B. Hermida. *História geral: antiga e medieval*. São Paulo: FTD, 1994, p. 188.

<sup>86</sup> E. Lucci. *História geral*. 1. grau. São Paulo: Saraiva, 1985, p. 144.

<sup>87</sup> R. Maranhão e M. Antunes, *op. cit.*, p. 32.

<sup>88</sup> R. Mocellin. *História antiga...*, 1985, p. 76.

<sup>89</sup> N. Piletti e C. piletti. *História e vida integrada*. 5. série. São Paulo: Ática, 2002, p. 155. Texto adaptado de *História Antiga e Medieval*. José Jobson de A. Arruda. São Paulo: Ática, 1996, p 304-7.

<sup>90</sup> M. Schmidt. *Nova História crítica*. São Paulo: Nova Geração, 2001, p. 219.

- SOUZA: *Maomé nasceu em Meca em 570. [...] Foi caravaneiro. Casou-se com Cadidja, rica viúva de 45 anos.*<sup>91</sup>
- VALADARES, RIBEIRO e MARTINS: *Maomé, órfão desde criança, casou-se com a sua protetora, uma rica viúva, que lhe proporcionou uma vida material confortável, ajudando-o a se tornar um próspero comerciante.*<sup>92</sup>
- VICENTINO: [...], *Maomé casou-se com Cadija, viúva rica, proprietária de uma caravana. O fato de não passar dificuldades econômicas permitiu-lhe dedicar boa parte do seu tempo àquilo que mais o interessava: a meditação religiosa.*<sup>93</sup>
- VILLA e FURTADO: *Maomé, [...] Órfão, foi criado pelo tio, um comerciante que o fez viajar muito em função de seus negócios com a Síria. Mais tarde Maomé passou a servir a viúva Khadidja, rica mulher de negócios, bem mais velha do que ele, com quem se casou.*<sup>94</sup>

Analisando as citações acima, pode-se verificar que os L.D.H., no que se refere ao casamento do Maomé com Ḥadījah, dão destaque à diferença de idade existente entre eles, ao patrimônio financeiro de Ḥadījah e ainda enfatizam uma possível alteração no padrão de vida de Maomé após a realização deste casamento. Entretanto, não fazem nenhuma menção, por exemplo, ao fato de esse ter sido o primeiro casamento do profeta do Islã, dele ter durado vinte e cinco anos e que somente após a morte de Ḥadījah, em 619, Maomé se casaria outras vezes<sup>95</sup>.

De acordo com a biografia do profeta<sup>96</sup> (*sīrat annabī*), Muḥammad Bin-<sup>c</sup>Abdul-Lāh do clã *Hašim* nasceu na cidade de Meca em 571. Durante a infância ficou órfão dos pais e passou aos cuidados de <sup>c</sup>Abdul-Muṭṭalib, seu avô paterno. Quando o avô faleceu, Maomé mudou-se para a casa do tio paterno Abū-Ṭālib e com esse tio teria aprendido a profissão de caravaneiro.

<sup>91</sup> O. Souza. *História antiga e medieval*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 116.

<sup>92</sup> V. Valadares, V. Ribeiro e S. Martins. *História: assim caminha a humanidade*. 6. série. Belo Horizonte: Ed. do Brasil, 1992, p.33.

<sup>93</sup> C. Vicentino. *História integrada: da Pré-história à Idade Média*. 5. série. São Paulo: Scipione, 1995, p. 106. O mesmo texto consta em: *História: memória viva: da Pré-história à Idade Média*. 7. série. São Paulo: Scipione, 1998, p. 126; e em: *Viver história...*, 2002, p. 33.

<sup>94</sup> M. Villa e J. Furtado. *op. cit.*, p.142. O mesmo texto consta em *Caminhos da História: dos primeiros humanos à Europa medieval*. São Paulo: Ática, 2002, p. 145.

<sup>95</sup> Maomé, após a morte de Ḥadījah, se casou dez vezes e esses casamentos tiveram motivos religiosos, sociais e políticos.

<sup>96</sup> A biografia de Maomé foi baseada em: K. Armstrong, *Maomé: uma biografia do profeta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; A.Mohamad, *op. cit.*, A. Mahairi. *Biografia do profeta Mohammad*. São Bernardo do Campo: Centro de divulgação do Islam para a América Latina, 1989; R. Mantran. *A expansão muçulmana: séculos VII-XI*. São Paulo: Pioneira, 1977 e S. El-Khatib. *Muhamad: o profeta de Allah*. Curitiba: Grafipar, 1981.

O desempenho de Maomé nessa profissão lhe rendeu o epíteto de ‘o confiável’ (*al’amīn*) que era apenas concedido às pessoas de alta credibilidade e honestidade na comunidade árabe de Meca. A notoriedade comercial de Maomé fez com que ele, aos vinte e quatro anos<sup>97</sup>, fosse contratado por Ḥadījah Bint-Ḥuwaylid, “dona da maior fortuna de Meca”<sup>98</sup>, para conduzir suas caravanas até a Síria. Ḥadījah, conforme Rahman<sup>99</sup> se encantou tanto pela honestidade quanto pelas qualidades morais de Maomé que acabou pedindo-o em casamento.

Esse casamento teria sido realizado em 596<sup>100</sup>, quando Maomé contava com vinte e cinco anos de idade e Ḥadījah, com quarenta anos<sup>101</sup>. Aqui a *sīrat annabī* confirma a informação apresentada pelos L.D.H. de que entre Maomé e Ḥadījah havia diferença de idade e de posses materiais. Porém, a *sīrat annabī* não confirma a informação de que Maomé, após ter se casado com Ḥadījah, tivesse abandonado o modo de vida simples e sem luxo de quando era um condutor de caravanas em Meca. E, de acordo com Armstrong:

*O próprio Maomé sempre levou uma vida simples e frugal, mesmo após se tornar o mais poderoso sayyid da Arábia. Ele detestava o luxo e com frequência não havia em sua casa nada para comer. Nunca teve mais que um jogo de roupas e se recusava, sempre que urgido por seus companheiros, a usar vestes cerimoniais finas, preferindo a vestimenta grossa e áspera da maioria do povo. Quando recebia presentes ou butim, distribuía-os entre os pobres [...] Quando o Islã se tornou mais poderoso, seus companheiros mais próximos não foram os mais ricos muçulmanos da classe alta, e sim os convertidos de origem plebéia, vindos dos clãs mais pobres dos coraixitas.*<sup>102</sup>

A descrição feita por Armstrong vai de acordo com as narrativas da tradição islâmica, no que diz respeito ao modo de vida do profeta, descrevendo-o como um

<sup>97</sup> Para R. Mantran em *A expansão muçulmana...*, p.58, Maomé teria começado a trabalhar para Ḥadījah aos vinte anos de idade.

<sup>98</sup> S. El-Khatib, *op. cit.*, p.28.0

<sup>99</sup> F. Rahaman. *O islamismo*. Lisboa: Arcádia, 1965, p. 23.

<sup>100</sup> R. Mantran. *As grandes datas do Islão*. Lisboa: Editorial Notícias, 1990, p. 09.

<sup>101</sup> Para K. Armstrong em *Maomé...*, p. 94, Ḥadījah por causa das seis gestações (filhos de Maomé) não teria quarenta anos de idade quando se casou com Maomé e para A. Mahairi em *op. cit.*, p. 62, ela teria exatos trinta e cinco anos de idade na época desse casamento.

<sup>102</sup> K. Armstrong. *Maomé...* p. 109.

homem comum do seu tempo e não como o homem mais poderoso da Arábia. Isso pode ser observado nos seguintes *aḥādīṭ*.

*Aicha nos mostrou uma túnica de um tecido grosseiro e disse-nos: O mensageiro de Allah apenas portava estas peças quando lhe adveio a morte”. (relatado pelo Bukhari e pelo Musslim).<sup>103</sup>*

*O colchão do mensageiro de Allah era de couro recheado com fibras”. (relatado pelo Bukhari e pelo Musslim).<sup>104</sup>*

*O mensageiro de Allah costumava ajudar sua família nos afazeres de casa, remendava suas roupas, consertava seu calçado, comia junto com seu empregado” (relatado pelo Bukhari)<sup>105</sup>.*

*Moaz Ibn Anas (que Deus o abençoe) narrou que o mensageiro de Deus (A paz e as bênção de Deus sobre ele) disse: “Quanto àquele que deixar de usar roupas de luxo, ainda que possa pagar por elas, em sinal de humildade ante Deus, Ele o levará, no Último Dia, na presença de todas as criaturas, para proporcionar-lhe a escolha de qualquer túnica de que gostar, dentre todas as vestes da Fé”.<sup>106</sup>*

Esses *aḥādīṭ* indicam que Maomé orientava os integrantes da *'ummah* a viverem de forma modesta, sem ostentar luxo e riqueza e que ele mesmo, podendo ser um dos homens mais poderosos da Arábia, não vivia em ambientes luxuosos, mantendo constante o estilo de vida frugal que levava antes de ter se casado com Ḥadījah e quando faleceu, em 632, não legou bens materiais a sua família.

Deve-se registrar que se Maomé desejasse viver de forma suntuosa, os recursos para subsidiar este estilo de vida poderiam advir do butim porque o Alcorão [08:01] determinava ao profeta o gerenciamento de todo o butim arrecado pelos integrantes da *'ummah* e provavelmente esses integrantes não apresentariam nenhuma resistência se o profeta o utilizasse para viver com conforto e luxo.

Entretanto, os L.D.H. consultados, divergem dessa visão, enfatizando que Maomé mudou seu estilo de vida após o casamento 'lucrativo' com Ḥadījah. Seja qual

<sup>103</sup> M.A. Isbelle. *Sob as luzes do Alcorão*. Rio de Janeiro: Azaan, 2003, p. 16.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p.17.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>106</sup> Al-Nawawi. *El paso....* p.124.

for o propósito dessa ênfase, se é intencional ou não, ou se não passa de falta de pesquisa por parte dos autores desses livros, essas divergências são notáveis e, dentre elas uma, pelo menos, parece prejudicial, especialmente por constar num um livro didático. Refere-se ao termo de certo modo irresponsável, ou, por que não dizer malicioso - uma vez destacado entre aspas no texto - usado por Mocellin: “aos 25 anos ‘arrumou’ sua vida casando-se com uma rica viúva chamada Cadidja”<sup>107</sup>. O destaque dado ao termo pelas aspas insinua que o casamento se deu pelo mero interesse financeiro.

Ressalta-se ainda, que o uso desse termo, enfatizado ou não, é inapropriado num livro didático, porque pode induzir o aluno do ensino fundamental a formar preconceitos sobre o profeta do Islã. Deve-se considerar que é por meio desses livros didáticos que o aluno do ensino fundamental tem os primeiros contatos com os fatos históricos do Islã.

Em suma, pode-se observar que os L.D.H. descrevem o casamento de Maomé com Ḥadījah, fazendo apenas um recorte que destaca o patrimônio financeiro de Ḥadījah, a diferença de idade entre o casal e a mudança da condição sócio-econômica de Maomé após este casamento.

De certo modo, é compreensível que um livro didático tenha de eleger um ponto para destacar por causa do espaço físico exíguo (do livro didático) e também porque a pluralidade de temas é uma das características dos livros didáticos. Tais características obrigam, de certa forma, o autor a selecionar e sintetizar os fatos relacionados com cada um dos tópicos que abordã. No entanto, isso não justifica o ‘desleixo’ na linguagem do texto didático porque ele (o ‘desleixo’) pode levar à construção de estereótipos e, esses por sua vez, à formação de preconceitos que provavelmente seguirão no aluno após a conclusão da fase do ensino fundamental.

#### 4. Os profetas reconhecidos pelo Islã

Para a teologia islâmica as palavras profeta (*nabī*) e mensageiro (*rasūl*) não são sinônimas porque qualificam atribuições diferentes. De acordo com S. Isabelle esta diferenciação existe por que: “Profeta, *nabi*, é aquele que recebeu a orientação Divina

---

<sup>107</sup> R. Mocellin, *loc. cit.*



para confirmar o que um outro Mensageiro transmitiu sem trazer com ele uma mensagem nova. Mensageiro, *rasul*, é aquele ao qual lhe foi transmitida uma revelação contendo uma nova recomendação. Todo mensageiro é um profeta, mas os profetas não são mensageiros”<sup>108</sup>.

A diferenciação entre as atribuições de um profeta e de um mensageiro também é destacada por Jomier ao salientar que: “O Islã distingue entre o profeta (*nabi*), inspirado que não recebeu missão especial, e o Enviado (*rasul*), que recebeu. Todo enviado é necessariamente profeta, mas a recíproca não é verdadeira. Além disso, um pequeno número desses enviados recebeu como missão transmitir livros sagrados”<sup>109</sup>.

Conforme a teologia islâmica profetas e mensageiros eram homens mortais com excelente conduta moral e sem filiação divina. Esses homens teriam sido escolhidos por Deus para transmitirem suas ordens à humanidade, sendo que os mensageiros foram incumbidos de apresentar as novas recomendações que não foram reveladas aos profetas.

Como exemplo de profeta e mensageiro pode-se citar o nome de Maomé, pois é mencionado no texto corânico, como profeta [Alcorão, 33:28], como mensageiro [Alcorão, 48:29] e como profeta e mensageiro [Alcorão, 07:157-8].

Comumente os L.D.H. não mencionam essa diferenciação, explícita na teologia islâmica, fazendo com que pareçam sinônimos. Nesta pesquisa os L.D.H. apresentam como profetas reconhecidos pelo Islã os seguintes nomes:

- ARAÚJO: *Alá enviou vários profetas como: Abraão, Moisés, Jesus e Maomé, seno este o maior dentre eles.*<sup>110</sup>
- ARRUDA: *Maomé [...], em 610, ao completar 40 anos, teve uma visão do anjo Gabriel. Nessa visão, o anjo lhe disse que “havia um só deus, Alá, e um só profeta, Maomé”. A partir de então, Maomé passou a denominar-se o profeta do deus Alá.*<sup>111</sup>
- BOULOS JÚNIOR: *Segundo seus adeptos, ele meditava no monte Hira, quando ouviu o anjo Gabriel dizer-lhe: “Há um só Deus, Alá, e um só profeta, Maomé.*<sup>112</sup>

<sup>108</sup> S. Isbelle, *op. cit.*, p. 138.

<sup>109</sup> J. Jomier. *Islamismo: história e doutrina*. Petrópolis: Vozes, 1992, p.76.

<sup>110</sup> A. Araújo, *op. cit.*, p. 105.

<sup>111</sup> J. Arruda. *História total 3: antiguidade...*, 2001, p.212.

<sup>112</sup> A. Boulos Júnior. *História geral: volume I...*, 1995, p. 134. O mesmo texto consta em: *História geral. antiga...*, 1997, p. 170.

- CAMPOS: *Mohammad apresentava-se como profeta de Alá, mas não se dizia santo. Era o continuador das pregações dos grandes profetas entre os quais incluía Jesus Cristo.*<sup>113</sup>
- DUARTE: *segundo Maomé, a nova religião foi revelada por Alá aos seus profetas, dos quais os mais importantes eram Abraão, Moisés, Jesus Cristo e ele mesmo, que se dizia o último e o mais perfeito de todos os profetas.*<sup>114</sup>
- HERMIDA: *Como dogma central, o islamismo afirma: “Alá é o único Deus e Maomé, seu último e maior profeta”. Isso significa que Maomé teria completado a doutrina verdadeira, revelada antes, em parte, por Moisés, Jesus e outros profetas. Portanto, os que aparecessem depois seriam falsos profetas.*<sup>115</sup>
- MATTOS: *O islamismo é monoteísta, onde Alá é o único deus, e Maomé é o mais importante dos profetas.*<sup>116</sup>
- MOCELLIN: *O número de profetas é elevado, mas apenas seis são supereminentes. Estes seus profetas eminentes foram: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé.*<sup>117</sup>
- RODRIGUE: *O islamismo reúne princípios do judaísmo, do cristianismo e de uma religião persa antiga, o zoroastrismo. Reconhece cinco profetas importantes antes de Maomé: Adão, Abraão, Moisés e Jesus.*<sup>118</sup>
- SARONI: *Ao manifestar suas visões místicas, entre as quais a mensagem do anjo Gabriel (“Um só Deus, Alá, e um só profeta, Maomé”), convenceu seus familiares, mas encontrou oposição cerrada dos coraixitas.*<sup>119</sup>
- SCHMIDT: *Os profetas são homens com a missão de transmitir a mensagem de Allah. Os profetas foram Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus Cristo e Mohammad.*<sup>120</sup>
- SILVA: *[...] O anjo lhe teria dito: “só há um único Deus, que é Alá, e Maomé é o seu único profeta”. A partir daí, ele começou a pregar o monoteísmo de Alá entre seus parentes e amigos.*<sup>121</sup>

<sup>113</sup> R. Campos. *História Geral...*, 1985, p. 136. No texto da edição de 1991, p. 139, a palavra *Mohammad* foi substituída por Maomé.

<sup>114</sup> G. Duarte, *op. cit.*, p. 130.

<sup>115</sup> B. Hermida, *op. cit.*, p. 190.

<sup>116</sup> H. Mattos, *op. cit.*, p. 103.

<sup>117</sup> R. Mocellin. *História Antiga...*, 1985, p. 78.

<sup>118</sup> J. Rodrigue. *História em documento: Imagem e texto 6*. São Paulo: FTD, 2001, p. 44. O mesmo texto conta na edição de 2002, 44.

<sup>119</sup> F. Saroni, *op. cit.*, p. 192.

<sup>120</sup> M. Schmidt, *op. cit.*, p. 219.

<sup>121</sup> F. Silva. *História geral: antiga...*, 1985, p. 101.

- VILLA e FURTADO: *Todos deveriam submeter-se ao Islã (lei divina) e a Alá, o verdadeiro e único Deus a quem poderiam adorar; somente Maomé era o conhecedor da vontade e o intérprete das intenções de Alá.*<sup>122</sup>

Nessas citações, Araújo, Duarte e outros, afirmam que a religião islâmica reconhece um número elevado de profetas, destacando os nomes de Adão<sup>123</sup>, Noé, Abraão, Moisés, Jesus Cristo e Maomé. Mocellin, Rodrigue e Schmidt indicam que a religião islâmica reconhece apenas a existência de cinco profetas antes de Maomé (Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus Cristo). Enquanto Boulos Júnior e Saroni, entre outros, apresentam Maomé como o único profeta aceito pela religião islâmica. Aqui pode-se constatar que os autores dos L.D.H. supramencionados divergem quanto ao número de profetas reconhecidos pelo Islã.

Divergindo dos L.D.H. que limitam o número de profetas aceitos pelo Islã e dos que afirmam que Maomé seria o único profeta reconhecido pelos muçulmanos pode-se citar a referência à missão dos profetas, elaborada por Sourdel:

*Alá encarregou certos homens de transmitir a sua vontade e de chamar os povos escolhidos a uma obediência que a sua cegueira lhes faz muitas vezes recusar; assim o dogma muçulmano não ordena exclusivamente a crença na missão de Maomet, mas também na dos profetas que o precederam, tais como os do Antigo Testamento (Adão, Noé, Abrão, Moisés,...) e Jesus.*<sup>124</sup>

Sourdel destaca que a doutrina islâmica além de certificar a existência de profetas, determina que os muçulmanos reconheçam como profetas todos os profetas monoteístas que antecederam Maomé. Esta pluralidade de profetas, aceitos pelo Islã, também é corroborada na análise empreendida por Armstrong:

*[...] Deus não tinha deixado os seres humanos na ignorância a respeito da vida que deveriam levar: ele mandará mensageiros a todos os povos na face da terra. Depois, a tradição islâmica asseguraria que tinha havido 124 mil desses profetas, um número simbólico que sugeria o infinito. Todos tinham levado a cada povo uma*

<sup>122</sup> M. Villa e J. Furtado, *op. cit.*, p. 143.

<sup>123</sup> Há divergência na indicação de Adão como profeta do Islã. Para K. Armstrong, em *Maomé...*, p. 189, Adão é considerado o primeiro profeta do Islã, porém, para S. Isbelle, *op. cit.*, p. 139, Adão não era um profeta e o primeiro mensageiro de Deus teria sido Noé.

<sup>124</sup> D. Sourdel, *op. cit.*, p. 43.

*escritura de inspiração divina; elas poderiam expressar as verdades da religião de Deus de forma diferente, mas, na essência, a mensagem era sempre a mesma. Então, por fim, Deus tinha mandado um profeta e um livro sagrado aos coraixitas. Constantemente, o Corão mostra que Maomé não veio para eliminar as religiões mais antigas, para contradizer os seus profetas ou para dar início a uma nova fé. A mensagem do Profeta é a mesma que a de Abrão, de Moisés, de Davi, de Salomão ou de Jesus. O Corão só menciona os profetas que os árabes conheciam.*<sup>125</sup>

Para Armstrong, o Islã não é uma religião inédita por consistir na reedição do monoteísmo abramítico. Destaca, ainda, que o texto corânico menciona a existência de vários profetas e não apenas a de Maomé. Em relação a este, afirma que ele não invalidou os ensinamentos de seus antecessores e nem proscreeu os livros monoteístas anteriores ao Alcorão.

De acordo com as análises apresentadas por Sourdell e Armstrong, Maomé é um dos profetas enviados de Deus e os muçulmanos, além de reconhecerem como profetas todos os nomes apontados pelo Antigo Testamento, Novo Testamento e Alcorão, admitem que o número de profetas é incomensurável [Alcorão, 04:164] por acreditarem que todos os povos foram comunicados e admoestados [Alcorão, 10:47] sobre a existência de Deus.

Retornando as citações dos L.D.H. sobre o número de profetas reconhecidos pelo Islã, pode-se verificar que essas citações divergem das Fontes Islâmicas que afirmam haver muito mais profetas do que os citados nos L.D.H. O Alcorão apresenta seis capítulos<sup>126</sup> com nomes de profetas; cita, em seus versículos, vinte e cinco nomes<sup>127</sup> de profetas, atesta que cada povo teve seu profeta [Alcorão, 16:89] e que nem todos os profetas que precederam Maomé tiveram seus nomes revelados no texto corânico [Alcorão, 40:78].

<sup>125</sup> K. Armstrong. *O Islão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 48-9.

<sup>126</sup> Os seis capítulos corânicos que levam nomes de profetas são: capítulo dez, Jonas (Yūnis); capítulo onze, Heber (Hūd), capítulo doze, José (Yūsif), capítulo catorze, Abraão ('Ibrāhīm), capítulo quarenta e sete, Maomé (Muḥammad) e capítulo setenta e um, Noé (Nūḥ).

<sup>127</sup> Os nomes de profetas citados no Alcorão são: Aarão (Harūn), [20:90]; Abraão ('Ibrāhīm), [03:67]; Adão ('Ādam), [02:31]; Davi (Dāwūd), [34:10]; Elias ('Ilyās), [37:123]; Eliseu, ('Alyasa') [06:86]; Enoc ('Idrīs), [19:56]; Ezequiel (Du-kifl), [38:48]; Heber (Hūd), [11:53]; Isaac ('Ishāq), [37:113]; Ismael ('Ismā'īl), [02:125]; Jacó (Ya'qūb), [02:132]; Jesus Cristo ('Īsa), [04:157]; Jetro (Su'ayb), [29:36]; Jô ('Ayyūb), [38:41]; João (Yaḥya), [19:12]; Jonas (Yūnis), [10:98]; José (Yūsif), [12:07]; Iot (lūt), [27:54]; Maomé (Muḥammad), [47:02]; Moisés (Mūsà), [05:22]; Saleh (Šālih), [07:73]; Salomão (Sulaymān), [21:81] e Zacarias (Zakariyā), [06:85].

O Alcorão ao reconhecer a existência de profetas não sugere e nem aponta Maomé como o único profeta monoteísta, mas o apresenta como um dos mensageiros de Deus, um dos admoestadores enviados a humanidade e o último dos profetas monoteístas [Alcorão, 57:27/ 03:144/ 34:28/ 33:40]. Conforme a crença islâmica, Maomé sendo o último profeta, ou, 'o selo dos profetas' não tinha autoridade e nem a intenção de proscrever seus antecessores, mas a incumbência de representá-los porque a essência da mensagem monoteísta era a mesma para todos os profetas e mensageiros.

Esta representatividade de Maomé é negada por alguns dos L.D.H. supracitados, entre esses, pode-se destacar Villa e Furtado que afirmam: "Somente Maomé era o conhecedor da vontade e o intérprete das intenções de Alá"<sup>128</sup>. Ao negar essa representatividade, Villa e Furtado desconsideram um dos pilares da crença do Islã, que determina a aceitação e o reconhecimento de todos os profetas citados pelos livros monoteístas: Torá, Bíblia, Evangelhos, Salmos de Davi e Alcorão.

Os L.D.H., ao apresentarem Maomé como único profeta reconhecido pelo Islã, sinalizam que os muçulmanos excluem a importância de todos os profetas anteriores a Maomé. Deve-se anotar, portanto, que a exclusividade profética conferida a Maomé, pelos L.D.H., não é corroborada pelas Fontes Islâmicas<sup>129</sup>.

Diante da exclusividade profética outorgada a Maomé, pelos L.D.H., e considerando o *status* fidedigno do L.D.H. e o desconhecimento do aluno sobre o Islã, qual será a probabilidade do aluno, através do texto didático, compreender que os muçulmanos reconhecem outros profetas além de Maomé? E, para o processo didático, desenvolvido no ensino fundamental, quais serão as conseqüências se o aluno entender Maomé como o único profeta aceito pelo Islã?

---

<sup>128</sup> M. Villa e J. Furtado. *loc. cit.*

<sup>129</sup> De acordo com a tradição, Maomé não se considerava o único profeta de Deus tanto que, em vários *'ahādīṭ*, ele menciona a existência e a importância de outros profetas. Dentre esses destaca-se o *ḥādīṭ* citado por R. Garaudy em *Rumo a uma Guerra Santa? o debate do século*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p.23: "Os profetas são irmãos com a mesma origem. Têm mães diferentes. Mas sua religião (dīn) é única. Aquele de que estou mais próximo é Jesus, o filho de Maria, pois entre nós dois não houve outro profeta".

## 05. A Caaba e a Pedra Negra

A Caaba (*Ka'ba*)<sup>130</sup> é uma construção quase cúbica, feita por blocos de rocha e está localizada na Mesquita Sagrada (*masjid alḥarām*), em Meca, na Arábia Saudita. A Caaba é o local de peregrinação dos muçulmanos, principalmente durante o décimo segundo mês do calendário lunar. A Pedra Negra (*alḥajuru al'aswadu*), como o próprio nome indica, é apenas uma pedra, com aproximadamente trinta centímetro de diâmetro, formato oval e sua cor predominante é negra, com algumas partes de coloração em tom cinza. A Pedra Negra está fixada em uma das laterais da Caaba. A Caaba e a Pedra Negra são dois objetos distintos; ambos são mencionadas pelos textos didáticos que abordam a história da civilização islâmica. Destacam-se, aqui, algumas passagens encontradas nesses livros:

- ARRUDA: *Grande pátio da Caaba, na mesquita de Meca. Até os dias de hoje, peregrinos de todas as partes do mundo vêm a esse templo rezar diante da Pedra Negra. Todo muçulmano deve, ao menos uma vez na vida, fazer essa peregrinação.*<sup>131</sup>
- AZEVEDO: *Meca era também um lugar sagrado para os árabes. Aí eles vinham adorar a "pedra negra": uma pedra que, segundo a tradição, caíra do céu branca, mas se tornara preta por causa dos pecados dos homens. A Pedra negra ou Caaba (provavelmente um meteorito) está no centro da Grande Mesquita de Meca.*<sup>132</sup>
- BRAICK e MOTA: *Os árabes, também conhecidos como beduínos,[...] e eles adoravam animais e plantas, astros e pedras sagradas. O mais importante objeto de adoração era a pedra negra, que se encontrava exposta à adoração com os demais ídolos no templo sagrado chamado Caaba (casa de Deus), na cidade de Meca.*<sup>133</sup>
- COTRIM E ALENCAR: *A Kaaba abrigava os principais deuses do Islão, sendo o centro religioso das tribos árabes. A foto mostra a Pedra negra adorada pelos muçulmanos.*<sup>134</sup>
- DANTAS: *A Caaba (pedra negra que simboliza os pecados dos homens).*<sup>135</sup>

<sup>130</sup> *Ka'ba* (da raiz árabe (ك/ا), a (ع/ع) (/b/ب)), cuja carga semântica remete a idéia de formato cúbico. (Veja Anexo III).

<sup>131</sup> J. Arruda. *História total 3: antiguidade...*, 2001, p. 212. Ressalte-se que esse texto aparece no livro ao lado de uma fotografia da Mesquita Sagrada, destacando a Caaba coberta por um tecido de cor negra.

<sup>132</sup> L. Azevedo, *op. cit.*, p. 173.

<sup>133</sup> P. Braick e M. Mota, *op. cit.*, p. 42.

<sup>134</sup> G. Cotrim e A. Alencar, *op. cit.*, p. 126. A referência à foto no próprio L.D.H.

<sup>135</sup> J. Dantas, *op. cit.*, p. 103. Esta frase consta embaixo de uma fotografia que destaca a Mesquita Sagrada e a Caaba recoberta por um tecido de cor negra

- DREGUER e TOLEDO: [...] os árabes eram politeístas,[...]. Adoravam as forças da natureza e em especial a Pedra Negra, em Meca, que segundo a tradição representava os pecados cometidos pelos homens. Para reverenciar esses deuses eles criavam templos que deveriam ser visitados anualmente, como o de Meca.<sup>136</sup>
- MARANHÃO e ANTUNES: [...] Caaba, construção em forma de cubo, onde estavam a pedra negra sagrada, considerada de origem divina, e 360 ídolos cultuados pelas diferentes tribos.<sup>137</sup>
- RODRIGUE: A Caaba é uma construção em forma de cubo, coberta por brocado negro. Uma de suas paredes contém a Pedra Negra, venerada pelos muçulmanos. Encontram-se no pátio da grande mesquita de Haran.<sup>138</sup>
- SANTOS: Todos os ídolos da Caaba foram destruídos, menos um, a Pedra Negra, que continuou a ser venerada pelos muçulmanos.<sup>139</sup>
- SARONI: O principal centro religioso era a cidade de Meca, cujo santuário, a Caaba, abrigava a Pedra Negra, venerada ardentemente pelos muçulmanos. Conta a tradição religiosa que a pedra era branca ao cair do céu, mas tornara-se preta por causa dos pecados humanos.<sup>140</sup>
- SCHMIDT: Local em Meca onde está a Caaba, a pedra que Allah enviou do céu. Para os infiéis, trata-se de um meteorito.<sup>141</sup>
- SOUZA: [...] Na Caaba, em Meca, encontra-se a pedra negra, objeto de adoração dos muçulmanos.<sup>142</sup>
- VILLA e FURTADO: A cidade de Meca tornou-se, então, um dos principais centros religiosos da península. Nela os peregrinos visitavam a Caaba ("cubo"), que (como os demais templos árabes) possuía seu tesouro e suas terras controlados por um grupo de sacerdotes.<sup>143</sup>

Nessas citações pode-se constatar que os L.D.H. apresentam três informações relativas à Caaba e a Pedra Negra: a) elas seriam um único objeto com dois nomes, b) Caaba seria o templo politeísta do Islã e c) a Pedra Negra seria objeto de adoração dos muçulmanos. Essas três informações divergem das Fontes Islâmicas consultadas, em

<sup>136</sup> R. Dreguer e E. Toledo. *História: cotidiano e mentalidades: Contatos entre civilizações: do século V ao XVI. 6. série*. São Paulo: Atual, 1995, p. 17.

<sup>137</sup> R. Maranhão e M. Antunes, *op. cit.*, p. 32. O livro traz uma fotografia da Mesquita Sagrada, destacando a Caaba coberta por um tecido de cor negra.

<sup>138</sup> J. Rodrigue, *op. cit.*, p. 44.

<sup>139</sup> O. Souza, *op. cit.*, p. 149. O livro traz uma fotografia da Mesquita Sagrada, destacando a Caaba coberta por um tecido de cor negra.

<sup>140</sup> F. Saroni, *op. cit.*, p. 191.

<sup>141</sup> M. Schmidt, *op. cit.*, p. 220.

<sup>142</sup> O Souza, *op. cit.*, p. 116.

<sup>143</sup> M. Villa e J. Furtado, *op. cit.*, p. 141.

que a Caaba e a Pedra Negra são objetos distintos e que Deus é a única fonte adorada e reverenciada pelos muçulmanos porque o Islã é essencialmente monoteísta [Alcorão, 06:164].

Como foi dito a Caaba é uma construção quase cúbica por causa de suas medidas<sup>144</sup>: quinze metros de altura, doze de comprimento e dez metros e dez centímetros de largura. A Caaba é formada por um único cômodo com uma porta fixada aproximadamente a dois metros de seu piso. Atualmente em seu interior estão apenas às colunas de sustentação e, de acordo com as Fontes Islâmicas, Deus teria ordenado a Adão que a construísse para servir de referencial monoteísta [Alcorão, 03:96] à humanidade. Por estar localizada dentro de um vale, ela teve sua estrutura danificada porque as águas pluviais não eram drenadas. Sua primeira reconstrução teria sido realizada por Abraão ('Ibrāhīm) que contou com o auxílio de seu filho Ismael ('Ismā'īl), [Alcorão, 02:127].

Após a época de Abraão, os problemas ocasionados pela falta de drenagem persistiram e a Caaba teve de ser reconstruída várias vezes. Atualmente os problemas ocasionados pelas enchentes pluviais foram solucionados. As várias reconstruções pelas quais a Caaba passou foram importantes não só para preservar a história que envolve sua edificação, sua finalidade e utilização ao longo do tempo, mas também para preservar a Pedra Negra. Entre as reconstruções da Caaba, cita-se a realizada pelos contemporâneos de Maomé:

*No ano 615 os mequenses resolveram reconstruir  
duma forma mais digna o templo sagrado da Ka'ba.  
[...] Depois de muito hesitarem em tocar no templo  
sagrado e de examinarem os presságios, decidiram-se  
a demoli-lo. O trabalho de reconstrução foi dividido  
entre as várias tribos qoraichitas.*<sup>145</sup>

Com relação à Pedra Negra, para as Fontes Islâmicas, ela não passa de uma pedra, que embora tivesse sido trazida do Paraíso<sup>146</sup>, ela não tem o 'poder' de beneficiar ou prejudicar qualquer pessoa. A Pedra Negra está fixada numa das laterais da Caaba,

<sup>144</sup> S. Isabelle, *op. cit.*, p. 228. As medidas apresentadas por S. Isabelle divergem das apresentadas por J. Jomier, *op. cit.*, p. 15: quinze metros de altura, dez de comprimento e doze de largura.

<sup>145</sup> E. Dermenghem. *A vida de Mahomet*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1935, p. 56 e 58.

<sup>146</sup> Nas Fontes Islâmicas há pelo menos duas explicações para a presença da Pedra Negra na Terra. Uma diz que ela teria sido transportada por anjos e a outra, que ela teria vindo com Adão. Ambas afirmam que a ordem para trazer a Pedra Negra do Paraíso fora dada por Deus.



'canto oriental da Caaba' ou 'canto da Pedra Negra', dentro de uma guarnição protetora feita de metal aproximadamente a um metro e meio do chão (veja anexo IV).

Diante do exposto acima, entende-se que a Caaba e a Pedra Negra não são o mesmo objeto como alguns L.D.H. supracitados afirmam, tais como o de Dantas: "A Caaba (pedra negra que simboliza os pecados dos Homens)"<sup>147</sup>. Nessa afirmação a Caaba e a Pedra Negra são apresentadas para o aluno como se fossem um único objeto, porém com nomes diferentes. Dantas também revela desconhecimento quase total tanto a respeito das dimensões da Caaba, como da sua finalidade. É possível, no entanto, que o fato de a Caaba estar sempre coberta por um tecido de cor negra<sup>148</sup> possa ter contribuído para que ela fosse confundida com a Pedra Negra; porém tal equívoco não parece justificar a falta de conhecimento de um autor de livro didático sobre o tema que aborda.

Ainda a respeito da Caaba e da Pedra Negra, Eliade afirma que: "No território consagrado, Hima, ficava o santuário da Ka'ba (literalmente "cubo"), edifício a descoberto, que continha embutida num de seus ângulos a célebre Pedra Negra, considerada como sendo de origem divina"<sup>149</sup>, o que leva a entender que o fato da Pedra Negra estar fixada na Caaba, não a transforma em parte da Caaba e nem anula sua existência e sua história.

Na referência feita exclusivamente a Caaba, Cotrim e Alencar afirmaram em seu L.D.H. que: "A Kaaba abrigava os principais deuses do Islã, sendo o centro religioso dos árabes"<sup>150</sup>. Tal afirmação transforma a Caaba em templo 'politeísta do Islã' sugerindo, ao aluno do ensino fundamental, que a religião islâmica não é monoteísta e que cultuaria vários deuses. Deve-se registrar que essa afirmação representa o engano mais grave, muito mais do que outro equívoco a respeito da confusão entre a Caaba e a Pedra negra, pois fere a essência da religião islâmica, o monoteísmo.

Sabe-se que a Caaba esteve consagrada ao culto politeísta dos habitantes da península arábica, antes e após do surgimento do Islã. Porém, em 630 quando os muçulmanos retornaram vitoriosos a Meca, o primeiro ato de Maomé foi a destruição de

---

<sup>147</sup> Dantas, *loc. cit.*

<sup>148</sup> Segundo as Fontes Islâmicas, o ato de cobrir a Caaba com um tecido de cor negra não possui nenhuma conotação religiosa, portanto, com ou sem esse tecido sobre sua estrutura, ela tem o mesmo valor, significado e importância para o muçulmano e o fato do tal tecido ter versículos do Alcorão, bordados com fios de ouro, seria apenas uma forma de enobrecer, prestigiar e dignificar a Caaba. (veja anexo V)

<sup>149</sup> M. Eliade. *História das Crenças e das Idéias Religiosas: de Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984, p. 84.

<sup>150</sup> G. Cotrim e A. Alencar, *loc. cit.*

todas as representações materiais (estátuas, pedaços de madeiras, etc.) dos deuses politeístas que estavam ao redor e dentro da Caaba e, logo em seguida, ele proclamou a Caaba como local de culto monoteísta. De acordo com a crença islâmica, o ato de Maomé revela que os muçulmanos não admitiam a utilização politeísta que era feita da Caaba por entenderem que ela fora construída exclusivamente para adoração monoteísta.

É compreensível que um livro didático de História para essas séries traga informações diferentes das Fontes Islâmicas, porém, atribuir deuses a uma religião que é notoriamente monoteísta [Alcorão, 02:136] consiste num erro crasso porque a regra básica do monoteísmo é a cultuação de um único deus e essa aceção está explícita na própria palavra 'monoteísta'. Diante desse erro pode-se afirmar que o aluno que tem o L.D.H. como fonte fidedigna de informação poderá entender o Islã como religião politeísta.

Da mesma forma, com relação à Pedra Negra quando se afirma que ela é um objeto de adoração dos muçulmanos, como em Saroni, ao dizer que: "O principal centro religioso era a cidade de Meca, cujo santuário, a Caaba, abrigava a Pedra Negra, venerada ardentemente pelos muçulmanos"<sup>151</sup>. Essa afirmação, no mínimo, pode levar a entender a Pedra Negra como uma hierofania<sup>152</sup>, ou seja, ela recebe cultuação, não por ser uma pedra, mas por representar ou possuir atributos divinos, o que vai contra os ensinamentos básicos do islamismo.

Resta ainda dizer que a função da Pedra Negra no contexto da prática religiosa islâmica é apenas determinar o local do início do *ṭawāf*<sup>153</sup>, realizado na Mesquita Sagrada durante a peregrinação e a *'umrah*<sup>154</sup>. O fato de alguns muçulmanos tocarem ou beijarem a Pedra Negra não a transforma em objeto de veneração do Islã:

*Os muçulmanos viajam para Meca pela Glória de Deus, não para beijar uma pedra e nem adorar um homem ou uma semidivindade. Beijar ou tocar a Pedra Negra é uma ação facultativa, não uma obrigação ou prescrição. Quem beija ou toca na Pedra negra sabe*

<sup>151</sup> F. Saroni, *loc. cit.*

<sup>152</sup> M. Eliade. *Lo sagrado y el profano*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1967, p.19-20.

<sup>153</sup> *Ṭawāf* é o ato de circungirar a Caaba por sete vezes durante o *hajj* e a *'umrah*. Para os muçulmanos, Deus teria ordenado a Abraão realizar o *ṭawāf* da mesma forma que os anjos diariamente o fazem no *albayt almah'amūr* (uma casa no Paraíso) [Alcorão, 02:125]. Realizar o *ṭawāf* é cumprir uma ordem divina. [Alcorão, 22:26]

<sup>154</sup> A *'umrah* é a visita realizada à Mesquita Sagrada de Meca; não exige o cumprimento de todos os rituais praticados na peregrinação (*Hajj*). [Alcorão, 02:196]

que ela não é divina. É só em Deus que se tem fé.<sup>155</sup>

A adoração no Islã é direcionada a Deus [Alcorão, 20:98] e qualquer outra adoração, seja a pessoas ou objetos, é classificada como politeísmo (*širk*) [Alcorão, 28:62], o maior pecado [Alcorão, 04:116], o único que não recebe o perdão divino. O posicionamento do Islã é determinante para que a Pedra Negra, como a Caaba<sup>156</sup>, não sejam adoradas pelos muçulmanos.

Para as Fontes Islâmicas qualquer visita (*ziyārah*) feita a Mesquita Sagrada de Meca não tem por propósito adorar a Pedra Negra, como os L.D.H. insinuam. No entanto, o muçulmano que estiver nessa mesquita e desejar ver, tocar ou beijar a Pedra Negra não comete o *širk*. Vale registrar que devido a grande concentração de muçulmanos no período da Peregrinação, a administração dessa mesquita, por precaução para evitar acidentes, desaconselha o toque na Pedra Negra, uma vez que o ato não é pré-requisito para validar o *ṭawāf*. O ato de apontar, tocar ou beijar a Pedra Negra quando se está na Mesquita Sagrada de Meca consiste tão somente em repetir um ato praticado por Maomé. Os muçulmanos consideram uma *sunnah* a repetição dos atos de Maomé [Alcorão, 33:21]. De acordo com a tradição, Maomé beijou a Pedra Negra após retornar vitorioso à cidade de Meca em 630<sup>157</sup>. Não há um *ḥadīth* que explique o porquê desse beijo, porém, há um *ḥadīth* que narra que ‘Umar Ibn-Alḥaṭāb teria dito que a Pedra Negra não passaria de uma pedra e ele somente a beijaria por ter visto Maomé beijando-a.

Há um outro episódio que relaciona Maomé a Pedra Negra e esse teria acontecido após a reconstrução<sup>158</sup> da Caaba, contemporânea a Maomé, e antes do surgimento do Islã, quando os chefes coraixitas, responsáveis pela reconstrução, quase

---

<sup>155</sup> H. Abdalati, *op. cit.*, 95.

<sup>156</sup> A função da Caaba, de acordo com as Fontes Islâmicas, é determinar a direção (*qiblah*) [Alcorão, 02:142-5] para qual o muçulmano deve se colocar para realizar suas orações que são exclusivas para Deus [Alcorão, 13:14-5]. Porém, se a *qiblah* não puder ser determinada, a oração é válida em qualquer outra direção porque Deus sendo Onipresente [Alcorão, 34:13], nada escapa ao Seu controle [Alcorão, 73:09]. Desta forma, a Caaba é considerada sagrada apenas pela posição geográfica, ou seja, por estar no mesmo lugar do templo edificado por Adão e não por sua estrutura física. Portanto, os muçulmanos rezam em direção a Caaba e não para ela.

<sup>157</sup> K. Armstrong em *Maomé...*, p. 273, menciona que neste retorno vitorioso pós-Hégira, Maomé deu sete voltas ao redor da Caaba e nessas voltas teria tocado na Pedra Negra. Armstrong não menciona o beijo citado pelas Fontes Islâmicas.

<sup>158</sup> O ano da reconstrução da Caaba, contemporânea a época Maomé, diverge entre vários autores. Por exemplo, de acordo com A. Mahairi, *op. cit.*, p. 63, essa ano teria sido 605; para P. Brown em: *O fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 202, a Caaba teria sido reconstruída por volta do ano 600 e para E. Dermenghem, *op. cit.*, p. 56, o ano da reconstrução teria sido 615.

entraram em guerra para disputar a honra de recolocar a Pedra Negra em uma das laterais da Caaba. Por fim eles (os chefes coraixitas) resolveram procurar um árbitro para resolver essa contenda e decidiram que o árbitro seria o primeiro homem que se aproximasse da Caaba por determinado local e Maomé foi este homem. Ele foi aceito como árbitro por ser conhecido, entre seus concidadãos, por o confiável (*al'amīn*). Maomé aceitou a arbitragem e decidiu colocar a Pedra Negra sobre um manto e pediu para que cada um dos líderes segurasse nas extremidades desse manto e o levantasse até a altura que a pedra seria fixada. Assim, todos participariam na tarefa de recolocação da Pedra Negra.

Em suma, quando os L.D.H. afirmam que a Pedra Negra é adorada pelos muçulmanos, acabam outorgando sacralidade, por conta própria, a um objeto que é considerado inócuo pelo Islã. Ao procederem dessa forma os L.D.H tendem a anular o monoteísmo que determina a adoração exclusiva a Deus e rejeita a cultuação de objetos e de pessoas. Assim, no processo de conhecimento da história do Islã, durante o ensino fundamental, pergunta-se: qual seria a contribuição desses livros no processo de ensino/aprendizagem da história do Islã uma vez que insinuam sacralidade a Pedra Negra, transformam a Caaba em templo politeísta do Islã e, ainda, apresentam a Caaba e a Pedra Negra como sendo o mesmo objeto?

## 6. O jejum de Ramadã

Ramadã<sup>159</sup> (*Ramaḍān*) é o nome do nono mês do calendário lunar utilizado pelos muçulmanos para marcar e comemorar as datas relativas ao Islã. O mês de Ramadã é especial e significativo para os muçulmanos por acreditarem que ele tenha sido o mês escolhido por Deus para iniciar a revelação dos livros sagrados do monoteísmo<sup>160</sup>. Entre outros acontecimentos, esse mês marca a consagração da Caaba

<sup>159</sup> A palavra *ramadān* deriva-se da raiz árabe trilítere ( r/ر, m/م e ḍ/ض), cuja carga semântica remete à idéia do 'calor intenso, queimar (pelo sol), solo escaldante e insolação'.

<sup>160</sup> De acordo com M. Abou-Fares em *Islamismo: mandamentos e fundamentos*. Curitiba: [s.n.], 1977, p. 79, Deus, no mês de Ramadã teria iniciado as revelações monoteístas. Por exemplo, para Abraão teria sido no dia primeiro de Ramadã e essas revelações teriam continuado em outras épocas, com outros profetas, assim, no dia dezesseis teria começado a revelação da Bíblia; no dia doze, os Evangelhos e no dia vinte e sete, o Alcorão. Aqui é interessante registrar que o Alcorão, conforme seu próprio texto [Alcorão, 97:01-5], atesta que sua revelação começou na 'Noite do Decreto' (*laylatu alqadr*). Fazendo referência a essa noite, Al-Nawawi em *El paso...*, p. 171 apresenta o seguinte *ḥadīṭ*: "Aicha (que Deus a abençoe) narrou que o Profeta (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) costumava fazer retiro na

como templo monoteísta, realizada por Maomé após o retorno dos muçulmanos para a cidade de Meca em 630.

Os muçulmanos atendendo uma determinação corânica realizam jejum em todos os dias do mês de Ramadã [Alcorão, 02:185]. O jejum desse período é conhecido como ‘Jejum de Ramadã’; e consiste, basicamente, na reflexão das atitudes diárias, na prática da caridade e na abstenção de alimentos, bebidas e relações sexuais, desde a alvorada até o pôr-do-sol.

O Jejum de Ramadã é obrigatório para todo muçulmano, após a puberdade, que estiver em condições físicas e mentais para realizá-lo. Há alguns casos em que o Alcorão e a *šarī‘ah* desobrigam a prática do jejum e em outros casos permitem que o muçulmano cumpra o jejum em um outro mês antes do próximo Jejum de Ramadã<sup>161</sup>.

Para o muçulmano, o jejum de Ramadã, além de seus aspectos formais, materiais e exteriores, é um ato de submissão e adoração a Deus, por entenderem que o homem fora criado para adorar a Deus [Alcorão, 06:164], portanto, se o Jejum de Ramadã foi decretado por Deus, a realização desse jejum corresponde a um ato de obediência a ordem divina [Alcorão, 58:22] e a um ato de adoração [Alcorão, 11:123] a Deus.

Por ser o quarto pilar do Islã, o Jejum de Ramadã, é mencionado nos textos didáticos com os outros pilares. Destacam-se, aqui alguns L.D.H. que mencionam o Jejum de Ramadã.

- AZEVEDO: *Para que os fiéis sejam salvos, para que sua alma chegue ao Paraíso, eles devem, durante a vida, cumprir cinco obrigações: [...], jejuar no nono mês muçulmano (mês de Ramadã) do nascer ao pôr-do-sol.*<sup>162</sup>
- COTRIM e Alencar: *São cinco as regras essenciais do islamismo: [...], obedecer ao jejum religioso durante o ramadã e ir em peregrinação a Meca pelo menos uma vez durante a vida.*<sup>163</sup>

---

mesquita para realizar o Itikaf durante os últimos dez dias do mês de Ramadã, e dizia: Buscai a Noite Bendita entre as dez últimas noites do mês de Ramadã”. Geralmente, os muçulmanos comemoram a ‘Noite do Decreto’, ou seja, o início da revelação do Alcorão, no dia vinte e sete de Ramadã. S. Isabelle, *op. cit.*, p. 224, relata fatos da história do Islã que teriam acontecido no mês de Ramadã como por exemplo, a instituição da esmola (*zakāt*).

<sup>161</sup> S. Isabelle, *op. cit.*, p. 218-19: A pessoa enferma, o viajante, a gestante e a lactante podem realizar o jejum de Ramadã no período que seu impedimento estiver cessado; o portador de doença incurável e o idoso estão desobrigados da prática do jejum e a mulher está liberada dessa obrigação, durante o período menstrual, mas que deve repor os dias não jejuados ao término do período.

<sup>162</sup> L. Azevedo, *op. cit.*, p. 174.

<sup>163</sup> G. Cotrim e A. Alencar, *op. cit.*, p. 132.

- BONI: *Os preceitos dessa nova religião eram a crença num único deus, Alá; a Guerra Santa, para difundir a verdadeira fé; [...]; o jejum durante o Ramadã, mês sagrado do calendário muçulmano; a peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.*<sup>164</sup>
- LUCCI: *Os seguidores do islamismo têm cinco obrigações principais: rezar cinco vezes ao dia; jejuar, durante o dia, no mês de Ramadã; ir a Meca pelo menos uma vez na vida; dar esmolas; combater os infiéis.*<sup>165</sup>
- MARANHÃO e ANTUNES: *O mês do jejum: Muito coerente com a escassez de alimentos na época da seca, a religião muçulmana exige que se faça a cada ano um mês de jejum: o Ramadã, em que a dieta deve ser reduzida a ponto de não se poder comer nada entre as 3 da manhã e as 6 da tarde. O sacrifício religioso favorecia a sobrevivência nessas difíceis condições ecológicas. O mês de Ramadã não tem correspondência direta com os nossos meses, porque os muçulmanos seguem o calendário lunar, e no Brasil, o solar.*<sup>166</sup>
- MOCELLIN: *O jejum: Trinta dias anuais durante o mês de Rhamadan, nono mês do calendário muçulmano (9 de maio a 9 de junho de acordo com o nosso calendário), deve o crente abster-se do nascer, ao pôr-do-sol, de carne e bebidas, de banhos, perfumes e relações sexuais.*<sup>167</sup>
- MOTA E LOPEZ: *Alguns deveres dos fiéis muçulmanos: Rezar cinco vezes ao dia, voltado na direção de Meca. Dar esmolas aos pobres. Ficar em jejum durante os quarenta dias do ramadã, o mês sagrado, ou seja, abster-se de alimentos, bebidas e relações sexuais durante o dia, desde a manhã até o início da noite. Praticar a caridade. Visitar Meca pelo menos uma vez durante a vida.*<sup>168</sup>
- SILVA: *Ramadã: nono mês lunar arábico, considerado sagrado, durante o qual a lei de Maomé ordena o jejum num período diário entre o nascer e o pôr-do-sol.*<sup>169</sup>
- SOUZA: *O Corão é o livro sagrado que contém os ensinamentos do profeta.[...]. Os principais preceitos nele fixados são: orar cinco vezes ao dia com o rosto voltado para Meca; [...]; jejuar no mês de Ramadã, desde o nascer até o pôr-do-sol; não tomar bebidas alcoólicas; não comer carne de porco; descansar na sexta-feira; combater pela causa de Alá.*<sup>170</sup>
- VICENTINO: *[...] o islamismo, tem seus fundamentos registrados no Corão, o livro sagrado dos muçulmanos. Nele acham-se estabelecidas as práticas do culto islâmico: orar cinco vezes ao dia voltado para Meca; visitar Meca ao*

<sup>164</sup> A. Boni, *op. cit.*, p. 168.

<sup>165</sup> E. Lucci, *op. cit.*, p. 149.

<sup>166</sup> R. Maranhão e M. Antunes, *op. cit.*, p. 34

<sup>167</sup> R. Mocellin. *História antiga...*, 1985, p. 78.

<sup>168</sup> C. Mota e A Lopez. *História e civilização: o mundo antigo e medieval*. São Paulo: Ática, 1995, p. 164.

<sup>169</sup> F. Silva. *História Geral: 1- Antiga...*, 1990, p. 168.

<sup>170</sup> O. Souza, *op. cit.*, p. 117.

*menos uma vez na vida; jejuar no mês de Ramadã (mês da Hégira - julho); [...].*<sup>171</sup>

Os textos didáticos supramencionados, comparados com as Fontes Islâmicas, apresentaram divergências quanto: a) autoria do jejum, b) a extensão diária e mensal do jejum, c) a finalidade e aos atos proibidos na constância do jejum e d) a referência feita a Hégira.

Silva (1990, p.168) indicou que o Jejum de Ramadã teria sido estabelecido através de uma 'lei de Maomé' e, assim transformou Maomé em autor do quarto pilar do Islã. A indicação de Silva diverge das Fontes Islâmicas que não reconhecem Maomé como autor, nem mesmo co-autor de qualquer um dos cinco pilares do Islã por creditam a Deus a autoria de qualquer jejum prescrito aos monoteístas [Alcorão, 02:182]. Segundo o Alcorão [03:144], a principal fonte do Islã, somente Deus pode legislar decretos divinos uma vez que Ele tem apenas servos [Alcorão, 06:18] e não sócios ou parceiros [Alcorão, 06:162-3]. Aqui, deve-se ter presente que a condição primordial para ser muçulmano é a submissão incondicional a Deus e não a equiparação a Ele. Assim, para os muçulmanos, Maomé apenas cumpre sua função de mensageiro divino, quando comunica a obrigatoriedade do jejum, menciona as bênçãos e recompensas para os jejuadores, admoesta os não jejuadores e orienta os integrantes da 'umma' a realizarem o Jejum de Ramadã. Há inúmeros 'ahādīḥ que narram os avisos de Maomé sobre este jejum. Como, por exemplo, estes:

*Abu Hurairah (radiyàlláhu anhu) narra que Raçulullah (Sallalláho alaihi wa sallam) disse: "Foram concedidas ao meu Ummah (povo) cinco bênçãos especiais que não foram concedidas a mais ninguém. 1. O hálito da boca do jejuar é mais querido por Allah do que a fragrância de Mushk (aroma perfumado do Paraíso); 2. Os peixes do mar pedem o perdão para eles até quebrarem o jejum; 3. Allah prepara e decora o Paraíso especialmente, diariamente para eles e diz " O tempo está próximo dos Meus servos crentes atirarem para fora as dificuldades mundanas e virem para aqui"; 4. Neste mês, os rebeldes Shaitán (demônios) são acorrentados, para assim não conduzirem as pessoas à maldade, para onde costumavam levar fora de Ramadán; 5. Na última noite de Ramadán, os*

<sup>171</sup> C. Vicentino. *História integrada: da pré-história...*, 1995. p. 107. O mesmo texto consta em: *História: memória...*, 1998. p. 127 e em *Viver a História...*, 2002. p. 34, neste a frase entre parênteses: *mês da Hégira - julho* foi substituída por: *mês da comemoração da hégira*.

*jejuadores obtêm o seu perdão. Os Sahabah (radiyalláhu anhum) perguntaram: "Ó Mensageiro de Allah (Sallalláho alaihi wa sallam), é está noite de Qadr (poder)?" Raçulullah (Sallalláho alaihi wa sallam) respondeu: "Não, mas é a noite em que o servidor recebe a sua recompensa por ter cumprido com o dever".*<sup>172</sup>

*Deus, o Majestoso e Exaltado, disse: Cada ato do filho de Adão é em seu próprio favor, exceto o jejum. Este é por Minha causa e Eu o recompensarei. Por Deus, em cuja mão está a vida do profeta, o hálito do que jejua é mais agradável para Deus do que a fragrância do almiscar.*<sup>173</sup>

*Diga aos servos de Deus que infeliz é aquele que tendo em sua presença pai ou mãe idosos, perde a oportunidade de entrar no Paraíso graças aos dois (cuidando deles); e infeliz é quem, presenciando o Ramadan, perde a oportunidade de obter o perdão de seus pecados.*<sup>174</sup>

Esses *'aḥādīḥ* apontam Deus como autor do Jejum de Ramadã e o único que pode punir os que não jejuam e conceder recompensas aos jejuadores. Portanto, Maomé é excluído das tarefas de legislador e juiz nessa questão e essa exclusão faz com que sua participação no Jejum de Ramadã fique restrita a esfera da admoestação e nessa esfera Maomé não pode ser o legislador que Silva indicou no L.D.H.

Não se pode esquecer que uma indicação presente num texto didático, como a de Silva, equivale a uma afirmação porque o aluno do ensino fundamental além de não questionar o L.D.H., também não detém nenhum conhecimento prévio do tema que lhe é apresentado. Nessa perspectiva, o aluno tende a entender que Maomé é o autor do Jejum de Ramadã.

Um outro ponto presente no texto de Silva se refere ao início e ao término diário do Jejum de Ramadã. Silva afirma que ele é realizado entre o nascer e o pôr-do-sol e sua afirmação é compartilhada por Azevedo (1988, p.174), Mocellin (1985, p.78), Mota e Lopez (1995, p.164), Souza (1992, p.117) e, de certa forma, por Maranhão e Antunes (1994, p.34) que ainda prescrevem horários fixos, três da manhã às seis da tarde, para esse jejum. Esses autores divergem das Fontes Islâmicas que indicam que o

---

<sup>172</sup> M. Zakariya. *Fazaile-Ramadán: as virtudes do Ramadão*. Karachi (Pasquitão): Zam Zam Publishers, 2001, p. 17.

<sup>173</sup> S. Isabelle, *op. cit.*, p. 225.

<sup>174</sup> *Idem, Ibidem.*



Jejum de Ramadã se inicia na alvorada – notoriamente é o período que precede o nascer do sol. A diferença de tempo existente entre eles é significativa para o muçulmano porque o jejum só é considerado válido se for realizado no tempo estabelecido pelo Alcorão [02:187]. Para cumprir os horários do jejum, o muçulmano elabora e utiliza um calendário que determina os horários do início do jejum (*'imsāk*) e do encerramento do jejum (*'iflār*) durante o mês de Ramadã.

A diferença diária entre a alvorada e o nascer do sol pode ser constatada, por exemplo, no calendário de Ramadã (anexo VI) que foi seguido na cidade de São Paulo no ano de 2003: No primeiro dia do jejum, a alvorada teve início as 04:57 da manhã e o nascimento do sol ocorreu as 06:25, portanto, o jejum teve início as 04:57 da manhã e o muçulmano que realizou o Jejum de Ramadã neste dia teve que fazer a refeição que antecede o jejum (*suhūr*), antes da alvorada.

É levado em consideração que tal divergência não impede que o aluno do ensino fundamental compreenda que o muçulmano realiza um jejum religioso durante o mês de Ramadã, no entanto, não poderia deixar de notar essa divergência uma vez que consiste num fato real.

Além da referência feita à extensão diária do jejum, Mota e Lopez (1995, p.164) afirmaram que o muçulmano jejua por ‘quarenta dias durante o mês de Ramadã’, o que sugere que esse mês teria quarenta dias. Essas, afirmação e sugestão, apresentam divergência com o calendário lunar, seguido pelos muçulmanos, pois como se sabe o calendário lunar é um dos calendários mais antigos e utilizados para contar a passagem do tempo através de dias, meses e anos; ele possui doze meses<sup>175</sup> e cada um desses tem duração variável entre vinte e nove e trinta dias. O ramadã por ser o nono mês lunar terá no máximo trinta dias, não havendo nenhuma possibilidade de ter quarenta dias, conforme Mota e Lopez deixaram transparecer.

As Fontes Islâmicas [Alcorão, 02:185] afirmam que a quantidade de dias que o muçulmano jejua no Ramadã é a mesma quantidade de dias que o mês de ramadã possui, ou seja, se o mês tiver vinte e nove dias, o jejum terá vinte e nove dias, se for de trinta dias, o jejum terá trinta dias.

A *šarī'ah* não permite que o muçulmano jejue por mais de trinta no período do Jejum de Ramadã, tanto que indica que se no dia vinte e nove deste mês, a Lua não

---

<sup>175</sup> Os nomes dos doze meses lunares em árabe são: 01- *muḥarram*, 02- *šafar*, 03- *raby' u-l- 'awwal*, 04- *raby' u-l- 'ānī*, 05- *jumādā-l- 'uwlā*, 06- *jumādā-l- 'aḥīrah*, 07- *rajab*, 08- *ša' bān*, 09- *ramadān*, 10- *šawwāl*, 11- *du-l- qī'idah* e 12- *du-l- ḥijja*.

puder ser avistada, automaticamente o mês de ramadã será computado como mês de trinta dias. Portanto, a informação do L.D.H. não só constitui uma divergência entre fontes, mas vai as raias do absurdo.

Pode-se constatar que Mota e Lopez mesmo mencionando que o jejum realizado pelo muçulmano acontece num mês lunar, não consideraram os elementos primordiais desse mês, a lua e a duração de suas fases. A afirmação deles (o muçulmano jejuia por quarenta dias no mês de ramadã) transmite para seus leitores não apenas uma informação errada sobre o jejum, mas contraria a própria lógica do calendário lunar.

Ainda em relação à vigência desse mês lunar, Mocellin (1985, p.78) indicou que há correspondência entre os meses dos calendários lunar e gregoriano (solar) ao afirmar que o período de nove de maio a nove de junho corresponde ao mês de ramadã.

A correspondência pretendida por Mocellin não considerou os seguintes fatores: a) há diferença de pelo menos onze dias entre o ano lunar que possui 354/55 dias e o ano gregoriano que tem 365,2425 dias<sup>176</sup>; b) a quantidade de dias dos meses lunares é variável enquanto no gregoriano é fixa e c) nem sempre o primeiro mês lunar (*muḥarram*) corresponderá ao primeiro mês gregoriano (janeiro). Assim, percebe-se que não há correspondência exata ou fixa entre esses calendários.

A título de ilustração, se pegarmos o mesmo período citado por Mocellin, no calendário gregoriano, o período de nove de maio a nove de junho de 2002, correspondeu no calendário lunar, respectivamente, ao período de vinte e seis de *ṣafar* (segundo mês lunar) a vinte e sete de *rabīʿu-l-ʿawwal* (terceiro mês lunar), mas o mês de ramadã, correspondeu aos meses de novembro e dezembro no ano de 2002.

É compreensível que a correspondência feita por Mocellin pretendesse a simples comparação entre os calendários lunar e gregoriano, porém, devido à credibilidade que o livro didático tem no universo do aluno, provavelmente ele, aluno, acabaria por reconhecer como válida a tal correspondência. Aparentemente, esse equívoco, não compromete a compreensão da existência do Jejum de Ramadã, porém, aniquila a diferença matemática e irrefutável que há entre os dois calendários. Deve-se lembrar sempre que uma informação errada, especialmente num texto didático, não contempla os objetivos do livro didático que são informações precisas, exatas e verdadeiras.

---

<sup>176</sup> R. Mourão. *Anuário de astronomia 2002*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 34 e 39.

Ainda, no mesmo texto Mocellin afirma que o banho e o uso de perfume são proibidos aos muçulmanos no período de duração do Jejum de Ramadã, contudo, não se encontrou nenhuma menção a essa proibição nas Fontes Islâmicas. As únicas proibições relatadas nessas fontes durante o período de jejum são as seguintes e podem ser classificadas como proibições físicas e morais: As físicas dependem de atos físicos, portanto, ao jejuador está proibida a ingestão de alimentos sólidos e líquidos e as relações sexuais. As proibições morais se referem a atos comportamentais que, independente desse período, estão vedados pela *šarī'ah* aos muçulmanos: a calúnia, a difamação, a injúria, e o menosprezo a qualquer pessoa, seja ela muçulmana ou não-muçulmana.

Quanto ao uso do perfume é opcional, pois a higiene corporal [Alcorão, 05:06], seja através do banho (*ḡusl*)<sup>177</sup> ou da ablução (*wuḍū'*)<sup>178</sup>, é um dos pré-requisitos para a realização das orações diárias, independente do período do Jejum de Ramadã. Portanto, Mocellin, com exceção do banho e do perfume, apresentou as proibições físicas do jejum e transformou dois atos permitidos pelas Fontes Oficiais do Islã em proibições religiosas. Isso pode ocasionar distorções na compreensão e no conhecimento das proibições e permissões estabelecidas para o período do Jejum de Ramadã.

Ainda, com relação à correspondência entre o Jejum de Ramadã e os meses do calendário gregoriano, Vicentino (nas edições de 1995, p. 107, 1998, p.127 e 2002, p.34) indicou que: a) no mês de Ramadã os muçulmanos comemoram a Hégira, ou seja, a emigração dos muçulmanos da cidade de Meca para a cidade de Medina em 622 e b) que no calendário gregoriano a Hégira corresponde ao mês de julho. Assim, Vicentino sinaliza para o aluno do ensino fundamental, imperito no Islã, que o Jejum de Ramadã teria sido decretado para comemorar a Hégira e que o mês lunar de ramadã sempre corresponde ao mês gregoriano de julho.

Como foi mencionado anteriormente não há correspondência direta entre os calendários lunar e gregoriano, desta forma, nem sempre o mês de ramadã coincidirá com o mês de julho. Além da divergência relativa aos calendários, Vicentino comete outro equívoco ao afirmar que a Hégira e o Jejum de Ramadã são acontecimentos inter-relacionados porque a Hégira ocorreu no terceiro mês lunar (*rabī' u-l- 'awwal*) do ano

---

<sup>177</sup> O banho corporal deve ser realizado após a relação sexual, a ejaculação involuntária ou provocada, após a menstruação e aproximadamente quarenta dias após o parto. A pessoa que se converte ao Islã, após o pronunciamento da Declaração de Fé, também deve banhar-se.

<sup>178</sup> Ablução deve ser realizada após o desmaio, o vômito, o flato, as evacuações e o sono.

622 e o Jejum de Ramadã fora decretado no nono mês lunar (*ramadān*) do ano 624. Portanto, no mês de ramadã os muçulmanos não comemoram a Hégirá.

Referindo-se aos objetivos do Jejum de Ramadã, Maranhão e Antunes (1999, p.34) afirmaram que a prática teria sido decretada por causa da escassez de alimentos no período da seca, ou seja, o jejum foi o recurso utilizado para administrar a falta de alimentos na comunidade muçulmana. A afirmação de Maranhão e Antunes diverge das fontes consultadas, que afirmam que o Jejum de Ramadã fora decretado para ser realizado em todos os meses de ramadã, independentemente do ano, da localidade geográfica, das condições climáticas, da abundância ou da escassez de alimentos, da presença ou da ausência do profeta do Islã.

Maranhão e Antunes, ao vincularem o Jejum de Ramadã ao período da seca excluíram os objetivos religiosos desse jejum<sup>179</sup>, e também não consideraram o fato de que esse jejum é realizado durante um mês lunar e, como lembra Eliade: “O calendário religioso islâmico é lunar, com 354 dias: as festas, portanto, deslocam-se através das estações”<sup>180</sup>. Conseqüentemente o Jejum de Ramadã nem sempre coincidirá com a época da seca ou com períodos de escassez de alimentos. Vale registrar que esse jejum tivesse de coincidir com a época da seca, conforme Maranhão e Antunes, ele não deveria estar vinculado aos meses lunares, mas exclusivamente aos períodos de seca e de escassez de alimentos.

Pelo exposto acima, questiona-se: Quais seriam as conseqüências trazidas por essas informações dada a importância que o aluno do ensino fundamental dá ao livro didático?

## 7. O descanso no dia de sexta-feira

Os L.D.H. mencionam a sexta-feira quando abordam o islamismo em seus textos. A sexta-feira é um dia especial para o Islã porque nele a comunidade muçulmana se reúne, geralmente em mesquitas, para realizar de forma coletiva a segunda oração diária e obrigatória, a oração do meio-dia (*Ṣalāt adḍuhr*). As sextas-feiras essa oração também é conhecida como oração da sexta-feira (*ṣalāt aljumu'a*).

<sup>179</sup> Segundo as Fontes Islâmicas entre os objetivos do Jejum de Ramadã estão: cumprimento da ordem divina, ato de adoração a Deus, fortalecimento da fé e o desenvolvimento da solidariedade, reflexão, autocontrole e paciência.

<sup>180</sup> M. Eliade. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 203

Destacam-se a seguir os livros didáticos que se referem a esse dia:

- BOULOS JÚNIOR: *As preces públicas e coletivas dos muçulmanos são denominadas de Salat. O muçulmano deve descansar às sextas-feiras e é proibido de comer carne de porco e de tomar bebidas alcoólicas.*<sup>181</sup>
- MOCELLIN: *O Alcorão permite a poligamia, mas proíbe o consumo de bebidas fermentadas, carne de porco, jogos de azar, a reprodução da figura humana e o trabalho na sexta-feira que é o dia santificado do islamismo.*<sup>182</sup>
- PILETTI E PILETTI: [...] *Além disso, estabelece uma série de preceitos que deve orientar a vida do muçulmano: orar cinco vezes ao dia, jejuar periodicamente, descansar nas sextas-feiras, ir ao menos uma vez na vida em peregrinação aos locais sagrados de Meca.*<sup>183</sup>
- SOUZA: *O Corão é o livro sagrado que contém os ensinamentos do profeta. Compreende 114 capítulos ou suratas. Os principais preceitos nele fixados são: orar cinco vezes ao dia com o rosto voltado para Meca; [...]; jejuar no mês de Ramadã, desde o nascer até o pôr-do-sol; não tomar bebidas alcoólicas; não comer carne de porco; descansar na sexta-feira; combater pela causa de Alá.*<sup>184</sup>

Os L.D.H. supracitados afirmam que o descanso na sexta-feira seria um dever do muçulmano e que o Alcorão proíbe a realização do trabalho neste dia. Ambas as afirmações não são corroboradas pelas Fontes Islâmicas consultadas, pois, nelas o descanso nas sextas-feiras **não** é um dever religioso e o trabalho, neste dia, **não** é uma atividade proibida ao muçulmano.

O fato desse descanso (da jornada semanal de trabalho) coincidir com a sexta-feira não o transforma em obrigação religiosa, conseqüentemente ele não é um dever a ser cumprido pelo muçulmano, como por exemplo, Boulos Júnior deixou transparecer em seu texto didático: “O muçulmano deve descansar às sextas-feiras”<sup>185</sup>. Considerando que o aluno do ensino fundamental, público-alvo do livro didático, desconhece a *šarī‘a*, o termo ‘deve’ tende a adquirir um tom imperativo, de ordenação, de imposição, transformando esse descanso em verdadeiro dever religioso.

<sup>181</sup> A. Boulos Júnior. *História geral: volume 1...*, 1995. p. 135. O mesmo texto consta em: *História geral: antiga...*, 1997. p. 171.

<sup>182</sup> R. Mocellin. *História antiga...*, 1985. p. 79. Com a ordem das proibições em outra disposição e sem especificação da “santificação” da sexta-feira, este texto consta em: *Para compreender a História...*, p. 165.

<sup>183</sup> N. Piletti e C. Piletti. *História e vida: da origem da humanidade à Idade Média*, v. 3. São Paulo: Ática, 2002, p. 143-44. No livro *História e vida: da pré-história...*, 1997. p. 153, os autores praticamente apresentam o mesmo texto, substituindo a palavra ‘preceitos’ por ‘preceitos morais’ e indicando que nas sextas-feiras o muçulmano deve descansar.

<sup>184</sup> O Souza, *op. cit.* p. 117.

<sup>185</sup> A. Boulos Júnior, *loc. cit.*

Outra afirmação apresentada por Boulos Júnior se refere à oração: “As preces públicas e coletivas dos muçulmanos são denominadas salat”<sup>186</sup>. A palavra árabe *ṣalāt*, é utilizada pelo Alcorão [17:78-9] para denominar as orações individuais, coletivas, obrigatórias<sup>187</sup> e voluntárias<sup>188</sup> que são praticadas pelos muçulmanos, portanto, *ṣalāt* não se restringe às orações públicas e coletivas, conforme afirma Boulos Júnior.

O trabalho na sexta-feira é outro aspecto destacado pelos L.D.H. e Mocellin afirma que o Alcorão proíbe o trabalho neste dia. A afirmação de Mocellin diverge das Fontes Islâmicas porque o Alcorão, a primeira e principal fonte do Islã, não proíbe o trabalho às sextas-feiras, apenas determina que no momento da oração coletiva da sexta-feira, ele deve ser suspenso [Alcorão, 62:09] para que o muçulmano participe da oração em congregação.

A oração da sexta-feira por substituir a oração do meio-dia, não ocupa a totalidade do dia de sexta-feira. Seu início, de acordo com Assawaf: “Começa quando o sol atinge seu ponto culminante (zênite), aproximadamente às doze horas. Este horário pode ser ligeiramente antecipado ou atrasado, conforme a estação do ano”<sup>189</sup>. A duração desta oração está vinculada ao tempo empregado na realização do sermão (*ḥuṭbah*) que em média dura de quarenta e cinco a sessenta minutos. O sermão, dirigido à comunidade presente, geralmente é proferido por um imã (*imām*), autoridade religiosa, que aborda problemas sociais, orienta a prática do bem-comum e exorta a submissão do muçulmano a Deus.

Após a realização da oração da sexta-feira, o Alcorão autoriza o muçulmano deixar a mesquita para procurar as graças de Deus [Alcorão, 62:10], conseqüentemente ele pode retornar para sua atividade profissional, para seu trabalho, enfim para sua ocupação diária, e para o muçulmano o trabalho é uma das graças que Deus concede aos homens.

Mocellin, ainda em suas duas edições, deixa subentendido no texto, ou, pelo menos dá margem à interpretação de que apenas nas sextas-feiras, o muçulmano está proibido de ingerir bebida fermentada<sup>190</sup>, consumir carne de porco, praticar jogos de

<sup>186</sup> A. Boulos Júnior, *loc. cit.*

<sup>187</sup> As orações obrigatórias são: oração da alvorada (*ṣalāt al-fajr*), oração do meio-dia (*ṣalāt ad-duhr*), oração da tarde (*ṣalāt al-ʿaṣr*), oração do crepúsculo (*ṣalāt al-maḡrib*) e oração da Noite (*ṣalāt ʿiṣāʾ*).

<sup>188</sup> A título de exemplificação entre as orações voluntárias cita-se: a oração de súplica (*ṣalāt qiyām*) e a oração para consultar Deus (*ṣalāt al-istiṣārah*).

<sup>189</sup> M. Assawaf. *A oração no islam*. São Bernardo do Campo: Makka, 1977, p. 47.

<sup>190</sup> R. Mocellin afirmou que o muçulmano é proibido de consumir bebidas fermentadas. Assim, questiona-se: Se somente as bebidas fermentadas estão proibidas aos muçulmanos, então eles poderiam ingerir as destiladas? De acordo com a *ṣarīʿah* (lei do Islã), o muçulmano está proibido de consumir qualquer

azar e reproduzir a figura humana. As proibições citadas por Mocellin, de acordo com Al-Karadhawi<sup>191</sup>, são atemporais, portanto, não se referem apenas à sexta-feira, mas aos outros dias da semana, em todos os meses e anos.

Os L.D.H. ao apresentarem o descanso como dever e o trabalho como proibição na sexta-feira indicam automaticamente que o agir de forma contrária, a essas determinações, implica em desobediência ao Islã.

É preciso lembrar, antes de encerrar a questão das divergências factuais encontradas entre os L.D.H. e as Fontes Islâmicas, que trabalho e descanso são mundialmente complementares e cada país constrói sua própria legislação trabalhista para estabelecer regras para estes dois pontos. Por exemplo, no Brasil, a legislação trabalhista estipula que um dia da semana deve ser reservado para o descanso da jornada semanal de trabalho e na maioria das vezes, esse dia, atendendo a indicação constitucional<sup>192</sup>, é o domingo. Em países de maioria muçulmana geralmente esse descanso é realizado na sexta-feira, justamente para coincidir com a oração da sexta-feira (*ṣalāt aljumu'a*) e viabilizar a ida do muçulmano para a mesquita. Porém, deve-se enfatizar que mesmo nesses países, o trabalho não é proibido neste dia.

---

bebida classificada como *hamr* [Alcorão, 02:219/05:90], e entre elas estão as fermentadas e as destiladas. Aqui é interessante registrar que na época de Maomé as bebidas inebriantes eram fermentadas, porém, para a teologia islâmica *hamr* é qualquer bebida ou substância que cause o entorpecimento dos sentidos e a perda da consciência e do raciocínio humano.

<sup>191</sup> Y. Al-Karadhawi, *op. cit.*, p. 73-4 (carne de porco), p. 114-19 (bebida), p. 158-60 (imagens) e p. 460-63 (jogos de azar).

<sup>192</sup> BRASIL. Constituição (1998). *Constituição da república Federativa do Brasil*. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1989, p.12.

## CAPÍTULO IV

### DIVERGÊNCIAS CONCEITUAIS

As divergências conceituais, como o próprio nome diz, se referem ao conceito, à representação e a interpretação que, aqui, os L.D.H. apresentam em relação a fatos históricos e a pontos estruturais do Islã. A seguir, destacam-se algumas dessas divergências, tais como: os pilares do Islã, a Hégira (*Alhijrah*), o Jihad (*Jihād*), o retorno dos muçulmanos a Meca em 630, as referências sobre o paraíso e a poligamia e a escravidão.

#### 1. Os pilares do Islã

A religião islâmica está fundamentada em princípios, conhecidos como pilares (*arkān*), que são tradicionalmente reunidos em dois grupos: **pilares da crença** (*arkān al 'īmān*) e **pilares do Islã** (*arkān al 'islām*).

Os L.D.H. mencionam tais pilares para ilustrar e sintetizar os principais deveres religiosos que os muçulmanos devem cumprir. Alguns desses livros destacam os seguintes pontos:

- AZEVEDO: [...] cinco obrigações: confessar que Alá é o único Deus e Maomé seu profeta, rezar cinco vezes ao dia inclinados para Meca, dar esmolas (ou seja: pagar os impostos, esmolas oficiais obrigatórias), fazer uma peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida, jejuar no nono mês muçulmano (mês de Ramadã) do nascer ao pôr-do-sol. Além disso, o Alcorão diz que o muçulmano deve abster-se da carne de porco e de bebidas alcoólicas e promover a “guerra santa” aos infiéis.<sup>193</sup>
- COTRIM: No Corão (ou Alcorão, que significa – al=a; corão= leitura), livro sagrado dos muçulmanos, foram reunidos os princípios básicos do islamismo, entre eles: crer em Alá, o único deus, e em Maomé, o seu grande profeta; fazer cinco orações diárias; ser generoso para com os pobres e dar esmolas; cumprir o jejum religioso durante o Ramadhan e ir em peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.<sup>194</sup>

<sup>193</sup> L. Azevedo, *op. cit.*, p. 174.

<sup>194</sup> G. Cotrim. *História geral: nova consciência...*, 2001. p. 170-71. No livro *História e consciência do mundo...*, 1992, p.121 e 1997, p.141, Cotrim apresenta praticamente o mesmo texto, substituindo a palavra 'regras' por 'princípios' e destacando entre parênteses que o ramadã é o mês do jejum.



- BONI: *Os preceitos dessa nova religião eram a crença num único deus, Alá; a Guerra Santa, para difundir a verdadeira fé; o dever da caridade; a obrigação de orar cinco vezes por dia com o rosto voltado para Meca; o jejum durante o Ramadã, mês sagrado do calendário muçulmano; a peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.*<sup>195</sup>
- BOULOS JÚNIOR: *O princípio fundamental do islamismo é a crença em Alá, o único deus e, em seu profeta, Maomé. Algumas práticas religiosas do islamismo são: orar cinco vezes ao dia com o rosto voltado para Meca; jejuar durante o ramadã (mês de jejum). O fiel não deve ingerir nem alimento nem água durante o dia; dar esmolas proporcionais aos bens que possui; ir aos lugares sagrados de Meca, pelo menos uma vez na vida; participar da guerra santa, a fim de propagar o islamismo por meio de conquistas.*<sup>196</sup>
- LUCCI: *Os seguidores do islamismo têm cinco obrigações principais: rezar cinco vezes ao dia; jejuar, durante o dia, no mês de Ramadã; ir a Meca pelo menos uma vez na vida; dar esmolas; combater os infiéis.*<sup>197</sup>
- MATTOS: *Veja as regras essenciais do islamismo. Acreditar em Alá, deus todopoderoso, e Maomé seu grande profeta; Orar 5 vezes ao dia com o rosto voltado para Meca; Ser generoso com os pobres e dar esmolas; obedecer ao jejum religiosos durante o Ramadã (mês do jejum).*<sup>198</sup>
- PILETTI e PILETTI: [...] *Além disso, estabelece uma série de preceitos que deve orientar a vida do muçulmano: orar cinco vezes ao dia, jejuar periodicamente, descansar nas sextas-feiras, ir ao menos uma vez na vida em peregrinação aos locais sagrados de Meca. Deve também dar esmolas, não beber álcool nem comer carne de porco e, se necessário, participar da guerra santa para espalhar, por meio de conquistas, a religião islâmica e converter os infiéis à sua crença. Os muçulmanos crêem que os que morrem combatendo pela fé islâmica têm assegurado o paraíso.*<sup>199</sup>
- SANTOS: *Os ensinamentos de Maomé foram reunidos no Alcorão – livro sagrado dos muçulmanos. Os principais deveres dos seguidores da religião muçulmana são: rezar cinco vezes por dia, voltados na direção de Meca; ir em peregrinação a Meca ao menos uma vez na vida, caso tenham recursos; dar esmolas, jejuar no mês de ramadã (mês de jejum); fazer a Guerra Santa.*<sup>200</sup>
- SARONI: *Entre os principais preceitos estabelecidos para os fiéis muçulmanos contam-se: cinco momentos diários de oração, com a face voltada para Meca; jejum no mês sagrado de Ramadã; peregrinação a Meca uma vez na vida; dar*

<sup>195</sup> A. Boni, *op. cit.*, p. 168.

<sup>196</sup> A. Boulos Júnior. *História geral: volume I...*, 1995, p. 135. O mesmo texto consta em: *História geral: antiga e medieval...*, 1997, p. 171.

<sup>197</sup> E. Lucci, *op. cit.*, p. 149

<sup>198</sup> H. Mattos, *op. cit.*, p. 103.

<sup>199</sup> N. Piletti e C. Piletti, *História e vida integrada...*, 2002, p. 155-56.

<sup>200</sup> M. Santos, *op. cit.*, p. 150.

*esmolas; abster-se de carne de porco e de bebidas alcoólicas; promover a guerra santa aos infiéis.*<sup>201</sup>

- SILVA: [...]. *Eis alguns princípios básicos: a crença em um único Deus, que é Alá, e em Maomé, seu profeta; orar cinco vezes ao dia, com a face voltada para Meca; jejuar durante todo o mês de ramadã; dar esmolas; fazer a guerra santa aos infiéis; visitar Meca (a cidade sagrada) pelo menos uma vez na vida.*<sup>202</sup>
- SOUZA: [...]. *Os principais preceitos nele fixados são: orar cinco vezes ao dia com o rosto voltado para Meca; peregrinar a Meca pelo menos uma vez na vida; dar esmolas; jejuar no mês de Ramadã, desde o nascer até o pôr-do-sol; não tomar bebidas alcoólicas; não comer carne de porco; descansar na sexta-feira; combater pela causa de Alá.*<sup>203</sup>

Note-se que essas citações, encontradas nos L.D.H., não fazem distinção entre os dois tipos de pilares (da crença e do Islã) citados anteriormente e se referem a eles utilizando-se de termos, tais como: deveres, obrigações, práticas religiosas, preceitos, principais deveres, princípios básicos e regras essenciais, que remetem a cinco, seis, sete e oito ‘deveres’ que devem ser cumpridos pelos muçulmanos.

Dentre estes pontos pode-se destacar um que apresenta, textualmente, a ‘guerra santa’ como sendo um dos pilares que compõem a religião islâmica. Nota-se que a indicação da ‘guerra santa’ como pilar da religião islâmica, nos L.D.H. analisados, é realizada por Azevedo, Boni, Boulos Júnior, Lucci, Santos, Saroni, Silva e Piletti e Piletti.

Esses autores, de forma geral, apresentam o termo ‘guerra santa’ como dever do muçulmano para propagar a religião islâmica através da guerra, do combate, da invasão territorial e da conversão imposta ao ‘infiel’, sem ao menos informar, por exemplo, a quem o termo ‘infiel’ se aplica, se aos não-monoteístas ou se a qualquer pessoa não-muçulmana, por exemplo.

De qualquer modo o termo ‘guerra santa’ não se encontra nas Fontes Islâmicas e, portanto não poderia ser capitado como pilar. Há célebre *hadit* atribuído a ‘Umar Ibn-Alḥaṭṭāb, o segundo califa do Islã, em que é relatada conversa que teria ocorrido, na

<sup>201</sup> F. Saroni, *op. cit.*, p. 192.

<sup>202</sup> F. Silva. *História geral: Antiga...*, 1985, p. 102. Praticamente o autor repete o mesmo texto na edição de 1990, p. 135, incluindo apenas a seguinte frase: *todos os homens são iguais perante Deus*. Vale registrar que no livro *História: do mundo medieval...*, 2001, p. 22, após a descrição dos cinco pilares do Islã, o autor inclui o seguinte texto: *Além desses princípios fundamentais, a religião islâmica impunha certas normas de conduta aos fiéis [...] Entre as normas de caráter mais religioso que social, podemos citar as proibições de comer carne de porco.[...] Destaca-se também a obrigação do fiel de fazer a chamada jihad – guerra santa – por Alá e pela fé, contra os infiéis, os rebeldes, os bandidos e os traidores.*

<sup>203</sup> O. Souza, *op. cit.*, p. 117.

presença de ‘Umar Ibn-Alḥaṭṭāb, entre Maomé e o anjo Gabriel, tido como o anjo anunciador da vontade divina, em que teriam destacado os pilares que comporiam a religião islâmica: os pilares da crença e os pilares do Islã:

*Omar Ibn Alkhatab relata: Certo dia, quando estávamos sentados com o Mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele), chegou até nós um homem vestindo uma roupa extremamente branca e o cabelo muito negro. Não havia sinais de que tivesse viajado e nenhum de nós o conhecia. Ele (chegou e) se sentou próximo ao profeta (\*)<sup>204</sup>. Ele apoiou nos joelhos do profeta (\*) e colocou as mãos sobre suas coxas. Ele disse: “Ó Mohammad, fala-me sobre o Islam”. O Mensageiro de Allah (\*) respondeu “O Islam é testemunhar que não há outra divindade senão Allah e que Mohammad é Seu Mensageiro, é aprimorar as orações, pagar o zakat, fazer o jejum (no mês) do Ramadã e a peregrinação à Caaba, desde que haja recursos”. Ele disse, “Falastes a verdade”. Ficamos surpresos porque ele fez a pergunta e, em seguida, disse que ele tinha falado a verdade. Ele disse “Fala-me sobre o Imaan (fê)”. Ele [o Mensageiro de Allah (\*)] respondeu “É crer em Allah, em Seus anjos, em Seus livros, em Seus mensageiros, no Dia do Juízo Final e crer no destino, seja ele bom ou mal”. Ele disse, “Falaste a verdade”. Ele disse, “Fala-me sobre o Al-Ihsaan (a perfeição)”. Ele (o Profeta (\*)) respondeu, “que adoremos a Allah como se O vissemos. E, mesmo que não O vejamos, (sabemos), Ele nos vê”. Ele disse, “Fala-me sobre (o tempo) a Hora” Ele [o Profeta (\*)] respondeu, “Aquele a quem é perguntado não sabe mais do que aquele que pergunta”. Ele disse, “Fala-me sobre os sinais”. Ele respondeu, “a escrava dará à luz a sua dona; e veremos pastores indigentes, descalços e com pouca roupa, rivalizando-se na construção de prédios imponentes”. Em seguida, ele foi embora. Fiquei ali por um longo tempo. Então, ele [o Profeta(\*)] disse, “Ó Omar, sabeis quem era aquele interrogador?” Eu disse “Allah e Seu Mensageiro sabem melhor”. Ele disse, “Era (Anjo) Gabriel, que veio ensinar-vos a vossa religião”.<sup>205</sup>*

Os pilares da crença, constam no Alcorão [02:177] e compreendem a crença na Unicidade de Deus (*tawhīd*), nos anjos (*malā'ikah*), nos mensageiros (*arrusul*)-

<sup>204</sup> A tradutora adotou o asterisco para representar a frase: “Que a paz e a misericórdia de Allah estejam com ele”.

<sup>205</sup> J. Zarabozo. *A Mensagem do Anjo Gabriel para a humanidade: os fundamentos do Islam*. Rio de Janeiro: Azaan, 2002, p. 04-05.

mencionados nos livros sagrados: na Torá (Velho Testamento), nos Salmos de Davi, no Evangelho (Novo Testamento) e no Alcorão. Os pilares da crença ainda compreendem a crença no Dia do Juízo Final (*alyawm al'ahīr*) e no destino (*alqadar* ou *alqadā*).

Quanto aos **pilares do Islã**, esses se referem a: a) a declaração de fé (*šahādah*), que consiste no duplo testemunho que reconhece a unicidade de Deus (*'ašhadu 'anna lā 'ilāha illa-Lāh*) e a missão profética de Maomé (*'ašhadu 'anna Muḥammada rasūlu-Lāh*); b) a oração ritual (*ṣalāt*), realizada cinco vezes ao dia; c) a esmola (*zakāt*)<sup>206</sup>, tributo social, pago sobre a renda<sup>207</sup> líquida anual do muçulmano; d) o jejum (*sawm*), realizado na vigência do mês lunar de ramadã e e) a peregrinação (*hajj*)<sup>208</sup> a Caaba na cidade de Meca, Arábia Saudita.

Pode-se observar que no *ḥadīṭ* supracitado há a especificação dos **pilares da crença** e dos **pilares do Islã**, e que eles não mencionam nem se referem ao termo 'guerra santa', utilizado nos L.D.H. Fora as Fontes Islâmicas, outros autores não utilizam o termo 'guerra santa' para denominar nenhum dos pilares que fundamentam a religião islâmica, entre os quais, citam-se: Arbex Júnior, Bausani, Demant, Eliade, Garaudy, Jomier e Rahman<sup>209</sup>.

Portanto, os L.D.H. ao apresentarem o termo 'guerra santa', como um dos pilares da religião islâmica, incorrem em, pelo menos, duas imprudências: a inclusão de um termo que não integra os pilares que formam a religião islâmica e a indicação de que o eixo norteador desta religião tem caráter belicoso. Essas imprudências tendem a ocasionar distorções na compreensão destes pilares porque podem infundir no aluno do ensino fundamental –imperito neste tema– a noção equivocada de que esta religião e seus adeptos, por princípio dogmático, por fundamento, santificam a guerra por serem afeitos à luta, ao combate e à violência. Essa noção dará vazão à idéia (já corrente) de que o Islã e os muçulmanos não compartilham de ideais pacifistas, humanitários e altruístas que integram as outras religiões monoteístas.

<sup>206</sup> Além desta *zakāt*, o terceiro pilar do Islã, há *zakāt alfiṭr* (*zakāt* do desjejum) que é paga antes do encerramento do Jejum de Ramadã. Seu valor *per capita* corresponde normalmente ao valor diário de uma refeição que, de acordo com as Fontes Islâmicas, é destinado aos pobres e necessitados para que eles compartilhem das alegrias e das festividades do *'īd alfiṭr* (festa realizada no final do jejum de ramadã).

<sup>207</sup> Para maiores detalhes sobre o cálculo da *zakāt*, ver A. Mahairi. *O caminho para o islamismo*. Curitiba: Grafipar, 1977, p. 59-63.

<sup>208</sup> É bom lembrar que a peregrinação só deve ser empreendida por quem disponha de saúde física, mental e recursos financeiros, provenientes de fontes lícitas, para custear as despesas da viagem e da manutenção da família durante sua ausência.

<sup>209</sup> J. Arbex Júnior. *Islã: um enigma de nossa época*. São Paulo: Moderna, 1996, p. 20; A. Bausani. *El Islam em su cultura*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.47; P. Demant, *op. cit.*, p. 27; M. Eliade. *Dicionário ...*, p. 194; . Garaudy. *Promessas do Islã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.33-4; J. Jomier, *op. cit.*, p. 95-124 e F. Rahman, *op. cit.*, p. 57-8.

Para ilustrar que os ideais pacifistas supramencionados permeiam a religião islâmica pode-se citar a referência a *zakāt*, o terceiro pilar, apresentada por Schuon: “A esmola vence o egoísmo e avareza, materializa a solidariedade entre todas as criaturas, sendo como um jejum da alma, tal como o jejum propriamente dito é uma esmola do corpo”<sup>210</sup>. A *zakāt*, de acordo com Schuon, purifica o doador, proporciona a ajuda material aos menos favorecidos e desenvolve a solidariedade entre os muçulmanos. Nem a *zakāt* nem qualquer outro pilar da religião islâmica apresenta nenhuma conotação ou referência a qualquer princípio que veicule a luta armada.

É ingênuo, contudo, excluir ou negar a existência da luta armada, convocada por líderes religiosos e não-religiosos, pois é fato verídico e comprovado na história do Islã<sup>211</sup>, porém, tal convocação na análise empreendida por Mantran não deve ser associada aos pilares da religião islâmica por que: “A guerra santa (*djihad*) não fazia parte dos cinco princípios essenciais do dogma. Representava meramente uma obrigação ocasional. Os poderes seculares tinham tendência a se servir dela, mas alguns juristas opinaram que as únicas guerras santas foram as do profeta. Há que evitar também crer que o islamismo deva ser propagado pela espada (CorãoII, 257: ‘nada de constrangimento em matéria de religião; a verdade se distingue suficientemente do erro’)<sup>212</sup>. Mantran não nega a existência da ‘guerra santa’, mas afirma que ela não integrava os pilares do Islã e que essa guerra foi adicionada por estratégia política de líderes pós-Maomé. O autor, ainda, ressalta que os pilares da religião islâmica não pregam a violência e nem a ‘guerra santa’.

Deve-se esclarecer que este trabalho não contempla a discussão sobre a origem, ideologias, objetivos e nem mesmo a existência, do que convencionalmente é denominado de ‘guerra santa’, ou seja, o conflito armado envolvendo muçulmanos, mas apenas trazer a tona o fato de ser apresentada nos L.D.H, como sendo um dos pilares da religião islâmica, o que consiste em um erro conceitual, com efeitos prejudiciais para o aluno que, totalmente confiante no livro didático, será levado a acreditar que essa religião invoca a violência. Desta forma, e com esse posicionamento, os L.D.H. estariam não só desinformando, mas também, colaborando para a formação de preconceitos. Não se pode esquecer que um dos objetivos do livro didático é a informação isenta de rótulos e de preconceitos, uma vez que ele participa e influi na

<sup>210</sup> F. Schuon. *Compreender o Islão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989, p.45.

<sup>211</sup> K. Armstrong. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 61-80 e p.277-291.

<sup>212</sup> R. Mantran. *A Expansão Muçulmana...*, p.72-3.

formação escolar do aluno e, por isso, um zelo maior da parte de autores, revisores e editoras deve ser observado.

## 2. A Hégira (*Alhijrah*)

A Hégira (emigração, marcha ou retiro para longe da sociedade), palavra de origem árabe, *Alhijrah*, deriva-se do verbo árabe *hajara* (emigrar, afastar, separar e renunciar). Na história islâmica, a palavra Hégira é empregada para indicar a emigração, a saída, a mudança dos muçulmanos da cidade de Meca para outras localidades.

O termo aparece nos L.D.H. como se pode observar nos textos abaixo:

- AZEVEDO: [...] em 622, Maomé deixou então a cidade. É a Hégira, que significa "fuga, migração, separação". Para os muçulmanos o ano de 622 é o ponto de partida (ano 1) do seu calendário.<sup>213</sup>
- BARBOSA FILHO E STOCKLER: [...]. Maomé foi obrigado, então, a fugir para Iatrib, que passou a chamar-se Medina, nome que significa a 'cidade do profeta'. Essa fuga, que ocorreu em 622, é chamada hégira e indica o início do calendário muçulmano. Tem para esse povo, portanto, o mesmo significado que o nascimento de Cristo tem para os cristãos.<sup>214</sup>
- BONI: Perseguido pelos poderosos comerciantes de Meca,[...], Maomé fugiu com seus seguidores para Yatrib. Essa fuga (hégira) ocorreu em 622, ano que os muçulmanos tomam como marco inicial de seu calendário.<sup>215</sup>
- COTRIM E ALENCAR: No decorrer de suas pregações religiosas, Maomé [...] foi obrigado a deixar a cidade em 622 e partir para Yathrib (posteriormente denominada Medina – Cidade do Profeta). Essa data denomina-se hégira (fuga) e marca o início do calendário muçulmano.<sup>216</sup>
- DUARTE: [...] Maomé foi perseguido. Para escapar, ele fugiu para a cidade de Iatrib, que mais tarde passou a chamar-se Medina (=cidade do profeta). Essa fuga aconteceu no ano 622, que se tornou ponto de partida para a contagem dos anos, na era maometana.<sup>217</sup>
- GIOVANNI, JUNQUEIRA e TUONO: [...] Maomé, que precisou fugir para uma cidade próxima, Iatrib. Essa fuga, a hégira, aconteceu no ano 622 da

<sup>213</sup> L. Azevedo, *op. cit.*, p.174.

<sup>214</sup> M. Barbosa Filho e M. Stockler, *op. cit.*, p.93.

<sup>215</sup> A. Boni, *op. cit.*, p.169.

<sup>216</sup> G. Cotrim e A. Alencar, *op. cit.*, p.127.

<sup>217</sup> G. Duarte, *op. cit.*, p.131.

nossa era e marca o início da contagem do tempo para os povos que seguem a religião maometana.<sup>218</sup>

- HERMIDA: *Em 622, para não morrer nas mãos dos coraixitas, Maomé fugiu para Iatreb, que desde então passou a chamar-se Medina (Cidade do Profeta). Esse episódio, conhecido como Hégira (“fuga” ou “emigração”), marca o início do calendário muçulmano. O ano 1 da era muçulmana corresponde ao ano 622 da era cristã.*<sup>219</sup>
- LUCCI: *[...] Maomé [...] com medo de ser assassinado, fugiu, em 622, para Iatreb, que posteriormente passou a denominar-se Medina, isto é, “cidade do profeta”. A fuga de Maomé, conhecida como Hégira (fuga), deu início ao ano 1 do calendário árabe ou muçulmano (16 de julho de 622).*<sup>220</sup>
- MOTA E LOPEZ: *Perseguido pelos chefes de Meca, [...] Maomé é obrigado a fugir para Yatreb, em 622. Os muçulmanos, seguidores do Islã, contam os anos a partir da Hégira que é a fuga de Maomé de Meca. Yatreb ficou conhecida como Medina, ou seja, a “cidade do profeta”.*<sup>221</sup>
- RODRIGUE: *[...] Maomé fugiu para Iatreb, que a partir de então passou a ser chamada de Medina, “a cidade do profeta”, e ali fundou uma comunidade de fiéis da nova religião, os muçulmanos. Esse episódio, conhecido como Hégira, ocorreu em 622 e é o marco inicial do calendário muçulmano.*<sup>222</sup>
- SARONI: *Ao manifestar suas visões místicas, [...] encontrou oposição cerrada dos coraixitas. Dá-se então a famosa fuga de Meca para Medina, conhecida como Hégira (de hidjira, fuga em árabe), em 622 – também o ano primeiro do calendário islâmico.*<sup>223</sup>
- SCHMIDT: *Os comerciantes de Medina [...] Tramaram então um plano para eliminar o Profeta. Mas ele foi avisado e conseguiu fugir a tempo. Essa fuga, chamada de Hégira, é uma data sagrada para os muçulmanos. Tornou-se o primeiro ano do calendário islâmico (equivale ao ano 622 d. C. para os cristãos). De Medina, Mohammad foi para Meca, que se tornou a cidade sagrada para os muçulmanos.*<sup>224</sup>
- SILVA: *Ameaçado de morte pelos coraixitas, Maomé fugiu de Meca, em 622, e refugiou-se em Yathrib, que mudou o nome para Medina (cidade do profeta). A fuga de Maomé de Meca para Medina, em 622, é conhecida como Hégira e marca o início do calendário muçulmano.*<sup>225</sup>

<sup>218</sup> M. Giovani, Z. Junqueira e S. Tuono, *op. cit.*, p.41.

<sup>219</sup> B. Hermida, *op. cit.*, p.189

<sup>220</sup> E. Lucci, *op. cit.*, p.144-5.

<sup>221</sup> C. Mota e A. Lopez, *op. cit.*, p.164.

<sup>222</sup> J. Rodrigue, *op. cit.*, p. 44.

<sup>223</sup> F. Saroni, *op. cit.*, p.192.

<sup>224</sup> M. Schmidt, *op. cit.*, p.219-20.

<sup>225</sup> F. Silva. *História geral...*, 1985, p.101. O mesmo texto conta nas edições de 1990, p. 134. e 1994, p.114.

- SOUZA: *Maomé, ameaçado pelos coraixitas, fugiu para a cidade de Medina, grande centro agrícola. Este fato ficou conhecido como Hégira, que significa “fuga”. Ele é importante na religião islâmica porque marca o início do calendário maometano.*<sup>226</sup>
- VICENTINO: [...]. *Por tudo isso, a tribo da qual Maomé descendia passou a persegui-lo, obrigando-o a deixar Meca em 622. Esse acontecimento, chamado hégira (palavra árabe para “fuga”), foi transformado no marco do atual calendário islâmico. Assim, Maomé e seus adeptos deixaram Meca e dirigiram-se para a antiga cidade de Yatrib, que passou a se chamar Medina, que significa, na língua árabe, “a cidade do profeta”.*<sup>227</sup>

De forma geral, nestes L.D.H., a palavra Hégira é apresentada ao aluno do ensino fundamental sob três aspectos: a) traduzida para a língua portuguesa como ‘fuga’; b) referindo-se exclusivamente à saída de Maomé da cidade de Meca para a cidade de Medina em 622 e c) como acontecimento que marca o início do calendário muçulmano.

Dentre esses três aspectos, o calendário muçulmano é o único ponto convergente com as Fontes Islâmicas consultadas, pois, a Hégira é descrita (nas Fontes Islâmicas) como o processo empreendido por muitos muçulmanos (e não apenas por Maomé) que, perseguidos pelos coraixitas, foram compelidos a emigrarem de Meca para salvaguardarem a integridade física e a fé monoteísta. Aqui vale registrar que a palavra árabe para fuga não é Hégira (*alhijrah*), mas *hurūb*.

A emigração dos muçulmanos para a cidade de Medina em 622, de acordo com Puech<sup>228</sup>, não foi uma decisão impulsiva, tomada num rompante, sem organização e sem planejamento porque essa emigração teria sido resultado de negociações previamente realizadas por Maomé com os representantes das tribos 'Aws e *Hazrij*, da cidade de *Yatrib* (futura Medina) que, pelo ‘Pacto de *‘Aqabah*’<sup>229</sup>, se comprometeram a defender e receber os muçulmanos em sua cidade. Posteriormente os habitantes de *Yatrib* foram denominados de socorredores (*‘ansār*) por terem acolhido os muçulmanos.

Diferentemente do que os L.D.H. apresentaram, não houve apenas uma única Hégira porque segundo Mantran<sup>230</sup>, a primeira Hégira ocorreu no ano 615 em direção à

<sup>226</sup> O. Souza, *op. cit.*, p. 116-7.

<sup>227</sup> C. Vicentino. *Viver a História...*, 2002, p.33. Com exceção de que a palavra Hégira significaria fuga, o mesmo texto consta em: *História integrada...*, 1995, p.106 e em *Memória viva...*, 1998, p. 126.

<sup>228</sup> H. Puech. *Las religiones en el mundo mediterráneo y en el Oriente Próximo II*. México: Siglo Veinteuno Editores, 1979, p. 366.

<sup>229</sup> ‘*Aqabah*’ é o nome de uma localidade que dista aproximadamente três quilômetros da cidade de Meca, onde Maomé e os representantes das tribos 'Aws e *Hazrij* firmam um acordo de aliança e proteção.

<sup>230</sup> R. Mantran. *As grandes datas...*, p. 09.



Abissínia<sup>231</sup> (*Habašah*), hoje Etiópia e a última Hégira foi empreendida em 622 para a cidade de Medina, aproximadamente a 300 quilômetros de Meca.

Deve-se registrar que Maomé participou da organização de todas as emigrações realizadas até 622 e, ao contrário das afirmações realizadas pelos L.D.H., Eliade afirma que: “Maomé é um dos últimos emigrantes, e tem a acompanhá-lo o sogro Abu Bakr. Em 24 de dezembro chegaram a Qobâ, aldeia vizinha de Medina. A ‘Emigração’, a hégira (árabe al hijira) acabava de concluir-se com êxito. Pouco tempo depois o Profeta entrou em Medina e deixou que seu camelo (uma fêmea) escolhesse o sítio da futura morada”<sup>232</sup>. Assim, entende-se que Hégira foi um processo organizado que envolveu a ‘pequena comunidade muçulmana’ residente em Meca e não deve ser relacionada apenas a pessoa de Maomé como se ele, temendo pela própria vida, abandonasse a cidade (de Meca) e deixasse os muçulmanos (residentes em Meca) a mercê dos coraixitas.

Os L.D.H. ao interpretarem a Hégira como ‘fuga’, destacando que Maomé fugiu de Meca, imprimem valores pejorativos ao evento, desconsideram a organização e os procedimentos que os muçulmanos, sob o comando de Maomé, realizaram antes de iniciar a Hégira. Hourani apresenta uma versão para Hégira, diferente da explicação oferecida pelos L.D.H.:

*Essa mudança para Medina, a partir da qual as gerações posteriores iriam datar o início da era muçulmana, é conhecida como a hégira: a palavra não tem apenas o sentido negativo de fuga de Meca, mas o positivo da busca de proteção, estabelecendo-se num lugar que não o seu próprio. Nos séculos islâmicos posteriores, seria usada para significar o abandono de uma comunidade pagã ou má por uma outra que vive segundo a doutrina moral do Islã.*<sup>233</sup>

Segundo Hourani, a palavra Hégira não se refere apenas à emigração de Maomé e da comunidade muçulmana de Meca para Medina (em 622), mas a qualquer muçulmano que tenha deixado sua localidade, sua comunidade para residir dentro de uma comunidade organizada sob as leis do Islã. A Hégira, ainda, para Hourani, tem sentido positivo porque propiciou a busca por local e condições favoráveis para a

<sup>231</sup> A. Mohamad, *op. cit.*, p.97-102 apresenta um resumo sobre a primeira emigração para à Abissínia.

<sup>232</sup> M. Eliade. *História das crenças...*, p. 93.

<sup>233</sup> A. Hourani, *op. cit.*, p.34.

preservação da comunidade muçulmana proveniente da cidade de Meca, contemporânea a Maomé.

A questão da Hégira também pode ser observada pelo prisma de oferecer resistência ao poder coraixita de Meca e não apenas ao fato de sair de uma localidade para outra porque como lembra Schilling: “Resistir é: opor-se, fazer face, fazer frente, defender-se, recusar-se, negar-se, não sucumbir, sobreviver, subsistir, durar, conservar-se...”<sup>234</sup>. Portanto, os muçulmanos permanecendo em Meca, pouca resistência poderiam oferecer aos coraixitas, ao passo que preservando suas vidas e a mensagem corânica, era para aquele momento, a melhor forma de resistir, ‘de fazer face’, aos coraixitas, que pretendiam exterminá-los. Nessa perspectiva, Hégira e fuga (*hurūb*) não são acontecimentos correlatos.

Deve-se registrar que Duarte, Giovani, Junqueira e Tuono e Souza, em seus textos didáticos, além de empregarem a palavra Hégira como ‘fuga’, afirmaram que a Hégira marca o início da era ‘maometana’. Certamente com esse termo equivocado fazem referência ao início da ‘era muçulmana pós-Hégira’. Deve-se registrar que a questão em torno do emprego desse termo já fora discutida anteriormente<sup>235</sup>, por isso, essa pesquisa, aqui, restringe-se a citar Vitray-Meyerovitch, que diz: “torna-se necessário fazermos justiça quanto a um erro por demais propagado: é um verdadeiro contra-senso falarmos de ‘maometanos’, já que nenhum culto é dirigido a Muhammad, certamente um Profeta, mas homem como qualquer um de nós”.<sup>236</sup>

Quanto à presença de termos equivocados em textos didáticos, vale mencionar a advertência feita por Zanotto ao analisar ‘as metáforas e suas implicações para o ensino da leitura’: “Não colocam em questão que o fato de que os significados construídos pelos leitores podem ser diferentes, ou seja, o fato de que a mesma forma pode levar a diferentes significados [...]”<sup>237</sup>. Portanto, os textos (e os termos) após sua veiculação podem perder os significados atribuídos pelo autor e receber a interpretação pessoal de cada leitor e, por isso, maior zelo deve ser observado na elaboração dos textos didáticos.

---

<sup>234</sup> F. Schilling. Estudos sobre resistência. Campinas. 1991. 17 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

<sup>235</sup> Vide capítulo III, item 02.

<sup>236</sup> Vitray-Meyerovitch, Evá de. *Sentidos da oração* In Lucchesi. M. (org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.139.

<sup>237</sup> M. Zanotto. *Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora*. In Paiva, Vera (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998, p.18.

Além do uso inadequado de certos termos, é preciso destacar, como exemplo dos erros cometidos pelos livros didáticos, a informação dada por Schmidt<sup>238</sup>, que diz a Hégira ocorreu da cidade de Medina para a cidade de Meca. Sabe-se que o Islã ‘nasceu’ em Meca e foi dessa cidade que os muçulmanos foram compelidos, pelos coraixitas, a emigrarem para outras localidades e, em 622 eles emigram da cidade de Meca para a cidade de Medina. Portanto, a afirmação de Schmidt indica, no mínimo, desconhecimento da deslocação espacial da Hégira (em 622), e por isso pergunta-se: É isso que se espera de um autor de um livro didático de História?

E para finalizar, com relação à Hégira, constatou-se que algumas informações não foram devidamente verificadas, certificadas, confirmadas antes de fazê-las constar nos textos didáticos, por isso, às vezes não podem ser chamadas de divergências, mas de erros e de equívocos por usarem certos termos e confundirem dados históricos, o que leva a questionar o proveito que o aluno possa retirar de um livro que deveria trazer dados precisos, haja vista a dependência quase total que o aluno tem em relação a esse livro.

### 3. O Jihād (*Aljihād*)

*Jihād*, termo que se deriva da raiz árabe j (ج), h(ح) e d(د), cuja carga semântica remete à idéia de esforço, podendo então traduzir o termo *jihād* como esforço. Outros vocábulos derivados, tais como *mujtahid* (pessoa aplicada) e *majhūd* (cansado, exausto) podem ser citados para mostrar o equívoco que é cometido na tradução desse termo como ‘guerra santa’, pelos L.D.H. usados, entre os quais, destacam-se:

- BRAICK e MOTA: *Pessoas contrárias às pregações de Maomé foram eliminadas militarmente, ação que os islâmicos chamaram de jihād, ou Guerra Santa, que se tornou uma prática comum na conversão de novos povos.*<sup>239</sup>
- BONI: *Em Yatrib a partir de então chamada Medina -, Maomé começou a pregar a Guerra Santa (jihād), isto é, a luta pela divulgação do islamismo como condição para se alcançar o paraíso.[...] por meio da guerra, os fiéis garantiriam [...] as terras férteis de que necessitavam, a ampliação de suas*

<sup>238</sup> M. Schmidt, *loc. cit.*

<sup>239</sup> P. Braick e M. Mota, *op. cit.*, p. 42.

atividades comerciais e a possibilidade de enriquecimento por meio das pilhagens.<sup>240</sup>

- GIOVANNI, JUNQUEIRA e TUONO: [...]. *O dever de espalhar a religião justificaria a Guerra Santa Islâmica, o Jihad.*<sup>241</sup>
- MOCELLIN: “Jihad” que erradamente, se tem traduzido por “guerra santa” é a palavra árabe a ser traduzida por “esforço no caminho de Deus” e a sua idéia central é apenas esta: a comunidade, como tal, deve sempre prosseguir o seu “esforço” para continuar a fazer reinar e estender sobre a Terra os direitos de Deus. Nos primórdios do Islão, esse “esforço” – “jihad” foi abandonada, alguns anos após a morte do Profeta, altura em que os califas, isto é, os representantes do Profeta na Terra, deixaram de reter simultaneamente o poder temporal e o espiritual... Teve o “jihad” grande importância na expansão do Islão. (Suleiman Vally Mamede).<sup>242</sup>
- MOCELLIN: *Jihad: em árabe, “esforço supremo”. [...]. A Guerra Santa (Jihad), prometendo o Paraíso para aqueles que morressem pela propagação do Islã, empolgou a muitos.*<sup>243</sup>
- PILETTI E PILETTI: *Jihad – Significa guerra santa para os muçulmanos. É hoje um termo muito usado na busca da união de todos os muçulmanos dos territórios árabes para a manutenção da religião naquela região.*<sup>244</sup>
- RODRIGUE: [...]. *Os árabes muçulmanos obedeceram a Maomé e, no mesmo ano da morte do profeta, começaram o jihad, a guerra santa. [...] Jihad: “esforço”, em árabe; o termo é empregado em dois sentidos: de “guerra santa” ou “justa” contra os infiéis e de “luta interior” contra os maus instintos.*<sup>245</sup>
- SILVA: *Entre as normas de caráter mais religioso que social, podemos citar [...] a obrigação do fiel de fazer a chamada jihad – a guerra santa –, por Alá e pela fé, contra os infiéis, os rebeldes, os bandidos e os traidores.*<sup>246</sup>
- VICENTINO: *A difusão da religião islâmica era o pretexto para a “guerra santa” (djihad), a qual aliviaria a Arábia das suas dificuldades econômicas através dos saques às comunidades vencidas.*<sup>247</sup>

Os L.D.H. supracitados afirmam que a palavra *jihād* em português significa ‘guerra santa’, denotando que entre a palavra *jihād* e o termo ‘guerra santa’ existe uma

<sup>240</sup> A. Boni, *op. cit.*, p. 169.

<sup>241</sup> M. Giovanni, Z. Junqueira e S. Tuono, *op. cit.*, p. 42.

<sup>242</sup> R. Mocellin. *História antiga...*, 1985, p. 77.

<sup>243</sup> R. Mocellin. *Para compreender...*, 1997, p. 162-3.

<sup>244</sup> N. Piletti e C. Piletti. *História e vida: da Idade Moderna à atualidade*. v.4. 12. ed. São Paulo: Ática, 1997, p. 192

<sup>245</sup> J. Rodrigue, *op. cit.*, p. 46.

<sup>246</sup> F. Silva. *História: do mundo medieval...*, 2001, p.22.

<sup>247</sup> C. Vicentino. *História integrada...*, 1995, p. 107. O mesmo texto conta em *História: memória viva...*, 1998, p.127.

relação de sinonímia, ou seja, *jihād* e ‘guerra santa’ são equivalentes. Nessas fontes didáticas, o *jihād* foi o recurso utilizado pelos muçulmanos para impor a conversão ao Islã e ampliar sua base territorial através de guerras. O *jihād*, segundo eles, obteve a participação dos muçulmanos por ser reconhecido como um dever religioso que garantiria ao participante a entrada no Paraíso (*Jannah*) e as benesses materiais (e imediatas) advindas das conquistas territoriais como, por exemplo, novos mercados comerciais e terras para atividade agro-pastoril.

A tradução que os L.D.H. apresentam para a palavra *jihād* diverge da explicação trazida por Garaudy:

*É tradição, entre os ocidentais, traduzir djihad como “guerra santa”, isto é, guerra empreendida para a propagação do Islã. O redator do artigo “Djihad” na Encyclopédie de l’Islam, orientalista D.B. Macdonald, começa afirmando: “A expansão do Islã pelas armas é um dever religioso para todos os muçulmanos”. Ora, Djihad não significa “guerra” (há uma palavra para isso: harb), mas “esforço” no caminho de Deus. O Corão é perfeitamente explícito: “Nada de constrangimento em matéria de religião” (II, 256).<sup>248</sup>*

Nesta análise Garaudy sugere que há uma predisposição no Ocidente para a tradução da palavra *jihād* como ‘guerra santa’ e uma das conseqüências dessa tradução é a associação da religião islâmica à guerra e a processos violentos que operam através da força coercitiva para expandir o Islã.

Garaudy ressalta que um dos significados da palavra *jihād* é ‘esforço’ e ainda salienta que na língua árabe a palavra utilizada para denominar guerra é *ḥarb*. Se acrescentar à palavra *ḥarb*, a palavra árabe *muqaddasah* que significa ‘santa’, pode-se obter desta união o termo ‘*Alḥarb almuqaddasah*’ - denominação que, aliás, não consta em nenhuma fonte pesquisada-, que seria equivalente a ‘guerra santa’, em português.

No islamismo a palavra *jihād* é complementada pelos adjetivos ‘grande’ (*kabīr*) e ‘pequeno’ (*ṣagīr*) e mesmo que esses dois adjetivos não estejam graficamente expressos no texto, eles não perdem a vinculação com a palavra *jihād* porque o significado do texto necessariamente deverá apontar para o *aljihād al-kabīr* ou o *aljihād al-ṣagīr*, que podem ser traduzidos como ‘o esforço maior’ e o ‘esforço menor’, respectivamente.

---

<sup>248</sup> R. Garaudy. *Promessas...*, p.42.

O *Jihād* menor<sup>249</sup> é o esforço que deve ser empenhado na defesa contra agressões feitas aos valores do Islã e agressões contra a integridade física dos muçulmanos. Tal conceito, contudo, não mantém nenhuma ligação com a violência gratuita e nem com o termo ‘guerra santa’ que os não-muçulmanos utilizam, impropriamente, para explicar a expansão da religião islâmica. Já o *jihād* maior<sup>250</sup> é apresentado como o esforço, o empenho ou a luta diária que o muçulmano trava consigo mesmo para evitar situações que possam afastá-lo de Deus, como por exemplo, a corrupção, a inveja, a injustiça, a soberba e a mentira. De acordo com as Fontes Islâmicas esse tipo de *jihād* é mais importante e muito mais difícil de empreender do que o *jihād* menor.

É preciso ressaltar, contudo, que não se pretende aqui contemplar a discussão a respeito das origens, fundamentos, objetivos, procedimentos e atualidades do *jihād*, já feita por vários autores<sup>251</sup>, mas, restringir-se a verificar e discutir o emprego e a tradução dados nos L.D.H. ao termo árabe *jihād*.

Assim, focalizando apenas o emprego do termo *jihād* e sua tradução nos L.D.H. pode-se destacar, dentre os livros que compõem o *corpus* desta pesquisa, Mocellin que, na edição de 1985, afirma que traduzir o termo *jihād* como ‘guerra santa’ consiste num erro porque seu significado seria apenas o “esforço no caminho de Deus”<sup>252</sup>. No entanto, nas edições de 1985 e 1997, o mesmo autor apresenta certas contradições que merecem ser mencionadas. Na edição de 1997, Mocellin traz um glossário informando que o termo *jihād* significa “esforço supremo”<sup>253</sup>, porém, no corpo do texto didático - local onde a atenção do aluno normalmente se concentra-, empregou o termo *jihād* entre parênteses logo após o termo ‘guerra santa’ sinalizando que os dois termos teriam o mesmo significado. Aqui se deve registrar que no mínimo é de se estranhar que Mocellin no L.D.H. de 1985 além de apresentar a etimologia do termo *jihād* preocupou-se em alertar o aluno do ensino fundamental sobre o erro que se comete ao traduzir *jihād* como ‘guerra santa’ e desconsiderando seu próprio alerta, no

---

<sup>249</sup> Khalil, Muhammad J. e Nasser filho, Omar em *Um diálogo sobre o islamismo*. Curitiba: Criar, 2003, p. 32.

<sup>250</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>251</sup> Dentre os autores que aborham aspectos do *jihād alsagīr* pode-se citar: M. Bingemer (org.) em: *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo e Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001, p.209-16; K. Armstrong em: *Em nome de Deus...*, p.265-91; P. Demant, *op. cit.*, p.204-19 e S. Qutb em *Las normas en el camino del Islam*. Malásia: International Islamic Federation of Student Organizations, 1982, p.73-108.

<sup>252</sup> R. Mocellin. *História Antiga ...*, *loc. cit.*

<sup>253</sup> R. Mocellin. *Para Compreender...*, *loc. cit.*

L.D.H. de 1997 indicou que *jihād* e ‘guerra santa’ podem ser assimilados como termos sinônimos.

Neste item pôde-se perceber que Mocellin como os demais autores que formam o *corpus*, optaram por apresentar a predisposição existente no Ocidente ao associar o termo *jihād* à guerra e a violência. Tal predisposição fora mencionada por Garaudy ao dizer: “É tradição, entre os ocidentais, traduzir djihad como ‘guerra santa’, isto é, guerra empreendida para a propagação do Islã”<sup>254</sup>.

É oportuno mencionar aqui o que Arbex Júnior cita em seu texto ao analisar o poder da mídia na Guerra do Golfo<sup>255</sup>:

*Durante seis meses, entre agosto de 1990 e janeiro de 1991 a mídia despejou sobre o mundo pilhas de filmes, montanhas de fotos e quilômetros de textos em que se via a “face humana” dos soldados americanos indo para a guerra (despedindo-se da família, da namorada, dos filhos, etc.), tendo como contrapartida imagens exóticas do “Oriente”, como feiras de camelos na Arábia Saudita, mulheres totalmente cobertas por véus e juvenzinhos islâmicos armados até os dentes com poderosas metralhadoras e granadas. A metáfora do “Islã fanático” foi adotada em grande escala.*<sup>256</sup>

Arbex Júnior salienta que, durante a Guerra do Golfo, a mídia ocidental transformou os soldados do exército norte-americano em cidadãos beneméritos e promotores da paz e caracterizou os muçulmanos, em geral, como ultrapassados, opressores e violentos, respectivamente por meio das imagens das feiras de camelos no século XX, século do ‘mundo cibernético e digitalizado’, das mulheres usando véu e túnicas longas ao invés de ressaltarem a silhueta cultuada pelas indústrias da moda e de cosméticos, e ainda a imagem de jovens portando armas como se essas armas fossem o aparato típico da juventude islâmica, como por exemplo, o *skate* e a bicicleta são convencionalmente os aparatos dos jovens ocidentais.

<sup>254</sup> R. Garaudy. *Promessas...*, loc. cit.

<sup>255</sup> A Guerra do Golfo refere-se à invasão iraquiana ao Kuwait em 1990. A Organização das Nações Unidas (ONU) condenou tal invasão e organizou uma coalizão de forças que contou com a participação de seus países membros para expulsar o Iraque do território kuwaitiano. A guerra foi televisionada e apresentou o arsenal mortífero disponibilizado pelos Estados Unidos da América e terminou com a derrota iraquiana.

<sup>256</sup> Arbex Júnior. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001, p. 16.

Outra análise em que se pode verificar a mídia ocidental relacionando a religião islâmica e os muçulmanos a situações violentas, desta vez destacando a palavra *jihād*, é realizada por Akbar Ahmed que ao concluir sua análise afirma que: “Jihad se tornou um palavrão na mídia, representando a ameaça física de uma civilização bárbara. No entanto, o conceito é nobre e forte. É o desejo de melhorar, de buscar a evolução e de lutar pela boa causa”<sup>257</sup>. Aqui Ahmed assevera que a mídia ocidental propositalmente desconsiderou e desprezou os significados pacíficos do *jihād* que incentivam o muçulmano a cultivar a bondade, a tolerância e o respeito pela vida humana para identificá-lo apenas como uma vertente de violência e brutalidade, transformando a religião islâmica em algo nocivo a comunidade mundial.

Desse modo, constata-se que de fato existe uma predisposição por da parte da mídia ocidental em vincular o termo *jihād* a situações violentas. Essa predisposição deveria, na verdade, alertar os autores e editores de texto didático quanto às informações ali inseridas, como no caso particular aqui discutido (a tradução do termo *jihād*) uma vez que tal texto representa para o aluno o primeiro contato com a informação e esse aluno é conduzido a aceitar a informação (do L.D.H.) como verídica e infalível. Portanto, vê-se que esses livros, às vezes, contribuem para a instalação de preconceitos, o que, deve ser evitado, especialmente pelo livro didático, pela importância e pela confiabilidade que tem na vida do aluno.

#### 4. O retorno a Meca em 630

Devido à intensificação da perseguição coraixita os muçulmanos residentes na cidade de Meca foram compelidos, em 622, a abandonarem a cidade, as suas propriedades e seus pertences e emigrarem para Medina. Porém, em 630 os muçulmanos reúnem condições favoráveis para retornarem à cidade de Meca.

O retorno dos muçulmanos a Meca é um dos temas frequentemente abordados pelos L.D.H. na apresentação que fazem sobre a Expansão Islâmica. Destacam-se a seguir algumas dessas descrições:

---

<sup>257</sup> A. Ahamed. in N. Gardels (org.). *No final do século: reflexões dos maiores pensadores do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998, p.48.



- AZEVEDO: [...]. Em 630, com o apoio dos árabes do deserto, ele voltou a Meca, conquistou-a à força e a fez cidade santa dos muçulmanos.<sup>258</sup>
- BONI: Em 630, cumprindo o preceito da Guerra Santa, Maomé e seus seguidores atacaram e conquistaram Meca. [...].<sup>259</sup>
- BOULOS JÚNIOR: Em 630, à frente de um exército de “convertidos”, Maomé invadiu e conquistou Meca, e, depois de matar vários de seus opositores, destruiu os ídolos de Caaba.<sup>260</sup>
- CARMO e COUTO: Em 630, Maomé e seus seguidores atacaram Meca, destruíram os ídolos da Caaba e mataram aqueles que resistiram.<sup>261</sup>
- DUARTE: À frente de um exército de seguidores, dispostos a matar e a morrer pela nova fé, Maomé retornou a Meca. Vencedor, ele destruiu todos os ídolos da Caaba, com exceção da pedra negra, e assumiu o governo da região.<sup>262</sup>
- GIOVANNI, JUNQUEIRA e TUONO: O profeta organizou então um exército e dominou a cidade de Meca. A partir daí, toda a península Arábica foi unificada sob a liderança de Maomé e sua religião.<sup>263</sup>
- HERMIDA: Em 630, à frente de uma expedição militar, Maomé atacou a cidade de Meca e destruiu todos os ídolos da Caaba, conservando apenas a Pedra Negra.<sup>264</sup>
- LUCCI: Maomé, [...] quando conseguiu reunir um grande número de adeptos, conquistou a Cidade de Meca e destruiu os coreixitas.<sup>265</sup>
- MOCELLIN: Maomé formou um exército de crentes. Conquistou Meca em 630. Morreu em 632, mas, quando isso ocorreu, a Arábia estava unida política e religiosamente.<sup>266</sup>
- PILETTI e PILETTI: Conseguindo um grande número de seguidores, em 630, o profeta ocupou a cidade de Meca e destruiu os ídolos da Caaba. Os poucos coraixitas que resistiram foram mortos. Nesse ano nasceu o islão.<sup>267</sup>

<sup>258</sup> L. Azevedo, *op. cit.*, p. 174.

<sup>259</sup> A. Boni, *op. cit.*, p. 169.

<sup>260</sup> A. Boulos Júnior. *História geral: volume 1...*, 1995, p.135. O mesmo texto consta em *História Geral...*, 1997, p. 171.

<sup>261</sup> S. Carmo e E. Couto. Este texto consta em: *História: da pré-história...*, nas edições de 1997, p. 133 e 2002, p. 188.

<sup>262</sup> G. Duarte, m: *op. cit.*, p. 131.

<sup>263</sup> M. Giovanni, Z. Junqueira e S. Tuono, *op. cit.*, p. 41.

<sup>264</sup> B. Hermida, *op. cit.*, p. 189.

<sup>265</sup> E. Lucci, *op. cit.*, p. 145.

<sup>266</sup> R. Mocellin. *Para compreender a História...*, 1997, p.162.

<sup>267</sup> N. Piletti e C. Piletti. *História e vida integrada...*, 2002, p. 155. Texto adaptado de: *História Antiga e Medieval*. José Jobson de A. Arruda. São Paulo: Ática, 1996, p. 304-7.

- SARONI: [...]. *Anos mais tarde, com o apoio dos árabes do deserto, Maomé voltou para Meca, acabou com os ídolos do templo, conservando apenas a Pedra Negra, e implantou o islamismo (630).*<sup>268</sup>
- SCHMIDT: *De Medina, Mohammad foi para Meca [...]. Foi assim que, liderando um bando de homens armados, Mohammad invadiu Meca e assumiu o controle da cidade.*<sup>269</sup>
- SILVA: *Encontrou adeptos fervorosos entre os beduínos, [...] Mandou matar centenas de judeus e, chefiando os beduínos, iniciou os ataques às caravanas de Meca, [...] Oito anos depois da Hégira, Maomé e seus homens entraram vitoriosos em Meca, destruíram os ídolos da Caaba e mataram os poucos coraixitas que ainda resistiram ao monoteísmo de Alá.*<sup>270</sup>
- VALADARES, RIBEIRO e MARTINS: *Impondo-se como governante de Medina, [...] Após vários anos de batalhas no deserto, Maomé entre triunfante em Meca, e submete os coraixitas ao seu poder e à sua fé.*<sup>271</sup>
- VICENTINO: [...]. *Depois de violentos conflitos, Maomé conseguiu retornar a Meca em 630, iniciando, assim, a unificação religiosa e política da Arábia.*<sup>272</sup>

A maioria destas citações assegura ao aluno do ensino fundamental que o retorno dos muçulmanos à cidade de Meca, em 630, foi efetuado de forma extremamente violenta porque os muçulmanos teriam invadido a cidade, conquistando-a a força e matando os integrantes da tribo coraixita que não se converteram ao Islã.

A descrição deste retorno, sob o matiz da violência física e psicológica, apresentada pelos L.D.H., não é considerada como ponto passivo entre pesquisadores e historiadores. Dentre as descrições que não compartilham da versão constante nos L.D.H. pode-se citar a descrição apresentada por Sourdel:

*Em janeiro de 630 decidiu marchar sobre Meca, violando o tratado. Não houve combate: os chefes coraixitas vieram apresentar-lhe a sua submissão e Maomet entrou na cidade sem que fosse dado um golpe; armado, foi tocar a "pedra negra", entoando o grito "Allah akbar" (Alá é o maior), e mandou destruir os ídolos que enchiam a Ka'ba. Falou depois aos muçulmanos, anunciando-lhes o começo de uma era nova, na qual "a única aristocracia seria a da piedade".*<sup>273</sup>

<sup>268</sup> F. Saroni, *op. cit.*, p. 192.

<sup>269</sup> M. Schmidt, *op. cit.*, p. 220.

<sup>270</sup> F. Silva. *História geral...*, 1990, p. 134-5.

<sup>271</sup> V. Valadares, V. Ribeiro e S. Martins, *op. cit.*, p. 33.

<sup>272</sup> C. Vicentino. *Viver a História...*, 2002, p. 33.

<sup>273</sup> D. Sourdel. *op. cit.*, 1949. p. 23.

Para Sourdél os muçulmanos ao retornarem a cidade de Meca não utilizaram meios violentos para conquistá-la porque os chefes coraixitas ao perceberem que seriam derrotados, se houvesse confronto armado com o exército muçulmano, se submeteram a autoridade de Maomé, líder da *'umma*. A atitude dos chefes coraixitas também é mencionada por Armstrong:

*Em 630, quando os coraixitas violaram o tratado<sup>274</sup> atacando um dos aliados tribais do Profeta, Maomé marchou sobre Meca com um exército de dez mil homens. Diante dessa força esmagadora, e pragmáticos ao perceber o que isso significava, os coraixitas admitiram a derrota, abriram os portões da cidade, e Maomé tomou Meca sem derramar sequer uma gota de sangue. Ele destruiu os ídolos à volta da Caaba, tornou a consagrá-la a Alá, o Deus único, e deu aos velhos ritos pagãos da hajj um significado islâmico ligando-os à história de Abraão, Agar e Ismael. Nenhum coraixita foi obrigado a se tornar muçulmano, mas a vitória de Maomé convenceu alguns de seus mais probos opositores, como Abu Sufyan, de que a velha religião tinha fracassado.<sup>275</sup>*

Armstrong salienta que o retorno dos muçulmanos a Meca ocorreu sem violência e sem derramamento de sangue porque os líderes coraixitas, diante da derrota iminente, entregaram o controle da cidade a Maomé. Armstrong também destaca que os coraixitas não foram compelidos a se converterem ao Islã para salvaguardarem suas vidas e propriedades. Aqui, a decisão de Maomé de não pressionar ou impor a conversão forçada aos coraixitas estava em conformidade com o Alcorão [02:256] que proíbe tal procedimento.

---

<sup>274</sup> Aqui, K. Armstrong se refere ao Tratado de *Hudaybiyya*: Tratado de paz, celebrado entre muçulmanos e coraixitas em *Hudaybiyya*, localidade próxima à Meca. Este tratado teria vigência de dez anos consecutivos (628 a 638) e abrangeria os aliados dos signatários. Porém, em 630, a tribo de *banū-Bakr*, aliada dos coraixitas, rompe a trégua ao assassinar integrantes da tribo *banū-Huzā'*, aliada dos muçulmanos. Essa tribo recorre a Maomé e exige a ajuda que lhe é devida pelo tratado. Maomé envia um ultimato aos coraixitas para que eles encolhessem entre indenizar as famílias das vítimas, prática recorrente na Arábia do século VII; retirar a proteção militar da tribo de *banū-Bakr* ou romper definitivamente o tratado de paz. Os coraixitas propõem a renegociação do tratado, mas os muçulmanos não aceitam porque isso implicaria no rompimento do pacto de proteção à tribo *banū-Huzā'*. Deve-se considerar que a decisão de Maomé (enviar o ultimato) foi fatal para a manutenção do pacto de proteção com seus outros aliados. Neste tratado, Maomé é reconhecido pelos coraixitas como chefe da *'umma*.

<sup>275</sup> K. Armstrong. *O Islã...*, p. 64-5.

A primeira atitude de Maomé em Meca, ainda de acordo com Armstrong, foi ordenar a destruição de todas as estátuas, afrescos e representações materiais (pedra, pedaços de madeira, etc.) dos ídolos politeístas que circundavam a Caaba.

Depois dessa destruição, segundo Mantran, Maomé teria declarado sagrado: “O recinto do santuário, cuja guarda confiou a Otman Ibn Talha. Depois disso, libertou os habitantes de Meca, gesto compreensível, se levar em conta o fato de que a cidade fora conquistada e, por conseguinte, sua população considerada cativa; concedeu o perdão a seus inimigos mais ferrenhos e mandou executar apenas quatro dos habitantes da cidade”<sup>276</sup>. Como vencedor Maomé teria por direito ‘consuetudinário’ dispor da vida e dos pertences dos habitantes de Meca, porém, ao invés de punição ele concedeu anistia aos ‘cativos de Meca’.

Em outro gesto inusitado, às expectativas e padrões da época, Maomé não transformou Meca num simples protetorado de Medina e apenas exigiu “a custódia da Caaba e o abastecimento de água aos peregrinos”<sup>277</sup>, renunciando à “reivindicação das propriedades muçulmanas confiscadas pelos pagãos”<sup>278</sup> em 622, quando os muçulmanos foram compelidos a abandonar a cidade de Meca e deixar todos seus bens materiais: casas, plantações, rebanhos, etc.

A atitude diplomática de Maomé, ao assumir o controle de Meca, foi decisiva para conquistar a simpatia e a conversão voluntária de muitos coraixitas ao Islã. Por causa dessa diplomacia vale fazer dois registros à afirmação feita por Mantran.

O primeiro registro se refere a ‘Uṭmān Bin-Ṭalḥa (Otman Ibn Talha) o responsável pelas chaves da Caaba, no período politeísta. Maomé não fez questão de destituí-lo deste posto, considerado honroso e significativo, para colocar em seu lugar um muçulmano. Atitude amistosa e política de Maomé certamente foi muito bem recebida, não apenas por ‘Uṭmān Bin-Ṭalḥa, mas por todos coraixitas.

O segundo registro contesta a afirmação de que Maomé teria mandado executar quatro habitantes de Meca. Essa contestação é baseada em Mohamad<sup>279</sup> que afirma que Maomé, no retorno a Meca, não mandou executar nenhuma pessoa, inclusive, o seu perdão fora dado a Wahṣī (escravo do coraixita Jubayr Bin-Mutim) e a Hind (mulher de Abū-Sufyān) que respectivamente mataram e mutilaram Ḥamza (tio de Maomé) e o

<sup>276</sup> R. Mantran. *A Expansão...* p.69.

<sup>277</sup> A. Mohamad. *Mohammad: o mensageiro de Deus*. São Bernardo do Campo: Centro de Divulgação do Islam para a América Latina, 1989, p.341.

<sup>278</sup> M. Hamidullah. *Introdução ao Islam*. São Bernardo do Campo: Alvorada, 1990, p.29.

<sup>279</sup> A. Mohamad, *op. cit.*, p. 226-7 e 338-40.

único incidente que teria ocorrido, nesse retorno, foi com a divisão do exército muçulmano comandada por Ḥalid Bin-Alwalīd que de uma emboscada organizada por coraixitas, ao sul de Meca, teria resultado na morte de três muçulmanos e treze coraixitas.

As informações supramencionadas, apresentadas por historiadores e pesquisadores, ressaltando a habilidade diplomática de Maomé e a não-violência no retorno a Meca, não constam na maioria dos L.D.H. analisados. Esses didáticos optaram por veicular que os muçulmanos teriam invadido e conquistado à força a cidade de Meca e ainda apresentaram Maomé como um misto de profeta e general de brigada, afeito ao combate e sem nenhuma habilidade na arte da diplomacia.

O estereótipo desenhado de Maomé, apenas como líder guerreiro, pode ser observado em Schmidt ao afirmar que no retorno a Meca, Maomé liderava “um bando de homens armados”<sup>280</sup>. Esta referência aos muçulmanos (e seus aliados) que compunham o exército organizado e comandado por Maomé não é apropriada ao contexto didático por ser uma expressão comumente empregada em tom pejorativo, mesmo que etimologicamente ela indique um grupo de pessoas. Aqui, deve-se ter presente que o aluno, público do L.D.H., está mais próximo é da linguagem e dos conceitos populares.

A apresentação do exército muçulmano através da expressão ‘um bando de homens armados’ tende a desconsiderar o contexto histórico do retorno a Meca e a descaracterizar o exército muçulmano como organização que possuía princípios, hierarquia e objetivos e a compará-lo apenas aos transgressores da lei.

Para ilustrar que no exército muçulmano havia princípios organizacionais pode-se citar o *ḥadīṭ* que narra às ordens que Maomé teria transmitido a seu exército antes da Batalha de *Mutā*<sup>281</sup>: “Temei a Allah constantemente, combatei pela causa dele. Primeiro chamai-os ao Islam; se eles aceitarem, não há necessidade de guerrear. Não matem nenhuma mulher ou criança. Não matem os não-combatentes e os monges. Não cortais as árvores e não destruais edifícios, deixai em paz os que estão a habitar em clausura, os mosteiros. Não iniciéis o combate até eles o iniciarem”<sup>282</sup>.

Nessa preleção Maomé não exalta a violência antes do combate, mas alerta seus subordinados que mesmo durante a batalha, as propriedades e os não-combatentes

<sup>280</sup> M. Schmidt, *loc. cit.*, p. 220.

<sup>281</sup> De acordo com A. Mohamed, *op. cit.*, p.323-7, *Mutā* é o nome de uma localidade na Síria e na batalha de *Mutā*, em 629, os muçulmanos combateram e venceram os romanos.

<sup>282</sup> M. Isabelle. *Descobrimo o Islam*. Rio de Janeiro: Azaan, 2002, p.17-8.

devem ser poupados e respeitados porque o combate deve ser restrito ao exército opositor. Provavelmente se o exército muçulmano fosse apenas 'um bando de homens armados', sem regras ou princípios morais, a preleção de Maomé não teria sentido.

Os vínculos que alguns L.D.H. estabelecem entre Maomé e o uso da violência também podem ser observados na informação descontextualizada apresentada por Silva ao afirmar que Maomé "mandou matar centenas de judeus"<sup>283</sup> antes de seu retorno a Meca.

A descontextualização ocorre porque tal informação é incluída no texto didático sem nenhuma nota explicativa para a referência feita aos judeus, como por exemplo, a menção das circunstâncias, local e data do referido episódio.

Essa afirmação pode transformar Maomé, aos olhos do aluno do ensino fundamental, num assassino gratuito e sanguinário, desqualificando-o como líder que utiliza a diplomacia para resolver as questões que envolvem sua comunidade.

Provavelmente nessa afirmação, deslocada no tempo e no espaço, Silva estivesse fazendo referência a um episódio da batalha da Trincheira<sup>284</sup> (*Alhandaq*), em 627, quando a tribo judaica *Qurayzah* rompeu o acordo de paz com os muçulmanos e permitiu que os coraixitas atacassem os muçulmanos pelo sul de Medina – território dos *Qurayzah*. Este episódio é apresentado por Armstrong:

*Quando a tribo judaica dos qurayzah juntou-se a Meca durante a batalha do Fosso, quando por um momento pareceu que os muçulmanos estavam diante de uma derrota certa, Maomé não mostrou comiseração. Os setecentos homens de qurayzah foram mortos, e as mulheres e as crianças vendidas como escravas. O massacre dos qurayzah foi um incidente terrível, mas seria um erro julga-lo pelos padrões do nosso tempo. Essa era uma sociedade muito primitiva: os muçulmanos tinham, eles próprios, apenas escapado, por pouco, do extermínio, e se Maomé tivesse simplesmente mandado os qurayzah para o exílio, eles teriam contribuído para aumentar a oposição judaica em Khaybar e para encetar uma outra guerra contra a ummah. Na Arábia do sétimo século, não se esperava que um chefe árabe mostrasse piedade por traidores como os qurayzah. As execuções representaram um*

---

<sup>283</sup> Silva, *loc. cit.*

<sup>284</sup> A batalha da Trincheira recebeu este nome por causa da estratégia utilizada por Maomé: cavar trincheiras ao redor de Medina para impor resistência ao ataque dos coraixitas e de seus aliados. A Batalha da trincheira também é conhecida pelo nome de Batalha do Fosso.

*recado sombrio mandado a Khaybar e ajudaram a sossegar a oposição pagã em Medina, uma vez que os líderes pagãos tinham sido aliados dos judeus rebeldes. Essa era uma luta de morte, e todo mundo sempre soubera que as apostas eram altas. O combate não significava nenhuma hostilidade contra os judeus em geral, mas apenas contra as três tribos rebeldes. O Corão continuava a reverenciar os profetas judaicos e instar com os muçulmanos para que respeitassem o povo do Livro. Grupos judaicos menores continuaram a viver em Medina, e judeus que vieram posteriormente, assim como cristãos, gozavam de inteira liberdade religiosa nos impérios islâmicos.*<sup>285</sup>

Armstrong apresentou causas e conseqüências da participação da tribo *Qurayzah* na Batalha da Trincheira, salientando que esse episódio não deve ser analisado pelos padrões do mundo contemporâneo e que ele não afetou a convivência com as outras tribos judaicas que viviam em Medina e tão pouco infundiu nos muçulmanos o ódio aos judeus.

Ainda nesta análise, Armstrong, afirmou que Maomé após vencer os coraixitas de Meca e seus opositores em Medina “sentiu que era hora de abandonar o jihād e começar uma ofensiva pela paz”<sup>286</sup>, que resultará no Tratado de *Hudaybiyya* e no acordo celebrado, em 630, entre Maomé e Abū-Sufyān para a entrada pacífica e sem derramamento de sangue em Meca.

Os L.D.H. ao apresentarem o retorno dos muçulmanos a Meca apenas sob a vertente da violência tendem a transformar esse retorno numa verdadeira invasão como se os muçulmanos (emigrados de Meca) não mantivessem nenhum vínculo com aquela cidade e apenas a tomaram de assalto. E essa informação, por não resistir a uma verificação nos fatos históricos, não deveria constar nos textos dos L.D.H. porque contraria o objetivo geral de qualquer livro didático que é a transmissão de informações fundamentadas e comprovadas.

## 5. As referências sobre o paraíso

As religiões monoteístas afirmam que existe um paraíso extraterreno após a morte corporal, ou melhor, após a ‘ressurreição da morte corporal’ e condicionam à

---

<sup>285</sup> Armstrong, *O Islão...*, p. 62-3.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 64.

entrada neste paraíso ao cumprimento das regras que elas estabelecem aos seus seguidores, o que indica conseqüentemente que nem todos monoteístas poderão adentrá-lo, mas apenas os cumpridores de tais regras.

Comumente esse paraíso é associado a locais com paisagens agradáveis que transmitem paz e seus habitantes são apresentados como pessoas privilegiadas que viveram eternamente em atmosfera de cordialidade, fraternidade e felicidade. Esse ambiente contrasta com as turbulências e incertezas presentes na vida terrena.

A descrição e/ou a menção desse paraíso geralmente consta nos L.D.H. quando abordam as histórias das civilizações hebraica, cristã e islâmica por elas comungarem dessa mesma crença monoteísta. Aqui, devido o Islã ser o objeto desta pesquisa, destacam-se as referências que os L.D.H. trazem sobre a religião islâmica e o paraíso:

- ARAÚJO: *Os seguidores do Islam acreditavam que iriam para o Paraíso, se morressem na guerra santa, portanto batiam-se sem medo da morte.*<sup>287</sup>
- ARRUDA: *[...] Maomé lhes acenava com os prazeres do paraíso, após a morte, um verdadeiro jardim das delícias: farto em alimentos saborosos, água fresca, divãs adornados de pedrarias, belas mulheres e principalmente a visão de Deus, que provocaria um êxtase profundo. [...] A guerra Santa (Jihad, em árabe) transformou-se numa das motivações espirituais mais fortes para as conquistas militares dos árabes, pois, segundo a pregação do profeta, todo aquele que morrer lutando pela expansão do reino de Alá irá direto para o paraíso.*<sup>288</sup>
- CAMPOS: *Depois da morte do profeta, a obrigação de converter os “infieis” transformou-se na crença da Guerra Santa (jihad). Os sucessores de Maomé passaram a afirmar que: “A espada é a chave do reino dos céus, todo aquele que morre lutando pela expansão do reino de Alá vai para o paraíso”.*<sup>289</sup>
- CARMO e COUTO: *Maomé prometia, após a morte, um paraíso de delícias, de alimentos saborosos e de belas mulheres.*<sup>290</sup>
- DREGUER e TOLEDO: *Segundo a crença dos islamitas, aquele que morresse lutando na guerra santa teria garantido um lugar no paraíso, o que aumentava o vigor dos guerreiros árabes.*<sup>291</sup>

<sup>287</sup> A. Araújo, *op. cit.*, p. 106.

<sup>288</sup> J. Arruda. *História Integrada...*, 1997, p. 12-3. No livro *História Total...*, edições de 1998, p. 212-3 e 2001, p. 212-13, o termo ‘água gelada’ é substituído por ‘água fresca’.

<sup>289</sup> R. Campos. *História geral...*, 1985, p. 137. Na edição de 1991, p. 140, a palavra ‘Mohammad’ é substituída por Maomé.

<sup>290</sup> S. Carmo e E. Couto. *História Passado Presente: Antiga...*, 1994, p.123. O mesmo texto consta nos livros: *História Passado Presente: da pré-história...*, 1997, p.133 e 2002, p. 187.

<sup>291</sup> R. Dreguer e E. Toledo. *História: cotidiano...*, 1995, p. 17.



- GIOVANNI, JUNQUEIRA e TUONO: *O dever de espalhar a religião justificaria a Guerra Santa, o Jihad. Os islamistas passaram a acreditar que “a espada é a chave do paraíso”, ou seja, se uma pessoa morre lutando para impor sua religião, tem garantido seu lugar no paraíso.*<sup>292</sup>
- MOCELLIN: *Já o Paraíso muçulmano é um lugar de delícias e prazeres. Existe o lago do Profeta onde a “água é doce como o mel, fria como a neve e clara como o cristal; aquele que a provar nunca mais é atormentado pela sede”. Perceba a influência do meio geográfico na concepção do paraíso muçulmano, pois para eles que viviam no deserto, a água é muito importante.*<sup>293</sup>
- MOTA E LOPEZ: *[...] Segundo a crença, os muçulmanos que morrem lutando pela religião vão direto ao paraíso.*<sup>294</sup>
- PILETTI E PILETTI: *Os muçulmanos crêem que os que morrem combatendo pela fé islâmica têm assegurado o paraíso. Isso explica o empenho demonstrado pelos árabes em todas as suas conquistas.*<sup>295</sup>
- RODRIGUE: *Maomé [...] Prometia aos vitoriosos os bens dos vencidos e o paraíso àqueles que morressem combatendo pelo Islã.*<sup>296</sup>
- SARONI: *[...], o estímulo da guerra santa, que prometia o céu a quem morresse em combate pela conversão dos infiéis.*<sup>297</sup>
- SOUZA: *Guerra Santa. Pregada por Maomé, que oferecia aos que morressem pela causa de Alá um céu de prazeres materiais.*<sup>298</sup>
- VILLA e FURTADO: *Por outro lado, a jihad (“guerra santa”) pregada pelo islamismo prometia o paraíso – descrito como um lugar repleto de jardins, fontes de água e mulheres bonitas – a todo fiel que morresse em combate pela conversão dos infiéis.*<sup>299</sup>

Em algumas das citações supramencionadas, o paraíso é descrito como um jardim permanentemente florido com fontes inesgotáveis de águas cristalinas; descrição incomum ao ambiente desértico da Arábia. Nesse paraíso, conforme os L.D.H., o muçulmano poderá encontrar-se com Deus e ainda ter a companhia de lindas mulheres e degustar de bebidas e alimentos saborosos.

Essa descrição, apresentada pelos L.D.H., é presente também nas Fontes Islâmicas que indicam que o paraíso possui jardins [Alcorão, 42:22], mansões [Alcorão,

<sup>292</sup> M. Giovanni, Z. Junqueira e S. Tuono, *op. cit.*, p. 42.

<sup>293</sup> R. Mocellin. *História antiga e medieval...*, 1985, p.78. 1

<sup>294</sup> C Mota e A. Lopez, *op. cit.*, p. 164.

<sup>295</sup> N.Piletti e C. Piletti. *História e vida: da pré-história...*, 1997, p. 153.

<sup>296</sup> J. Rodrigue, *op. cit.*, p. 46.

<sup>297</sup> F. Saroni, *op. cit.*, p. 192.

<sup>298</sup> O. Souza, *op. cit.*, p. 117.

<sup>299</sup> M. Villa e J. Furtado, *op. cit.*, p. 144.

39:20], conforto material [Alcorão, 55:54], luxo [Alcorão, 44:53], felicidade [Alcorão, 36:55], comidas e bebidas saborosas [Alcorão, 56:15-26], rios de água, leite, vinho e mel [Alcorão, 47:15], a ausência do medo e das tristezas [Alcorão, 43:68], a vida eterna [Alcorão, 57:12], e a vida prazerosa [Alcorão, 69:21]. O Alcorão ainda certifica que o merecedor desse paraíso terá o privilégio de conhecer Deus [Alcorão, 03:15] e de conviver eternamente com as pessoas que lhe apraz [Alcorão, 52:21].

De acordo com o xeque Ali Muhammad Abdune, presidente no Brasil da Assembléia Mundial da Juventude Islâmica - WAMY, o paraíso: “É tudo o que é descrito no Velho Testamento, no Novo Testamento, no Alcorão. A descrição do paraíso, na religião judaica ou cristianismo, é a mesma no islamismo”<sup>300</sup>. Assim, ainda de acordo com o xeque, judeus, cristãos e muçulmanos acreditam na existência do paraíso e almejam encontrar nele a recompensa por terem cumprido as determinações estipuladas nos livros sagrados do monoteísmo e essa recompensa é incomensurável porque será o encontro com seu objeto de desejo, que tanto pode ser material como imaterial.

Os L.D.H. além da descrição física também informam que a entrada nesse paraíso esta relacionada à participação do muçulmano em guerras para eliminar os infiéis<sup>301</sup>, expandir e impor a conversão ao Islã. Aqui, o paraíso está associado a práticas violentas e para exemplificar tal associação pode-se destacar a afirmação apresentada por Giovanni, Junqueira e Tuono: “A espada é a chave do paraíso ou, seja, se uma pessoa morre lutando para impor sua religião, tem garantido seu lugar no paraíso”<sup>302</sup>.

Giovanni, Junqueira e Tuono indicam que o emprego da violência abre caminho para o muçulmano alcançar o paraíso, conseqüentemente sugerem ao aluno do ensino fundamental que a religião islâmica é belicosa e que os muçulmanos são adeptos da violência.

A associação da religião islâmica a espada, a guerra, ao emprego efetivo da violência é contestada por Garaudy ao afirmar que:

*Todos os textos que se invocou para fazer do Islã um monstro, uma “religião da espada”, foram invariavelmente*

<sup>300</sup> A. Abdune. *Um sheik na roda*. Revista *Caros Amigos*. São Paulo, Edição 56, p.30-34, nov. 2001. Entrevista concedida a Marina Amaral, Mamede M. Jarouche, Michel Gordon, José Arbex Jr., Georges Bourdoukan e Carlos Azevedo.

<sup>301</sup> Os L.D.H. não especificam para o aluno do ensino fundamental quem são ‘os infiéis’ que eles se referem, deixando a decodificação desse adjetivo a critério da imaginação desse aluno.

<sup>302</sup> M. Giovanni, Z. Junqueira e S. Tuono, *loc. cit.*

*separados de seu contexto. Chamou-se, por exemplo, “versículo da espada” ao versículo 5 da surata IX, isolando “ matem os politeístas por toda parte onde se encontrem’ do versículo precedente (IX,4), que especifica que se trata de combater aqueles que, tendo firmado um pacto, o violaram em seguida, ou aqueles que pretendiam impedir os muçulmanos de professar e praticar sua fê. Numa palavra, se a guerra não é excluída, ela é aceita somente para a defesa da fê quando está ameaçada, e não para a propagação da fê pelas armas. A guerra só se justifica, segundo o Corão, quando se é vítima de uma agressão ou de uma transgressão, atos que os próprios muçulmanos se proibem formalmente se obedecem ao Corão: “Combatam no caminho de Deus aqueles que lutam contra vocês. Não sejam transgressores; Deus não ama os transgressores”. (II, 190)<sup>303</sup>*

Para Garaudy certos versículos do Alcorão foram descontextualizados por alguns escritores, e tal descontextualização foi a responsável pela indicação de que a religião islâmica é afeita ao emprego da violência e da guerra, como meio legítimo, para propagar sua doutrina. Garaudy também aponta que no Alcorão a guerra só é justificada e aceita como recurso de defesa contra agressões e não como veículo para propagar o Islã.

A participação do muçulmano em lutas é prevista pelo Alcorão [22:39], que qualifica a luta como uma situação extrema e repudiável [Alcorão, 02:216] que só deve ser implementada em processos de auto-defesa da comunidade [Alcorão, 22:39-40] porque o muçulmano não deve praticar a agressão injusta [Alcorão, 07:33] ou cometer assassinato, uma vez que o assassinato de uma única pessoa é considerado tão grave quanto o extermínio de toda a humanidade [Alcorão, 05:32]. O Alcorão ainda exorta que o armistício [Alcorão, 08:60-1] deve ser aceito, pelo muçulmano, para preservar a vida e por fim as hostilidades e a luta.

Enquanto os L.D.H. indicam que a participação do muçulmano em guerras, para propagar o Islã, é a única ou principal via de acesso ao paraíso, as Fontes Islâmicas formalmente contestam e condenam tal prática por proibirem a imposição da religião [Alcorão, 02:256] e garantirem o paraíso as pessoas sem condições físicas para o combate [Alcorão, 48:17]. Conseqüentemente a afirmação constante nos L.D.H. é

---

<sup>303</sup> R. Garaudy. *Promessas...*, p. 42.

contrária ao texto corânico porque de acordo com os L.D.H. quem não luta, quem não participa de guerras, não vai para o paraíso.

De acordo com as Fontes Islâmicas o paraíso está acessível a homens e mulheres monoteístas [Alcorão, 04:124] que praticam boas ações [Alcorão, 43:72], que são benevolentes com seus pais [46:15] e que retribuïrem o mal com o bem [Alcorão, 13:22]. Essas práticas evocam e incentivam a fraternidade e a solidariedade entre as pessoas e não apenas entre os muçulmanos.

As Fontes Islâmicas ainda certificam que de acordo com um célebre *hadīf*<sup>304</sup> a busca pelo conhecimento, pela elevação espiritual se transforma em caminho para o paraíso. Conseqüentemente, esse caminho está associado a processos de convivência pacífica, de troca de informações e não de práticas que geram violência. Deve-se registrar que o Alcorão também garante o paraíso à pessoa que morre lutando em defesa de sua comunidade [Alcorão, 04:74-5], porém, exclui dele os que se transformam em assassinos quando na defesa de sua comunidade desprezam os mandamentos corânicos.

O paraíso, nas Fontes Islâmicas, não está condicionado a práticas violentas como informaram alguns L.D.H., portanto, esses didáticos por imperícia, por descuido, ou por desconhecimento, constroem e apresentam para o aluno do ensino fundamental uma via de acesso ao paraíso que é repudiada pelo Islã. Deve-se registrar que essa informação obtusa distorce o significado do paraíso constante nas Fontes Oficiais do Islã e isso em nada contribui para o processo de conhecimento do Islã que os L.D.H. propõem a fazer.

## 6. A escravidão e a poligamia

A escravidão e a poligamia masculina, ou poliginia, foram (e ainda são) praticadas por vários povos e culturas. Nos L.D.H. Ambas são mencionadas quando se referem a aspectos sócio-econômicos dos povos e civilizações que apresentaram (e apresentam) registros destas duas práticas. Destacam-se aqui aqueles que trazem alguma informação sobre essas práticas relacionadas como islamismo:

- ARRUDA: [...] *uma parte das populações árabes ia para as terras conquistadas, aliviando a Arábia da pressão demográfica, pois sua população*

---

<sup>304</sup> 'Procurar o conhecimento é uma obrigação de todo muçulmano e muçulmana'.

havia crescido muito depois que Maomé proibiu o infanticídio e autorizou a poligamia.<sup>305</sup>

- CAMPOS: [...] A poligamia foi legalizada para os homens, pois está dito no Alcorão. "Desejai as mulheres. Apossai-vos de quantas Alá queira vós conceder". Os diversos historiadores são unânimes em afirmar que a religião islâmica melhorou a situação social da mulher, que era de quase escravidão.<sup>306</sup>
- COTRIM: [...] o Alcorão contém instruções que contribuem para a preservação da ordem social e dos interesses dos grandes comerciantes [...]. O roubo é severamente punido. A poligamia e a escravidão são permitidas.<sup>307</sup>
- DREGUER e TOLEDO: Como espaço específico de mulheres e crianças, o harém constituía o centro da vida familiar dos ricos. Essas famílias possuíam um eunuco, isto é, um homem castrado a quem era confiada a guarda do harém e das crianças; as casa muito importantes possuíam vários eunucos, que assumiam as funções de mordomos ou homens de confiança da casa. A castração era considerada uma condição para que esse homem pudesse ter contato direto com as mulheres da casa [...].<sup>308</sup>
- MARANHÃO e ANTUNES: Entre os preceitos do Corão há a poligamia, ou seja, a permissão para que os homens tenham até quatro esposas [...].<sup>309</sup>
- MATTOS: [...] No entanto admitia a escravidão e a poligamia.<sup>310</sup>
- MOCELLIN: O Alcorão permite a poligamia, mas proíbe o consumo de bebidas fermentadas, [...].<sup>311</sup>
- RODRIGUE: No mundo islâmico o escravo era usado principalmente nos trabalhos domésticos e como soldado. O Islã determinava que o senhor cuidasse de sua saúde e o amparasse na velhice. O escravo podia ter seu pecúlio, casar com uma pessoa livre e até ter seus próprios escravos. Os escravos eram obtidos por meio da compra, da guerra e do saque. Até os pobres possuíam pelo menos um escravo. Era proibido escravizar um árabe muçulmano, mas o escravo que se convertesse ao islamismo não ganhava a liberdade. Para isso, era preciso uma grande prova de submissão ao Corão.<sup>312</sup>

<sup>305</sup> J. Arruda. *História Total 3: antiguidade...*, 2001, p. 213.

<sup>306</sup> R. Campos. *História geral, I...*, 1985, p. 136-7. O mesmo texto, com exceção da palavra 'Mohammad' que foi substituída por 'Maomé', consta em: *História geral, I...*, 1991, p. 139.

<sup>307</sup> G. Cotrim. *História e consciência do mundo I: da pré-história...*, 1992, p. 121.

<sup>308</sup> R. Dreguer e E. Toledo. *História: cotidiano e mentalidades 2: Contato entre civilizações: do século V ao XVI*. São Paulo: Atual, 2000, p. 52.

<sup>309</sup> R. Maranhão e M. Antunes, *op. cit.*, p. 33.

<sup>310</sup> H. Mattos, *op. cit.*, p. 103.

<sup>311</sup> R. Mocellin. *História antiga...*, 1985, p. 79. No livro *Para compreender a História...*, 1997, p. 165, há uma inversão nestas determinações: a primeira é a proibição do consumo de bebidas alcoólicas e a última é a permissão da poligamia.

<sup>312</sup> J. Rodrigue, *op. cit.*, p. 47.

- SOUZA: [...] *Suas características principais são monoteísmo, [...], aceitação da poligamia e da escravidão.*<sup>313</sup>
- VALADARES, RIBEIRO e MARTINS: [...], *o muçulmano não pode consumir bebidas alcoólicas ou carne de porco, [...]. Entretanto, ele pode escravizar pessoas, casar com muitas mulheres e promover guerras religiosas em defesa da sua fé.*<sup>314</sup>
- VILLA e FURTADO: *Ao mesmo tempo, Maomé permitiu a poligamia (um homem podia ter quantas esposas pudesse sustentar) [...].*<sup>315</sup>

A maioria dessas citações mencionou que a escravidão e a poligamia masculina foram praticadas pelos muçulmanos contemporâneos a Maomé, porém, não apresentaram detalhes ou particularidades que pudessem caracterizá-las no Islã, e distingui-las das praticadas por outras civilizações. Aqui, os L.D.H. utilizaram os termos ‘escravidão’ e ‘poligamia’ como se fossem auto-explicativos e conhecidos pelo aluno do ensino fundamental que é o público-alvo desses livros didáticos.

Ambas eram praticadas pelas tribos árabes que habitavam a península arábica antes do Islã. Com o surgimento da nova religião, elas receberam novos direcionamentos por meio dos versículos corânicos e dos ensinamentos de Maomé que, posteriormente, resultaram na extinção da escravidão e na prescrição de normas rigorosas para a prática da poligamia masculina.

Quanto à escravidão, apesar de ter sido mundialmente praticada não foi um processo totalmente homogêneo por ter adquirido características peculiares de cada lugar e época em que foi empregada e legitimada por governos, sociedades e religiões.

A escravidão fez parte da realidade social do Islã e esta questão foi abordada por Jomier:

*O Islã admitiu a escravidão como um fato social contra o qual ninguém sentia a necessidade de reagir imediatamente. Também o Cristianismo, desde a sua aparição, não reagiu contra a escravidão. Em determinado momento o Corão toma como exemplo de realidades evidentes a desigualdade que existe entre o escravo e o homem livre (Corão 16, 73/71). Mas a questão foi envenenada por uma apologética antimuçulmana que quis descarregar sobre o Islã toda a vergonha dessa prática hoje em dia abolida. Com*

<sup>313</sup> O. Souza, *op. cit.*, p. 117.

<sup>314</sup> V. Valadares, v. Ribeiro e S. Martins, *op. cit.*, p. 33.

<sup>315</sup> M. Villa e J. Furtado, *op. cit.*, p. 144.

*efeito, é possível que as incursões de escravagistas muçulmanos tenham sido as últimas a subsistir, enquanto alhures este tipo de tráfico já havia desaparecido. Todavia, que contra eles atirem a primeira pedra aqueles cujos ancestrais nunca praticaram a escravidão. A verdade é que tanto o Islã como o cristianismo admitiram por muito tempo a escravidão, mas ambos continham princípios de fraternidade que, pouco a pouco, levaram a achar normal a supressão desta instituição.*<sup>316</sup>

Jomier afirma que religiões monoteístas como o Islã e o Cristianismo permitiram o prosseguimento da escravidão por não ser um processo estranho à sociedade e, posteriormente, motivados pelos princípios fraternais que advogavam, passaram a incentivar sua erradicação da sociedade. Jomier ainda salienta que apesar dos processos escravagistas no Islã terem sido praticamente os últimos a serem extintos, isso não isenta ou minimiza a parcela de culpa de outras religiões e sociedades pela prática da escravidão.

De acordo com as Fontes Islâmicas, o Islã não foi indiferente à escravidão, por isso determinou que o escravo deveria receber o mesmo tratamento que era dispensado à família de seu proprietário [Alcorão 04:36]. Essas fontes ainda indicam, como ato virtuoso para o muçulmano, a libertação de seus escravos [Alcorão, 90:10-6] e a utilização do dinheiro recolhido pela *zakāt* e de fundos pessoais para a compra da liberdade de escravos [Alcorão, 02:177]. Notoriamente, as determinações corânicas criaram mecanismos para a gradual extinção da escravidão na sociedade muçulmana. Deve-se registrar que, afora o contido no Alcorão, há inúmeros *'ahādīḥ* que contribuíram para incentivar a libertação dos escravos e, entre esses destacam-se os seguintes:

*Suaid Ibn Muqarren – que Deus se compraza dele narrou: eu era um dos sete filhos de Muqarren e não tínhamos mais que uma escrava. Aconteceu que o menor filho, dentre nos esbofeteou a escrava. Por isso, o mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) nos ordenou que a puséssemos em liberdade.*<sup>317</sup>

Abu Mas'ud al Badrī – que Deus se compraza dele-

<sup>316</sup> J. Jomier, *op. cit.*, p.155.

<sup>317</sup> Al-Nawawi. *El Paso...*, p. 240.

*narrou: em certa ocasião estava açoitando um dos seus escravos quando ouvi uma voz atrás de mim: “Tem cuidado, Abu Mas’ud”! Não reconheci a voz porque estava irado. Quando esta pessoa chegou perto de mim, vi que era o Mensageiro de Deus (que a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) e ele me disse: “Tem cuidado, Abu Mas’ud! Deus tem mais autoridade sobre ti que tu sobre este rapaz” Eu disse: “Jamais voltarei a bater num escravo”.*<sup>318</sup>

Ibn U`mar- que Deus se compraza dele- narrou que o Profeta *(que a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) disse: “ Quem bater ou esbofetear seu escravo por algo que ele (escravo) não tenha feito, terá que o libertar como penitência”.*<sup>319</sup>

Nesses *'ahādīṭ*, Maomé condenou os maus tratos aos escravos e afirmou que o dono que castigasse seu escravo sem ‘motivos aparentes’ somente conseguiria a remissão de tal ato, perante Deus, se concedesse a liberdade para esse escravo. Não se deve esquecer que a vida e a morte do escravo pertenciam a seu dono e este não era obrigado a prestar satisfações de seus atos a nenhuma pessoa. Portanto, as recomendações feitas por Maomé podem ser observadas como uma inovação para a sociedade de sua época.

Aqui é interessante registrar que na história do Islã, os escravos não aparecem apenas como meros serviçais, alguns chegaram a ocupar papel de destaque e, entre os casos que envolveram diretamente Maomé, citam-se: Bilāl, o primeiro almuadem<sup>320</sup> do Islã, 'Ummu-'Ayman, a primeira escrava a se converter ao Islã e Zayd Bin-Ḥārīt que ganhou de Maomé não apenas a liberdade, mas o *status* de filho adotivo do profeta do Islã. De acordo com as fontes consultadas, Zayd recebeu de Maomé respeito, afeto e seu sobrenome, o qual deixou de utilizar somente após a revelação do versículo [Alcorão, 33:05] que proíbe, na adoção<sup>321</sup>, a supressão dos nomes dos pais biológicos. Zayd é o único entre os companheiros do profeta a ter seu nome citado no texto corânico [33:37].

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 240-41.

<sup>319</sup> *Ibidem*, p. 241.

<sup>320</sup> *Almu'adīn* é quem realiza o chamamento para as orações no Islã. A história da conversão de Bilāl e de sua convivência com Maomé consta em M. Zakariya. *Hikāyāte-Sahabah: Histórias dos companheiros do profeta*. Karachi, Paquistão: ZamZam, 2001, p. 13-5 e p. 60-2.

<sup>321</sup> Alkaradhawi, *op. cit.*, p. 340-44, destaca a adoção de Zayd Bin-Ḥārīt e apresenta as formas de adoção aceitas pelo Islã.



Particularidades e/ou características sobre a escravidão no Islã não integraram a maioria dos textos didáticos supracitados que optaram por mencionar a existência desse processo usando somente o termo ‘escravidão’. E como foi dito, os L.D.H. deixaram a cargo do aluno do ensino fundamental a decifração do que teria sido a escravidão no Islã. Todavia, não se espera encontrar no L.D.H. detalhamento a respeito do processo escravista do Islã, no entanto, é dever desse tipo de livro trazer esclarecimentos nem que sejam mínimos e, de forma didática, e não apenas reduzir o processo ao termo ‘escravidão’, pois sabe-se que o aluno desconhece a história da escravidão no Islã, mas possui noções do processo da escravidão no Brasil, portanto, seria natural e, até mesmo previsível, que, na falta de informações, ele acredite que esses dois processos foram iguais ou semelhantes. Aqui, fica a pergunta: Qual será a contribuição do L.D.H. que generaliza ou permite a generalização dos processos históricos que ele aborda?

Entre os L.D.H. que apresentaram detalhes sobre a escravidão no Islã pode-se destacar Rodrigue que menciona o fato de o escravo ao se tornar livre e se converter ao Islã deveria apresentar “grande prova de submissão ao Corão”<sup>322</sup>. No entanto, não há nenhuma referência nas fontes consultadas que confirmasse tal condição, pois todas indicam que para a conversão ao Islã basta o pronunciamento sincero da Declaração de Fé (*šahādah*) na presença de um muçulmano. Após esse pronunciamento nenhum muçulmano tem o direito de contestar a fé, ou exigir ‘provas’ dela. Quanto à liberdade do escravo-muçulmano, as Fontes Islâmicas afirmam que ele poderia ganhar a alforria de seu dono ou negociar com ele a forma de comprar sua liberdade e nenhuma dessas formas dependia de que qualquer tipo de ‘prova de submissão’ ao Alcorão, conforme afirmou Rodrigue em seu texto didático.

Destaca-se entre os vários L.D.H. consultados e que optaram apenas por mencionar no texto didático a existência da escravidão sem ao menos explicar as características principais desse processo no Islã, o livro de Cotrim. Ressalte-se que esse destaque se justifica pelo fato de trazer uma afirmação a respeito do Alcorão: “Contém instruções que contribuem para a preservação da ordem social e dos interesses dos grandes comerciantes”<sup>323</sup>. Tal afirmação é contestada por fatos históricos e também pelas Fontes Islâmicas. Não há no Alcorão nenhum versículo, que privilegie apenas essa categoria de comerciantes. O Alcorão na medida em que proibiu o roubo [05:38], a fraude [83:1-3], a usura [02:275], incentivou a escrituração das transações comerciais

---

<sup>322</sup> J. Rodrigue, *loc. cit.*

<sup>323</sup> G. Cotrim, *loc. cit.*

[02:282], o pagamento das dívidas contraídas e a realização da atividade comercial com lisura [04:29], beneficiou consumidores e comerciantes, não importando o porte de seu empreendimento comercial.

Julga-se que essa afirmação de Cotrim pode sugerir ao aluno que o Islã, tenha surgido, ou até mesmo, tenha sido ‘construído’ para beneficiar e proteger somente os grandes comerciantes da península arábica. Tal indicação diverge dos fatos históricos que registram a hostilidade dos grandes comerciantes de Meca com o surgimento do Islã, com as determinações corânicas e com a própria presença dos muçulmanos em Meca<sup>324</sup>. Desta forma, vemos que a afirmação de Cotrim pode levar o aluno a construir um perfil equivocado sobre os princípios do Islã.

No que se refere ao segundo item, a poligamia masculina, a maioria dos L.D.H. utilizou também o termo para informar a existência dessa prática no Islã, porém sem apresentar quaisquer detalhes, características ou particularidades dessa prática e como no caso da escravidão, mais uma vez, os L.D.H. deixaram a cargo do aluno a decifração do que seja a ‘poligamia no Islã’.

Deve-se ter presente que a falta de conhecimento do aluno, somada ao *status* de livro verídico e inquestionável que o L.D.H. tem, pode levar o aluno a ter conclusões equivocadas sobre a questão da poligamia no Islã. Para ilustrar tal possibilidade usa-se a afirmação apresentada por Arruda: “Maomé proibiu o infanticídio e autorizou a poligamia”<sup>325</sup>. Na ausência de detalhes, essa afirmação pode indicar que a poligamia, no Islã, teve origem a partir de uma ordem de Maomé. Os fatos históricos divergem dessa indicação porque é fato que a poligamia na península arábica é anterior a Maomé e ao Islã. Mas, sabe-se também que o Islã não proibiu o prosseguimento da poligamia, mas a reconheceu como instituição válida somente através de contrato de casamento [Alcorão, 04:03] com até quatro mulheres livres e do concubinato com escravas, sendo que estas não tinham *status* de esposas.

Para se reportar à poligamia, Villa e Furtado, em seu L.D.H. priorizaram apenas a questão financeira: “Um homem podia ter quantas esposas pudesse sustentar”<sup>326</sup>, o que revela divergências com as fontes consultadas, entre elas: a) o *status* de esposa é adquirido através do casamento e como foi dito as escravas não eram consideradas esposas, b) o número de esposas para o muçulmano é limitado em quatro e

<sup>324</sup> R. Mantram. *A expansão...*, p. 62.

<sup>325</sup> J. Arruda, *loc. cit.*

<sup>326</sup> M. Villa e J. Furtado, *loc. cit.*

a única exceção prevista e permitida para a realização do casamento com mais de quatro mulheres foi concedida pelo Alcorão [33:50-2] a Maomé<sup>327</sup> e c) a condição financeira é apenas um dos requisitos para realizar o casamento poligâmico no Islã [Alcorão, 04:03].

É interessante frisar que a poligamia praticada pelos muçulmanos foi popularizada e eternizada através da literatura que destacou o harém (*harīm*), que nas descrições de Dreguer e Toledo era: “Espaço específico de mulheres e crianças, o harém constituía o centro da vida familiar dos ricos. Essas famílias possuíam um eunuco, isto é, um homem castrado a quem era confiada a guarda do harém e das crianças; as casas muito importantes possuíam vários eunucos, que assumiam as funções de mordomos ou homens de confiança da casa. A castração era considerada uma condição para que esse homem pudesse ter contato direto com as mulheres da casa”<sup>328</sup>.

É preciso ainda registrar que nas Fontes Islâmicas o harém é o espaço mais íntimo da casa, no qual as mulheres podem circular sem véu (*hijāb*) e sem *‘abāyah*<sup>329</sup> na presença do marido e dos parentes com os quais não podem se casar [Alcorão, 24:31] e que os eunucos faziam parte da realidade social mesmo anterior ao Islã. No entanto, no que se refere à questão específica dos eunucos, na descrição dada por Dreguer e Toledo, comparada com as encontradas nas Fontes Islâmicas, destacam-se certas divergências: a) no harém não estavam apenas às esposas e as concubinas, mas também as mulheres que estão proibidas de manter relações sexuais com o senhor da casa [Alcorão, 04:22-3]; b) casas ricas e pobres têm seus haréns, ao contrário da restrição (só casas ricas) feita por Dreguer e Toledo e c) os eunucos foram integrados a sociedade muçulmana, porém, o Islã não era o responsável pela mutilação genital que eles sofreram. Entretanto, o texto de Dreguer e Toledo ao ressaltar a castração como pré-requisito para o trabalho no harém pode indicar ao aluno que o Islã patrocinava, ou, determinava a castração dos eunucos. Frise-se que essa indicação diverge das fontes consultadas, que formalmente proibem a castração de homens e animais<sup>330</sup>.

Em suma, nota-se que a maioria dos L.D.H. consultados citou a existência da escravidão e da poligamia masculina no Islã sem ao menos explicar suas características

<sup>327</sup> De acordo com M. Zakariya. *Hikāyate-sahabah...*, p.191-201, Maomé se casou onze vezes. M.Zakariya ainda apresenta o perfil de cada uma destas esposas.

<sup>328</sup> R. Dreguer e E. Toledo, *loc. cit.*

<sup>329</sup> *‘Abāyah* é uma espécie de túnica larga, frouxa, colocada sobre a roupa.

<sup>330</sup> J.Williams, *op. cit.*, p.64, apresenta o segundite *hādīf* que indica a proibição da castração de homens: Bukhari... de Said Ibn-Abiukás: “ O mensageiro de Deus recusou autorizar que Otman Ibn Mazum fizesse voto de castidade. Se ele o tivesse autorizado, todos nós já seríamos castrados”. Aqui cabe mencionar a existência de um célebre *hādīf* atribuído a Ibn-‘Umar no qual Maomé veda a castração de animais.

elementares e sem distingui-las das características de outros processos existente no mundo, que apresentaram, ou melhor, reduziram os referidos processós históricos a dois substantivos: 'escravidão' e 'poligamia'.

Tal procedimento diverge do princípio básico do livro didático que é a oferta de informações didáticas, claras e precisas a respeito de um tema desconhecido pelo público. Sendo assim, fica a pergunta: estaria o livro didático cumprindo seu papel neste contexto?

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa tratou de analisar divergências sobre o Islã encontradas entre as informações trazidas pelos Livros didáticos de História e pelas Fontes Oficiais do Islã (o Alcorão, a Tradição, o Consenso e a Medida).

É sabido que o livro didático de História, como todo livro dessa natureza, objetiva o acesso rápido e descomplicado de boa parte dos conteúdos que o aluno deve estudar durante o ano letivo. Geralmente a multiplicidade de temas abordados num único volume leva e até obriga a sintetização do conteúdo por vários motivos, entre eles o exíguo espaço físico disponível.

Há um ponto positivo em adequar o espaço físico do livro didático que é justamente a oferta variada de conteúdos, no entanto ela pode gerar conseqüências relativamente negativas para o processo de ensino/aprendizagem. No caso específico do livro didático de História, por exemplo, as sínteses, os resumos, os ‘ajustes’, se não forem bem-elaborados podem descaracterizá-lo como tal, anulando a importância de fatos históricos que são necessários para o conhecimento do tema abordado pelo livro didático.

Deve-se relembrar que o aluno reconhece qualquer livro didático como fonte fidedigna e inquestionável, por crer que o livro didático traz somente informações verdadeiras. Essa crença é reforçada por vários aspectos, entre eles, destacam-se os seguintes: a) a idéia já cristalizada na sociedade brasileira de que o livro didático é totalmente confiável; b) o livro didático é o companheiro diário do aluno por pelo menos oito anos durante o ensino fundamental; c) a escola, os pais e os professores, três fontes de credibilidade para o aluno, incentivam e ‘cobram’ o uso do livro didático; d) o Governo Federal incentiva o uso do livro didático através do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD e e) o aluno é alheio aos processos complexos que envolvem a produção e a comercialização do livro didático. Esses aspectos são determinantes para que o aluno reconheça e utilize qualquer livro didático como se fosse uma espécie de ‘livro absoluto’, que apresente somente informações precisas, pontuais e corretas onde não há lugar para dúvidas, para enganos e para erros.

Diante dessa credibilidade, é imprescindível que o livro didático seja objeto de pesquisa e que mereça análises sob ângulos diferenciados (metodológicos, pedagógicos, mercadológicos, etc.) porque é através de seus textos, ilustrações, glossários, gráficos e atividades de fixação que o aluno constrói e cristaliza ‘imagens’, definições, conceitos e

preconceitos a respeito dos temas estudados e essas construções o acompanharão provavelmente fora da rotina escolar e ainda poderiam influenciá-lo por toda vida.

Como foi dito, essa dissertação optou por estudar como o Islã é tratado nos livros didáticos de História, delimitando a análise aos livros publicados ou reeditados entre 1985 e 2004<sup>331</sup>, e dentre esses, alguns temas foram eleitos, tais como a Hégira e o *Jihād*, para exemplificar as divergências anotadas. Por serem temas comuns à maioria dos livros que constituíram o *corpus* eles até podem ser considerados como uma espécie de ‘base didática’ sobre o Islã. Cada um desses livros, sob um critério próprio, destacou um ou outro aspecto desse tema e a comparação e a análise, propostas nessa pesquisa, foram realizadas somente após o levantamento e a classificação das divergências em factuais e conceituais.

Na análise dessas divergências pode-se perceber que: a) a maior parte do *corpus* destinou um dos seus capítulos e/ou sub-capítulos para abordar exclusivamente a história do Islã; b) os livros com mais de uma edição optaram por realizar a revisão na parte gráfico-editorial com a reorganização das disposições internas de figuras e de textos, substituindo apenas termos<sup>332</sup> que não alteraram o sentido e o significado do texto; c) a utilização de algumas palavras árabes transliteradas<sup>333</sup>, sem a preocupação com seu significado original, ou seja, os livros estudados reproduziram apenas os significados errados que corriqueiramente são imputados a tais palavras árabes; d) a utilização de alguns termos que indicaram certo ‘desleixo’<sup>334</sup> no uso da linguagem e esses são incompatíveis com a linguagem esperada em materiais de uso didático, isto é, isenta de rótulos que possam gerar ou induzir a formação de preconceitos sobre o conteúdo abordado; e) a maioria do *corpus*, ao abordar o Islã, contrariou a lógica e o bom senso que sugerem a consulta aos eixos norteadores do tema abordado para evitar

---

<sup>331</sup> A análise foi realizada em livros editados e/ou reeditados até o ano de 2004, entretanto alguns desses livros por constarem na lista dos livros recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD/2005 (e se foram comprados pelo governo federal) deverão ser utilizados até o ano de 2007 porque esse programa determina o uso trienal do livro didático nas escolas públicas. Dos livros didáticos de História que constam no *corpus* e no PNLD/2005 estão: F. Silva. *História do mundo medieval ao período colonial brasileiro...*, 2001; G. Cotrim. *Saber e fazer História...*, 2002; J. Rodrigue. *História em documentos...*, 2002; M. Villa e J. Furtado. *Caminhos da História...*, 2002; R. Dreguer e E. Toledo. *História cotidiano e mentalidades...*, 2000; R. Mocellin. *Para compreender a História...*, 2001 e A. Tota e L. Lima. *História por eixos temáticos...*, 2002 (só no *corpus*).

<sup>332</sup> Na referência feita ao paraíso substituiu-se o termo ‘água gelada’ (Arruda, 1997, p.12-3) por ‘água fresca’ (Arruda, 1998, p.212-3 e 2001, p. 212-3).

<sup>333</sup> A utilização do termo *jihād* como “guerra santa” em Braick e Mota (2000, p. 42) e Giovanni, Junqueira e Tuono (1998, p. 42).

<sup>334</sup> Para ilustrar o ‘desleixo’ na linguagem, pode-se citar o termo ‘arrumou’, empregado por Mocellin (1985, p.76), para se referir ao casamento do profeta do Islã. Esse termo, destacado no texto didático por aspas, no mínimo insinua, que Maomé casou-se com Hādījah por causa de seu patrimônio financeiro.

descontextualizações<sup>335</sup>, erros, distorções e a construção de estereótipos no assunto estudado ou apresentado; f) alguns livros não verificaram nem certificaram todas as informações recolhidas (nas fontes consultadas) antes de fazê-las constar em seus textos didáticos, por isso, foram encontrados erros crassos<sup>336</sup> sobre o Islã que não são compatíveis com o livro didático de História porque a História, ciência investigativa, preza pela exatidão dos fatos.

Não cabe, aqui, levantar de quem é a responsabilidade pela revisão dos textos didáticos, se do autor, da editora ou de ambos, mas é preciso salientar que uma revisão cuidadosa é necessária e imprescindível porque a interpretação da História não permanece estagnada no tempo, ela se atualiza através das pesquisas que são constantemente realizadas e um livro didático de História que não sofre revisão e atualização no conteúdo e na interpretação desses, se tornará obsoleto e pouco poderá contribuir no processo de ensino/aprendizagem desenvolvido com os alunos do ensino fundamental.

Como foi dito anteriormente, notou-se que a maioria dos livros didáticos de História ao focalizar o Islã não consultou as fontes oficiais dessa religião nem sequer para verificar o que nelas consta em relação ao tema abordado. Insiste-se, contudo, que essa consulta não significa a aceitação tácita dessas informações, mas a possibilidade de conduzir todos os envolvidos no processo a uma reflexão crítica.

Após a análise dos dois tipos de divergência, considera-se que foram resultado da imperícia, da falta de acuidade na pesquisa e do desconhecimento das Fontes Oficiais do Islã, por isso, tais divergências não devem, em momento algum, ser observadas como uma 'ideologia de ataque' ou mesmo como um 'panorama hostil' ao Islã porque tão-somente revelam o despreparo de quem está por trás desses livros.

Contudo, e mesmo que essa 'ideologia de ataque' inexista, deve-se ter presente que tais divergências permitem a formação de preconceitos sobre o Islã e os

---

<sup>335</sup> A indução e a formação de preconceitos também podem advir de afirmações deslocadas do contexto histórico, pois o aluno do ensino fundamental não tem pré-requisitos para decodificá-las e contextualizá-las e acaba as assimilando como informações verdadeiras por causa do *status* de livro fidedigno e inquestionável que o livro didático de História tem. Essa descontextualização dos fatos pôde ser verificada, por exemplo, em Silva (1990, p.134-5), que sem mencionar detalhes afirmou que Maomé mandou matar judeus. Essa afirmação induz a formação de preconceitos sobre o profeta do Islã por sugerir que ele seria o 'mandante' de um assassinato. Considerando ainda os conflitos atuais entre judeus e árabes/palestinos, constantemente veiculados na mídia, tal afirmação tende a reforçar os traços 'maus' na imagem do árabe-muçulmano, bem como do muçulmano de qualquer outra nacionalidade.

<sup>336</sup> A afirmação de que a Hégira, em 622, partiu da cidade de Medina em direção a Meca. Aqui o erro consiste na inversão das duas localidades, pois é fato que a Hégira partiu da cidade de Meca que é o 'berço do Islã'. Tal erro consta em Schmidt (2001, p. 220).

muçulmanos e essa 'permissão' é incompatível com as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação, que prescrevem que o livro didático de História não deve induzir ou transmitir estereótipos, etnocentrismos, discriminações e preconceitos no conteúdo apresentado ao aluno do ensino fundamental, mas parece que isso fica claro apenas nos manuais de instrução (do Ministério da Educação) e não é colocado em prática (nos L.D.H.).

É preciso sempre ter em mente que uma informação errada num livro didático de História levaria o aluno a construir definições erradas e essas simplesmente não se desfazem no final conteúdo estudado ou no final do ano letivo, mas tendem a permanecer com o aluno, podendo influenciá-lo por toda vida, pois, é preciso ainda frisar que nem sempre o professor está preparado para localizar e corrigir tais informações; isso somado ao fato, incansavelmente mencionado aqui, de que o livro didático de História tem *status* de 'livro fidedigno e inquestionável' e o aluno, por uma série de fatores, acredita que ele (L.D.H.) não erra e não comete equívocos.

No entanto é preciso indicar alguns aspectos que podem figurar como catalizadores na formação de preconceito no processo de ensino/aprendizagem, tais como: a) a probabilidade de quando aluno, o professor, também, tivesse utilizado livros didáticos de História com erros sobre o Islã e talvez os tenha assimilado como verdade; b) o sistema educacional brasileiro também tem sua porção de culpa, por não oferecer condições ao professor do ensino fundamental para realizar pesquisas e se atualizar<sup>337</sup> e c) Na maioria das vezes os livros didáticos de História, disponibilizados na biblioteca da escola, são os únicos referenciais teóricos com que o professor conta para estudar a respeito de qualquer tema, inclusive o Islã.

Conhecer a influência que o livro didático de História exerce no professor é importante porque a ele cabe a tarefa didática de equacionar a triangulação existente entre o aluno, as informações trazidas pelo livro didático de História e a realidade do mundo contemporâneo. Como resultado disso, o livro didático de História deixou de ser um material de apoio e se transformou no principal e/ou único material de consulta disponível, tanto para o aluno como para o professor e por isso o manuseio diário desse

---

<sup>337</sup> Por exemplo, em algumas escolas públicas a carga horária semanal do professor do ensino fundamental é de vinte horas; dezesseis horas (16 aulas) devem ser em sala de aula com alunos e apenas quatro horas para ele se organizar, ou seja, cerca de trinta minutos para planejar cada aula dada. Além da carga horária, há a questão da baixa remuneração salarial que inviabiliza cursos de atualização e a compra de livros. Registra-se que o descaso governamental atinge os professores de todas as esferas da educação brasileira tanto a superior como a básica.



material tende a influenciá-los de formas diferentes, como já fora, por vezes, mencionado no decorrer do trabalho.

Nessa pesquisa que analisou livros didáticos de História editados até o ano de 2004 tentou verificar se houve alguma mudança nas edições posteriores a 2001, ano em que presenciou o ataque às torres gêmeas do *World Trade Center*<sup>338</sup> em Nova Iorque e o posterior ‘interesse’ pela religião muçulmana. Constatou-se que um único livro dos que constitui o *corpus* apresentou referência ao episódio<sup>339</sup>.

Essa ausência de registro (exemplificado no caso das torres gêmeas) conduz a uma reflexão maior: é fato que há várias décadas, o Islã consta nos livros didáticos de História do ensino fundamental, entretanto a permanência do Islã nesses livros não lhe garantiu a atualização das informações. Tal reflexão é baseada na análise das divergências factuais e conceituais que evidenciaram que em muitas edições houve apenas a mera repetição de informações apresentadas na edição anterior, confirmando que não foi realizada nenhuma revisão no conteúdo didático, apesar do destaque dado ao islamismo após o fatídico episódio, o que nos leva a crer que autores e/ou editores consideraram que as informações sobre o tema (Islã) já se esgotaram e que não há nenhuma informação que merecesse revisão.

A desatualização no livro didático de História não contempla a disciplina a que pertence a História que, por ser uma ciência investigativa, se nutre de pesquisa e a cada pesquisa realizada, definições, interpretações e conceitos, anteriormente formulados, devem, no mínimo, ser revistos. Em suma relembramos que o livro didático de História que não sofre revisão de conteúdo tende a tornar-se obsoleto na interpretação dos fatos e priva o aluno, público-alvo desse livro, de tentar compreender o mundo que o cerca. Talvez seja preciso também lembrar que é equívoco pensar que a História se reduz ao

---

<sup>338</sup> Essa pesquisa não discute a autoria e as consequências dos ataques aéreos e também não os relaciona aos princípios religiosos revelados a Maomé, por entender que quando se fala em Islã deve se ter presente que atualmente não há um único grupo ou uma única pessoa que represente a comunidade muçulmana (*ummah*) espalhada pelo mundo, por mais que esses reivindiquem tal representação. É preciso ainda frisar que após a morte de Maomé a interpretação das Fontes Oficiais do Islã tornou-se plural e que obviamente não existe consonância na pluralidade.

<sup>339</sup> De todos os livros do *corpus*, pós 2001, C. Vicentino em *Viver a História...*, 2002, p. 22, foi o único a mencionar o ataque aéreo às torres gêmeas. Esse livro apresentou o fato, ilustra-o com uma fotografia que registra o momento das explosões das torres, destacou os “fundamentalistas da religião islâmica”, mencionou que o episódio seria a “primeira guerra do século XXI” e destacou os Estados Unidos da América como “a maior potência capitalista do mundo atual”. Porém, não apresentou nenhuma das notas de repúdio emitidas pelas comunidades islâmicas condenando o ataque aéreo e afirmando que os que reivindicaram a autoria do ataque não representam a *ummah*. Aqui, cabe o seguinte questionamento: se o livro didático de História, para cumprir sua função didático-informativa, deve apresentar todos os fatos relacionados ao tema abordado porque o autor não mencionou a indignação da comunidade islâmica? Será que essas informações não poderiam contribuir para a reflexão crítica deste fato?

mero conhecimento de fatos passados e que ela não exerça nenhuma influência no contemporâneo<sup>340</sup>.

Cabe aqui deixar como sugestão (urgente) aos responsáveis pela elaboração dos livros didáticos de História que lancem mão de uma revisão ampla das informações apresentadas sobre o Islã, que consultem outras fontes, além das utilizadas nos livros do presente *corpus*, e que também consultem as Fontes Oficiais do Islã, tendo presente que tal consulta não inviabiliza a reflexão histórica de um fato. Essa sugestão ao mesmo tempo em que contempla alguns dos objetivos do livro didático de História (informações precisas e pontuais), cumpre as determinações<sup>341</sup> do Ministério da Educação que estabelece a atualização constante dos conteúdos dos livros didáticos.

Em fim, ao concluir este trabalho, somos cientes que ele representa apenas um primeiro passo rumo a outras pesquisas mais aprofundadas e a reflexões mais amplas sobre o Islã nos livros didáticos de História destinados ao ensino fundamental. Ainda vale ressaltar que essas pesquisas e reflexões também são necessárias nos livros didáticos de História direcionados ao ensino médio e que os resultados de ambas podem, com maior precisão, auxiliar na compreensão do processo de ensino/aprendizagem desenvolvido sobre o Islã durante a educação básica no Brasil.

---

<sup>340</sup> Aqui, vale registrar a reflexão, sobre a História, elaborada por Coulanges em *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo: Hemus, 1975, 09: “Felizmente, o passado nunca morre totalmente para o homem. O homem pode esquecê-lo, mas continua sempre a guardá-lo em seu interior, pois o seu estado, tal como se apresenta em cada época, é o produto e o resumo de todas as suas épocas anteriores. E se cada homem auscultar a sua própria alma, nela poderá encontrar e distinguir as diferentes épocas, e o que cada uma dessas épocas lhe legou”.

<sup>341</sup> Ministério da Educação. *Guia nacional de livros didáticos...*, 2001, p. 24-8.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. Os livros didáticos de História: o corpus

- ARAÚJO, Antoracy Tortorelo. *História: 7, antiga e medieval*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1985.
- ARRUDA, José Jobson. *História Integrada: Da Idade Média ao nascimento do Mundo Moderno*. v. 2. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_, José Jobson. *História total 3: Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_, José Jobson. *História total 3: Antigüidade e Idade Média*. 2 ed., 2. impressão. São Paulo: Ática, 2001.
- AZEVEDO, L. de. *A história dos povos 3: sociedade mundial: antiga e medieval/ Azevedo e Darós*. São Paulo: FTD, 1988.
- BARBOSA FILHO, Milton Benedicto e STOCKLER, Maria Luiza Santiago. *História Antiga e Medieval*. reedição ver. e atual. Scipione: São Paulo, 1993.
- BONI, Agostinho. *História Geral: antiga e medieval*. 7. série. São Paulo: FTD, 1993.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História Geral: volume: antiga e medieval*. Ilustrações Rodval Matias, Paulo Ferreira. São Paulo: FTD, 1995.
- \_\_\_\_\_, Alfredo. *História Geral: antiga e medieval, v.1*. Ilustrações Hilton Mercadante, Rodval Matias, Paulo Ferreira. ed. renovada. São Paulo: FTD, 1997.
- BRAICK, Patrícia Ramos e MOTA, Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. 6. série. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CAMPOS, Raimundo. *História geral 1*. 1. grau. 7. série. São Paulo: Atual, 1985.
- \_\_\_\_\_, Raymundo Carlos Bandeira. *História Geral, 1*. 1. grau. ed. ver. e ampl. São Paulo: Atual, 1991.
- \_\_\_\_\_, Sonia Irene do e COUTO, Eliane F. Bittencourt. *História geral: Antiga e medieval*. 2.ed. ver. e atual. São Paulo: Atual, 1994.
- CARMO, Sonia Irene do e COUTO, Eliane F. Bittencourt. *Da Pré-história à sociedade feudal*. 5. série. (*História: passado presente; 1*). 8. reimpressão. São Paulo: Atual, 1997.
- \_\_\_\_\_, Sonia Irene do e COUTO, Eliane F. Bittencourt.. *Da Pré-história à sociedade feudal*, 5. série. (*História: passado presente; 1*). 2. ed. São Paulo: Atual, 2002.

- COTRIM, Gilberto e ALENCAR, Álvaro Duarte de. *História Geral para uma Geração Consciente: Antiga e Medieval*, 7. série, 1. grau. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1985.
- \_\_\_\_\_, Gilberto. *Saber e fazer História. História geral e do Brasil: Feudalismo, modernidade européia e Brasil colônia*. 6. série. 2.ed. 1. tiragem. São Paulo: Saraiva, 2004.
- \_\_\_\_\_, Gilberto. *História e Consciência do mundo 1: da pré-história à Idade Média*. 1. grau, 1.ed. São Paulo: Saraiva, 1992.
- \_\_\_\_\_, Gilberto. *História e Consciência do Mundo 1: Da pré-história à Idade Média*. 1. grau, v. 1.12.ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- \_\_\_\_\_, Gilberto. *História Geral Nova Consciência: primeiras sociedades, Antigüidade, período medieval e transição moderna*. 7. série. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- DANTAS, José. *História Geral*. v.1-2. São Paulo: Moderna, 1985.
- DREGUER, Ricardo e TOLEDO, Eliete. *História cotidiano e mentalidades: contato entre civilizações do século V ao XVI*. v. 2. 6. série. São Paulo: Atual, 1995.
- \_\_\_\_\_, Ricardo e TOLEDO, Eliete. *História cotidiano e mentalidades: contato entre civilizações do século V ao XVI*. v. 2. 6. série. São Paulo: Atual, 2000.
- DUARTE, Gleuso Damasceno. *Jornada para o nosso tempo: da Pré-história à desintegração do Império Romano*. 5. série. v.1. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1997.
- FARIA, Ricardo de Moura; MARTINS, Adhemar e BERUTTI, Flávio Costa. *História e companhia*. 6. série. Ilustrações Virgílio Vellozo; cartografia, Fernando Flores. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1998.
- GIOVANNI, Maria Cristina V; JUNQUEIRA, Zilda A. e TUONO, Sílvia Guena de Albuquerque. *História: compreender para aprender*. 6. série. São Paulo: FTD, 1998.
- HERMIDA, Borges. *História geral: antiga e medieval*. São Paulo: FTD, 1994.
- LUCCI, Elian Alabi. *História Geral*. 1. grau. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1985.
- MACEDO, José Rivair e OLIVEIRA, Mariley W. *Uma história em construção*, 7. série. São Paulo: editora do Brasil, 1999.
- MARANHÃO, Ricardo e ANTUNES, Maria Fernanda. *Trabalho e civilização uma história global do Ocidente ao Oriente: do século V ao século XVII*. v. 2. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1999.
- MATTOS, Hamilton Gonçalves. *Vivenciando a História: das sociedades primitivas à formação do capitalismo*. São Paulo: Editora do Brasil, 1990.

- MOCELLIN, Renato. *História antiga e medieval*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1985.
- \_\_\_\_\_, Renato. *Brasil: para compreender a história*, 7ª série. São Paulo: Editora do Brasil, 1997.
- MOTA, Carlos Guilherme e LOPEZ, Adriana. *História e Civilização: O Mundo Antigo e Medieval*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e Vida: da Idade Moderna à atualidade*. v.4, 12. ed. totalmente reformulada e atualizada. São Paulo: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e Vida. Da Pré-História à Idade Média*. v. 3. 21 ed. totalmente reformulada e atualizada. São Paulo: Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e Vida: da origem da humanidade a Idade Média*. v.3. São Paulo: Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_, Nelson e PILETTI, Claudino. *História e vida integrada*. 5. série 1 ed. 1. impressão. São Paulo: Ática, 2002.
- RODRIGUE, Joelza Ester. *História em documento: imagem e texto*. coleção História em documento: imagem e texto -6. São Paulo: FTD, 2001.
- SANTOS, Maria Januária Vilela. *História Antiga e Medieval*. 1ª grau. 19. ed. totalmente reformulada. São Paulo: Ática, 1990.
- SARONI, Fernando. *Registrando a história, 3: Antiguidade e Idade Média*. Ilustrações de Abê, Hilton Mercadante, Rodval Matias. São Paulo: FTD, 1997.
- SCHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica*. 5. série. São Paulo: Nova Geração, 1999.
- SILVA, Francisco de Assis. *História geral: antiga e medieval*. 7. série, 1. grau. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.
- \_\_\_\_\_, Francisco de Assis. *História geral: antiga e medieval*. v. 1. 2.ed, São Paulo: Ed. Moderna, 1990.
- SILVA, Francisco de Assis. *História geral: 1. grau*. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1994.
- \_\_\_\_\_, Francisco de Assis. *História do mundo medieval ao período colonial brasileiro*. 6. série. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- SOUZA, Osvaldo Rodrigues de. *História Antiga e Medieval*. ed. reformulada e atual. 24. ed. São Paulo: Ática, 1992.

- TOTA, Antonio Pedro e Lizânias de Souza, LIMA. *História por eixos temáticos*. 6. série. São Paulo: FTD, 2002.
- VALADARES, Virginia Trindade; RIBEIRO, Vanise e MARTINS, Sebastião. *História Assim caminha a humanidade*. 6. série. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1992.
- VICENTINO, Cláudio. *História integrada: da Pré-história à Idade Média: Brasil geral*: 5. série. São Paulo: Scipione, 1995.
- \_\_\_\_\_, Cláudio. *História: memória viva: da pré-história a Idade Média*, 7. série. Nova ed. rev. e atual. São Paulo: Scipione, 1988.
- \_\_\_\_\_, Cláudio. *Viver a História: ensino fundamental*. 6. série. São Paulo: Scipione, 2002.
- VILLA, Marco Antonio e Furtado, Joaci Pereira. *História Geral: dos primeiros humanos à crise da Europa medieval*. v.1. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1998.

## 2. Bibliografia geral

- ABDALATI. *Hammudah. Luces sobre el Islam*. Salimiah, kuwait: International Islamic Federation of Student Organizations, 1990.
- ABOU-FARES, Mohamad A. *Islamismo: mandamentos e fundamentos*. Curitiba: [s.n.], 1977.
- AL-FARUQUI. Isma'il R. *At Tauhid: Suas implicações para o pensamento e a vida*. Trad. Samir El Hayek. 2. ed. [S.l]: Instituto Internacional do Pensamento Islâmico, 1992.
- AL-NAWAWI. *El paso hacia el paraíso: dichos de Muhammad el enviado de Dios*. Beltsville, U.S.A: Amaná, 1995.
- ALCORÃO. *O significado dos versículos do Alcorão Sagrado: versão portuguesa diretamente do árabe*. 11.ed. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Marsam Editora Jornalística, 2001.
- AL-KARADHAWI. Youssef. *O lícito e o ilícito no islam*. São Bernardo do Campo: Alvorada, [s.d].
- ARBEX JÚNIOR, José. *Islã: um enigma de nossa época*. São Paulo: Moderna, 1996.
- \_\_\_\_\_, José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- \_\_\_\_\_, Karen. *Maomé: uma bibliografia do Profeta*. Trad. Andréia Guerini, Fabiano S. Fernandes e Walter C. Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_, Karen. *O Islã*. Trad. Anna Olga B. Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARNOLD, T e GUILLAUME, A. *El legado del Islam*. Madrid: Ediciones Pegaso, 1944
- ASSAWAF, Mohammad. *A oração no Islam*. São Bernardo do Campo: Makka, 1977.
- BAUSANI, Alessandro. *El Islam en su cultura*. México: Fondo de Cultura Económica S.A., 1993.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- BITTENCOURT, Circe M.F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (doutorado em História). Departamento de História da Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: USP/FFLCH, 1993.
- BRASIL. Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes da Educação Nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 1998.
- \_\_\_\_\_. Constituição (1998). *Constituição da república Federativa do Brasil*. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1989.
- BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico: de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa: Editorial verbo, 1972.
- COULANGES, F. *A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo: Hemus, 1975.
- DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
- DERMENGHEM, Emile. *A vida de Mahomet*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1935.
- EL-AED, Saleh. *O direito dos não muçulmanos sob um governo islâmico*. Trad. Ali M. Abdune. Diadema: WAMY, 2003.
- EL-KHATIB, S. *Muhamad: o profeta de Allah*. Curitiba: Grafipar, 1981.
- ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias religiosas: de Maomé à Idade das Reformas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- \_\_\_\_\_, Mircea. *Lo sagrado y el profano*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1967.
- \_\_\_\_\_, Mircea. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- FARAH, Paulo D. *O Islã*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- FREITAG, Bárbara (org.). *O Estado da arte do livro didático no Brasil*. Bárbara Freitag, Valéria R. Motta e Wanderley F. Costa. Brasília: Rede latino-americana de informação e documentação em educação - REDUC, 1987.
- GARAUDY, Roger. *Promessas do Islã*. Trad. Edison Darci Heldt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- \_\_\_\_\_, Roger. *Rumo a uma guerra santa? O debate do século*. Trad. Angela Melim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- GARDELS, Nathan P.(org.). *No final do século: reflexões dos maiores pensadores do nosso tempo*. Trad. Ângela L. de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- GUEDES, Maurício Ferreira. *Análise de conteúdo de livros didáticos de Ciências: os termos químicos apresentados e suas representações possíveis*. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP/FE, 1992.
- ḤALĀF, Abdul-wahab. *‘Ilm ‘uṣūl alfiqh*. Cairo, Egito: Dar El Kalam, 1977.
- HAMIDULLAH, Mohammad. *Introdução ao Islam*. São Bernardo do Campo: Alvorada, 1990.
- HOURANI, Albert Habib. *Uma história dos povos árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ISBELLE, Munzer A. *Sob as luzes do Alcorão*. Rio de Janeiro: Azaan, 2003.
- \_\_\_\_\_, Munzer. *Descobrimo o Islam*. Rio de Janeiro: Azaan, 2002.
- \_\_\_\_\_, Sami A. *Islam: a sua crença e a sua prática*. Rio de Janeiro: Azaan, 2003.
- JOMIER, Jacques. *Islamismo: história e doutrina*. Trad. Luiz J. baraúna. Petrópolis: Vozes, 1992.
- KHALIL, Muhammad J. e NASSER FILHO, Omar. *Um diálogo sobre o islamismo*. Curitiba: Criar, 2003.
- LEITE, Miriam Moreira. *O ensino da História no primário e no ginásio*. São Paulo: Cultrix, [s.d].
- LUCCHESI, Marco (org.). *Caminhos do Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MAHAIRI, Ahmad S. *O caminho para o islamismo*. Trad. Mohamas A. Abou-Fares. Curitiba: Grafipar, 1977.
- \_\_\_\_\_, Ahmad S. *Biografia do profeta Mohammad*. Trad. Samir El Hayek. São Bernardo do Campo: Centro de divulgação do Islam para a América Latina, 1989.



- MANDEL, Gabriele. *Os noventa e nove nomes de Deus no Alcorão*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MANTRAN, Robert. *A expansão muçulmana: séculos VII-XI*. Trad. Trude Von Laschan Solstein. São Paulo: Pioneira, 1977.
- \_\_\_\_\_, Robert *As grandes datas do Islão*. Lisboa: Editorial Notícias, 1990.
- MEKSENAS, Paulo. *A produção do livro didático: sua relação com o estado, autor e editor*. Dissertação (mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP/FE, 1992.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Guia nacional de livros didáticos: 5. a 8. séries - PNL/D/2002*. Brasília: Ministério da Educação, 2001.
- MOHAMAD, Aminuddin. *Mohammad: o mensageiro de Deus*. São Bernardo do Campo: Centro de divulgação do Islam para a América Latina, 1989.
- MOLINA, Olga. *Quem engana quem: professor x livro didático*. São Paulo: Papyrus, 1987.
- MOURÃO, Ronaldo R.F. *Anuário de astronomia 2002*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NAWAWIYAH. *Los cuarenta hadices*. Trad. Nezar A. Al-sabbagd. Salimiah, Kuwait: Internacional Islamic Fderation of Student Organizations, 1989.
- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa. *O livro didático*. 3. ed. Revista e aumentada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- \_\_\_\_\_, João B. A. (org.) *A política do livro didático*/ João Batista A. Oliveira, Sônia D. P. Guimarães e Helena M. B. Bomény. Campinas: Summus, 1984.
- PAIVA, Vera (org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998.
- PUECH, Henri-Carles (org.). *Las religiones em el mundo contemporâneo y em el oriente próximo – II*. México: Siglo Veintiuno, 1986.
- QUTB, Said. *Las normas em el camino del islam*. Malásia: International Islamic Federation of Student Organizations, 1982.
- RAHAMAN, Fazlur. *O islamismo*. Lisboa: Arcádia, 1965.
- REVISTA CAROS AMIGOS. *Um sheikh na roda*. ed. 56. nov. São Paulo: Casa Amarela. 2001.
- REZNIK, Tânia. *O desenvolvimento do conceito de gene e sua apropriação nos livros didáticos de Biologia*. Dissertação (mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF/FE, 1995.

- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás R. Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCHILLING, Flávia I. *Estudos sobre a resistência*. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1991.
- SHOMALI, Muhaamad A. *Descubriendo el islam shi'ah*. Qum, Irã: Ansariyan publications, 2003.
- SHUON, Frithjof. *Compreender o Islão*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- SOURDEL, Dominique. *O Islão*. Mira-Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1949.
- TIRAZ: *revista de estudos árabes e das culturas do Oriente Médio*. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe. Centro de estudos árabes. Departamento de Letras Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Ano 1. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.
- ZARABOZO, Jamaal al-Din M. *A mensagem do Anjo Gabriel para a humanidade: os fundamentos do Islam*. Supervisão Abdelbagi S. Osman. Trad. Mônica Botafogo. Rio de Janeiro: Azaan, 2002.
- ZAKARIYA, Muhammad. *Fazaile-Ramadán: as virtudes do Ramadão*. Karachi, Paquistão: Zam Zam, 2001.
- \_\_\_\_\_, Muhammad. *Hikáyáte-sahabah: Histórias dos companheiros do profeta*. Karachi, Paquistão: Zam Zam, 2001.
- WILLIAMS, John A. *Islamismo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1994.

## ANEXO I

**Capítulo um: A abertura**

**Versículo 01:** *Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso,*

**Versículo 02:** *Louvado seja Allah, Senhor do Universo,*

**Versículo 03:** *O Clemente, o Misericordioso,*

**Versículo 04:** *Soberano do Dia do Juízo.*

**Versículo 05:** *Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda!*

**Versículo 06:** *Guia-nos à senda reta,*

**Versículo 07:** *À senda dos que agraciastes, não a dos abominados, nem à dos extraviados.*

**Capítulo dois: A Vaca**

**Versículo 31:** *Ele ensinou a Adão os nomes (de todas as coisas) e depois apresentou-os aos anjos e lhes falou: Nomeai-os para Mim se estiverdes certos.*

**Versículo 43:** *Praticai a oração, pagai o zakat e inclinai-vos, juntamente com os que se inclinam.*

**Versículo 125:** *Dizei: Cremos em Allah, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles, e a Ele nos submetemos.*

**Versículo 127:** *E quando Abraão e Ismael levantaram os alicerces da Casa, exclamaram: Ó Senhor nosso, permite que nos submetemos a Ti e que surja, da nossa descendência, uma nação submissa à Tua vontade. Ensina-nos os nossos ritos e absolve-nos, pois Tu és o Remissorio, o Misericordioso.*

**Versículo 132:** *Abraão legou esta crença a seus filhos, e Jacó aos seus, dizendo-lhes: Ó filhos meus, Allah vos legou esta religião; apegai-vos a ela, e não morrais sem serdes submissos (a Allah).*

**Versículo 136:** *Lembraí-vos que estabelecemos a Casa, para congresso e local de segurança para a humanidade; e adotai a Estância de Abraão por oratório. Estipulamos um pacto com Abraão e Ismael, dizendo-lhes: Purificai a minha Casa, para os circundantes (da Caaba), os retraídos, os que se inclinam e se prostam.*

---

<sup>342</sup> Os versículos abaixo citados constam em: *O significado dos Versículos do Alcorão Sagrado, op. cit.*

**Versículo 142:** *Os tolos dentre as pessoas perguntarão: Que foi que os desviou da sua tradicional quibla? Dize-lhes: Só Allah pertencem o levante e o poente. Ele encaminha à senda reta a quem lhe apraz.*

**Versículo 143:** *E, deste modo (ó muçulmanos), constituímo-vos em uma nação do centro, para que sejais testemunhas da humanidade, assim como o Mensageiro o-será para vós. Nós não estabelecemos a quibla que tu (ó Mohammad) seguia, senão para distinguir aqueles que seguem o Mensageiro, daqueles que desertam, ainda que tal mudança seja penosa, salvo para os que Allah orienta. E Allah jamais anularia a vossa obra, porque é Compassivo e Misericordioso para com a humanidade.*

**Versículo 144:** *Vimos-te (ó Mensageiro) orientar o rosto para o céu, portanto, orientar-te-emos até uma quibla que te satisfaça. Orienta teu rosto (ao cumprires a oração) para a Sagrada Mesquita (de Makka)! E vós (crentes), onde quer que vos encontréis, orientai vossos rostos até ela. Aqueles que receberam o Livro, bem sabem que isto é a verdade de seu Senhor; e Allah não está desatento a quanto fazem.*

**Versículo 145:** *Ainda que apresentes qualquer espécie de sinal ante aqueles que receberam o Livro, jamais adotarão tua quibla nem tu adotarás a deles; nem tampouco eles seguirão a quibla de cada um, mutuamente. Se te rendesses aos seus desejos, apesar do conhecimento que tens recebido, contar-te-ias entre os injustos.*

**Versículo 163:** *Vosso Deus é Um só. Não há mais divindade além dele, o Clemente, o Misericordioso.*

**Versículo 177:** *A virtude não consiste só em que orienteis vossos rostos até ao levante ou ao poente. A verdadeira virtude é a de quem crê em Allah, no Dia do Juízo Final, nos anjos, no Livro e nos profetas; de quem distribuiu seus bens em caridade, apesar de gostar deles, entre parentes, órfãos, necessitados, viajantes, mendigos e em resgate de cativos (escravos). Aqueles que observam a oração, pagam o zakat, cumprem os compromissos contraídos, são pacientes na miséria e na adversidade, ou durante os combates, esses são os verazes, e esses são os tementes (a Allah).*

**Versículo 180:** *Está-vos prescrito que quando a morte se apresentar a algum de vós, se deixar bens, que faça testamento equitativo em favor de seus pais e parentes; este é um dever dos que temem a Allah.*

**Versículo 182:** *Mas quem, suspeitando parcialidade ou injustiça da parte do testador, emendar o testemunho para reconciliar as partes, não será recriminado, porque Allah é Indulgente, Misericordioso.*

**Versículo 185:** *O mês de Ramadan foi o mês em que foi revelado o Alcorão, orientação para a humanidade e evidência de orientação e Discernimento. Por conseguinte, quem de vós presenciar o novilúnio deste mês deverá jejuar; porém que se achar enfermo ou em viagem jejuará, depois, o mesmo número de dias. Allah vos deseja a comodidade e não a dificuldade, mas cumpri o número (de dias), e glorificai a Allah por ter-vos orientado, a fim de que (Lhe) agradeçais.*

**Versículo 187:** *Está-vos permitido, nas noites do jejum, acercar-vos de vossas mulheres, porque elas são vossas vestimentas e vós sois delas. Allah sabe o que vós*

*fazíeis secretamente; porém, absolve-vos e vos perdoa. Acercai-vos agora delas e desfrutai do que Allah vos prescreveu. Comei e bebei até à alvorada, quando puderdes distinguir o fio branco do fio negro. Retornai, então, ao jejum, até ao anoitecer, e não vos acerqueis delas enquanto estiverdes retrai-vos nas mesquitas. Tais são as normas de Allah; não as transgridais de modo algum. Assim Allah elucida os Seus versículos aos humanos, a fim de que O temam.*

**Versículo 196:** *Cumpri a peregrinação e 'umra, para Allah. Porém, se fordes impedidos disso, dedicai uma oferenda do que vos seja possível, e não coteis vossas cabelos até que a oferenda tenha alcançado o lugar de destinado ao seu sacrifício. Quem de vós se encontra enfermo, ou sofrer de alguma infecção na cabeça, redimir-se-á mediante o jejum, a caridade ou a oferenda. Entretanto, em condição de saúde, aquele que realizar a 'umra antes da peregrinação, deverá fazer uma oferenda daquilo que possa. E quem não estiver em condições de fazê-lo, deverá jejuar três dias, durante a peregrinação, e sete, depois do seu regresso, totalizando dez dias. Isto é para aquele que não reside próximo ao recinto da Mesquita sagrada. Temei a Allah e sabeí que é Severíssimo no castigo.*

**Versículo 216:** *Está-vos prescrita a luta (pela causa de Allah), embora a repudieis. É possível que repudieis algo que seja um bem para vós e, quiçás, gosteis de algo que vos seja prejudicial; todavia, Allah sabe, e vos ignorais.*

**Versículo 219:** *Interrogam-te a respeito da bebida inebriante e do jogo de azar; dize-lhes: Em ambos há benefícios e malefícios para o homem; porém, os seus malefícios são maiores do que os benefícios. Perguntam-te o que devem gastar (em caridade). Dize-lhes: Gastai o que sobrar das vossas necessidades. Assim Allah vos elucida os Seus versículos, a fim de que mediteis.*

**Versículo 256:** *Não há imposição quanto a religião porque já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Allah, ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Allah é Oniouvinte, Sapientíssimo.*

**Versículo 275:** *Os que praticam a usura serão ressuscitados como aquele que foi perturbado por Satanás; isso, porque disseram que a usura é o mesmo que o comércio; no entanto, Allah consente o comércio e veda a usura. Mas, quem tiver recebido uma exortação do seu Senhor e se abster, será absolvido quanto ao passado, e seu julgamento só caberá a Allah. Por outro lado, aqueles que reincidirem, serão condenados ao Inferno, onde permanecerão eternamente.*

**Versículo 282:** *Ó crentes, quando contraídes uma dívida por tempo pré-fixado, documentai-a; e que um escriba, na presença de ambas as partes, ponha-a fielmente por escrito; que nenhum escriba se negue a escrever, como Allah ensinou. Que o devedor dite, e que tema a Allah, seu Senhor, e nada omita dele (o contrato). Porém, se o devedor for deficiente, ou inapto, ou estiver incapacitado de ditar, que seu procurador dite fielmente (por ele). Chamai duas testemunhas masculinas dentre os vossos ou, na falta destas, um homem e duas mulheres de vossa preferência, porque, se uma delas se esquecer, a outra a recordará (para a evidência). Não desdenheis documentar a dívida, seja pequena ou grande, até ao seu vencimento. Este proceder é mais equitativo aos olhos de Allah, o mais válido para o testemunho e o mais adequado para evitar dúvidas entre vós. Tratando-se de comércio determinado, feito de mão em*

*mão, não incorreis em falta se não o documentardes. Apelai para testemunhas quando mercadejardes, e que o escriba e as testemunhas não sejam prejudicados; se os prejudicardes, cometereis delito. Temei a Allah e Ele vos instruirá, porque é Onisciente.*

### Capítulo três: A família de Imran

**Versículo 15:** *Dize (ó Profeta): Poderia anunciar-vos algo melhor do que isto? Para os que temem a Allah haverá, ao lado do seu Senhor, jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente, junto a companheiros puros, e obterão a complacência de Allah, porque Allah é Observador dos Seus servos,*

**Versículo 19:** *Para Allah a religião é o Islam. E os adeptos do Livro só discordaram por inveja, depois que a verdade foi revelada. Porém, quem nega os versículos de Allah, saiba que Allah é Destro em ajustar contas.*

**Versículo 67:** *Abraão jamais foi judeu nem cristão; foi, outrossim, monoteísta, muçulmano, e nunca se contou entre os idólatras.*

**Versículo 85:** *Quem quer que siga outra religião, que não seja o Islam, (ela) jamais será aceita e, no Outro Mundo, contar-se-á entre os desventurados.*

**Versículo 96:** *A primeira Casa (Sagrada), erigida para o gênero humano, é a de Bakka, bendita, servindo de orientação para a humanidade.*

**Versículo 144:** *Mohammad não é senão um Mensageiro, a quem outros mensageiros precederam. Porventura, se morresse ou fosse morto, voltaríeis à incredulidade? Mas quem voltar a ela em nada prejudicará Allah; e Allah recompensará os agradecidos.*

### Capítulo quatro: As mulheres

**Versículo 03:** *Se temerdes ser injustos no trato com os órfãos, podereis desposar duas, três ou quatro das que vos aprouver, entre as mulheres. Mas, se temerdes não poder ser eqüitativos para com elas, casai, então, com uma só, ou conformai-vos com as que vossas mãos direitas possuem. Isso é o mais adequado, para evitar que cometais injustiças.*

**Versículo 15:** *Quanto aquelas, dentre vossas mulheres, que tenham incorrido em adultério, apelai para quatro testemunhas, dentre os vossos e, se estas o confirmarem, confinai-as em suas casas, até que lhes chegue a morte ou que Allah lhes trace um novo destino.*

**Versículo 16:** *E àqueles, dentre vós, que cometerem adultério (homens e mulheres), puni-os; porém, caso se arrependam e se corrijam, deixai-os tranqüilos, porque Allah é Remissório, Misericordioso.*

**Versículo 17:** *O perdão de Allah recai sobre aqueles que cometem um mal, por ignorância, e logo se arrependem. A esses, Allah absolve, porque é Sapiente, Prudentíssimo.*

**Versículo 18:** *O perdão não alcançará aqueles que cometem o mal até à aproximação da hora da morte alcance algum deles e, nessa hora, diga: Agora me arrependo. E tampouco alcançará os que morrerem na incredulidade, pois para eles destinamos um doloroso castigo.*

**Versículo 22:** *Não vos caseis com as mulheres que desposaram os vossos pais – salvo fato consumado (anteriormente) – porque é uma obscenidade, uma abominação e um péssimo exemplo.*

**Versículo 23:** *Está-vos vedado casar com: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, vossas tias paternas e maternas, vossas sobrinhas, vossas nutrizes, vossas irmãs de leite, vossas sogras, vossas enteadas que estão sob vossa tutela – filhas das mulheres com quem tendes coabitado; porém, se não houverdes tido relações com as mães, não sereis recriminados por desposá-las. Também vos está vedado casar com as vossas noras, esposas dos vossos filhos carnais, bem como unir-vos, em matrimônio, com duas irmãs – salvo fato consumado (anteriormente) -; sabeí que Allah é Indulgente, Misericordioso.*

**Versículo 29:** *Ó crentes, não consumais reciprocamente os vossos bens, ilegalmente; que haja comércio de mútuo consentimento e não cometais suicídio, porque Allah é Misericordioso para convosco.*

**Versículo 36:** *Adorai a Allah e não lhe atribuais parceiros. Tratai com benevolência os vossos pais e parentes, os órfãos, os necessitados, o vizinho próximo, o vizinho estranho, o companheiro de lado, o viajante e os vossos servos, porque Allah não estima arrogante e pretensioso algum.*

**Versículo 74:** *Que combatam pela causa de Allah aqueles dispostos a sacrificar a vida terrena pela futura, porque a quem combater pela causa de Allah, quer sucumba, quer vença, concederemos magnífica recompensa.*

**Versículo 75:** *E o que vos impede de combater pela causa de Allah e dos indefesos, homens, mulheres e crianças? Que dizem: Ó Senhor nosso, tira-nos desta cidade (Makka), cujos habitantes são opressores. Designa-nos, da Tua parte um protetor e um socorredor!*

**Versículo 116:** *Allah jamais perdoará quem Lhe atribuir parceiros, conquanto perdoe outros pecados a quem Lhe apraz. Quem atribuir parceiros a Allah desviar-se-á profundamente.*

**Versículo 124:** *Aqueles que praticarem o bem, sejam homens ou mulheres, e forem crentes, entrarão no Paraíso e não serão prejudicados, no mínimo que seja.*

**Versículo 157:** *E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Allah, embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o crucificaram, mas o confundiram com outro. E aqueles que discordam quanto a isso estão na dúvida, porque não possuem conhecimento algum.*



**Versículo 164:** *E enviamos alguns mensageiros, que te mencionamos, e outros, que não te mencionamos; e Allah falou a Moisés diretamente.*

#### Capítulo cinco: A mesa servida

**Versículo 05:** *Hoje, estão-vos permitidas todas as coisas sadias, assim como vos é lícito o alimento dos que recebem o Livro, da mesma forma que o vosso é lícito para eles. Está-vos permitido casardes com as castas, dentre as crentes, e com as castas, dentre aquelas que receberam o Livro antes de vós, contanto que as adotei e passeis a viver com elas licitamente, não dasatinadamente, nem as tomando como companheiras secretas. Quanto àquele que renegar a fé, sua obra tornar-se-á sem efeito, e ele se contará, no Outro Mundo, entre os desventurados.*

**Versículo 06:** *Ó crentes, sempre que vos dispuserdes a observar a oração, lavai o rosto, as mãos e os braços até os cotovelos; esfregai a cabeça, com as mãos molhadas e lavai os pés, até os tornozelos. E quando estiverdes polutos, higienizai-vos; porém, se estiverdes enfermos ou em viagem, ou tendes satisfeito um desejo da natureza, ou tiverdes tocado as mulheres, sem encontrardes água, servi-vos do tayamum com terra limpa, e esfregai com ela os vossos rostos e mãos. Allah não deseja impor-vos carga alguma; poirém, se quer purificar-vos e agraciar-vos, é para que Lhe agradeçais.*

**Versículo 22:** *Disseram-lhe: Ó Moisés, dominam-na homens poderosos, e nela não poderemos entrar, a menos que a abandonem. Se a abandonarem, então entraremos.*

**Versículo 32:** *De sorte prescrevemos aos israelitas que quem matar uma pessoa, sem que esta tenha cometido homicídio ou semeado a corrupção na terra, será considerado como se tivesse assassinado toda a humanidade; quem a salvar, será reputado como se tivesse salvo toda a humanidade. Apesar dos Nossos mensageiros lhes apresentarem as evidências, a maioria deles comete transgressões na terra.*

**Versículo 38:** *Quando ao ladrão e à ladra, decepai-lhes a mão, como castigo de tudo quanto tenham cometido; é um castigo exemplar de Allah, porque Allah é Poderoso, Prudentíssimo.*

**Versículo 90:** *Ó crentes, as bebidas inebriantes, os jogos de azar, (a cultuação aos) alteres de pedra e as adivinhações com setas, são manobras abomináveis de satanás. Evitai-as, pois, para que prospereis.*

#### Capítulo seis: O gado

**Versículo 18:** *Ele é o Soberano absoluto dos Seus servos e Ele é o Omisciente, o prudentíssimo.*

**Versículo 19:** *Pergunta: Qual é o testemunho mais fidedigno? Dize: Allah é a Testemunha entre vós e mim. Este Alcorão foi-me revelado, para com ele admoestar a vós e àqueles que ele alcançar. Ousareis admitir que existem outras divindades conjuntamente com Allah? Dize: Eu não as reconheço. Dize ainda: Ele é um só Deus e eu estou livre dos parceiros que lhe atribuí.*

**Versículo 85:** *E Zacarias, Yáhia (João), Jesus e Elias, pois todos eles se contavam entre os virtuosos.*

**Versículo 86:** *E Ismael, Eliseu, Jonmas e Lot, cada um dos quais preferimos sobre os seus contemporâneos.*

**Versículo 133:** *Teu Senhor é, na Sua opulência, Misericordioso; e, se Ele quisesse, farvos-ia desaparecer e vos suplantaria por outros, tal como vos criou posteridade de outros povos.*

**Versículo 161:** *Dize: Meu Senhor conduziu-me pela senda reta – uma religião inatacável; este é o credo de Abraão, o monoteísta, que jamais se contou entre os idólatras.*

**Versículo 162:** *Dize: Minhas orações, minhas devoções, minha vida e minha morte pertencem a Allah, Senhor do universo,*

**Versículo 164:** *Dize ainda: Como poderia eu adorar outro senhor que não fosse Allah, uma vez que Ele é o Senhor de todas as coisas? Nenhuma alma receberá outra recompensa que não for a merecida, e nenhum pecador arcará com culpas alheias. Então, retornareis ao vosso Senhor, o Qual vos inteirará de vossas divergências.*

#### Capítulo sete: Os cimos

**Versículo 33:** *Dize: Meu Senhor vedou as obscenidades, manifestas ou íntimas; o delito; a agressão injusta; o atribuir parceiros a Ele, a quem Ele não deu autoridade a que digais d'Ele o que ignorais.*

**Versículo 73:** *Ao povo de Samu enviamos seu irmão, Sáleh, que lhes disse: Ó povo meu, adorai a Allah, porque não tereis outra divindade além d'Ele. Chegou-vos a evidência do vosso Senhor. Ei-la aqui: a camela de Allah, que é um sinal para vós; deixai-a pastar nas terras de Allah e não a maltrateis, porque vós açoiará um doloroso castigo.*

**Versículo 157:** *São aqueles que seguem o mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Tora e seu Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e lhes proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o imundo, alivia-vos dos seus fardos e livra-os dos grilhões que os deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados.*

**Versículo 158:** *Dize: Ó humanos, sou o Mensageiros de Allah, para todos vós; Seu é o reino dos céus e da terra. Não há mais divindade além d'Ele. Ele é Quem dá a vida e a morte! Crede, pois, em Allah e em seu Mensageiro, o Profeta iletrado, que crê em Allah e nas Suas palavras; segui-o para que vos encaminheis.*

## Capítulo oito: Os espólios

**Versículo 01:** *Perguntar-te-ão sobre os espólios. Dize: Os espólios pertencem a Allah e ao Mensageiro. Temei, pois, a Allah, e reconciliai entre vós; obedecei a Allah e ao Seu Mensageiro, se sois crentes.*

**Versículo 30:** *Recorda-te (ó Mensageiro) de quando os incrédulos conspiraram contra ti, para aprisionar-te, ou matar-te, ou expulsar-te. Conspiraram entre si, mas Allah desbaratou-lhes os planos, porque é o mais duro dos desbaratadores.*

**Versículo 31:** *Quando lhes são recitados os Nossos versículos, dizem: Já ouvimos e, se quiséssemos, poderíamos repetir outros iguais, porque não são senão fábulas dos primitivos!*

**Versículo 32:** *E de quando disseram: Ó Allah, se esta é realmente a verdade que emana de Ti, faze com que caiam pedras do céu sobre nós, ou inflige-nos um doloroso castigo.*

**Versículo 33:** *Porém, é inconcebível que Allah os castigue, estando tu entre eles; nem tampouco Allah os castigará enquanto puderem implorar por perdão.*

**Versículo 34:** *E por Allah não há de castigá-los, sendo que impedem a entrada (dos crentes) na sagrada Mesquita, apesar de não serem os seus guardiães? Ninguém o é, a não ser os tementes; porém, a maioria deles o ignora.*

**Versículo 35:** *A sua oração, na Casa, se reduz aos silvos e ao estalar de mãos. (a única resposta para eles é) Sofrei, pois, o castigo, por vossa incredulidade.*

**Versículo 36:** *Eis que os incrédulos gastam as suas riquezas, para desviarem (os crentes) as senda de Allah. Porém, gastá-las-ão (completamente), e isso será a causa da sua angústia; então, serão vencidos. Os incrédulos serão congregados para o inferno.*

**Versículo 60:** *Mobilizai todo poder que dispuserdes, em armas e cavalaria, para intimidardes, com isso, o inimigo de Allah e vosso, e se intimidarem ainda outros que não conheceis, mas que Allah bem conhece. Tudo quanto investirdes na causa de Allah, ser-vos-á retribuído e não sereis injustiçados.*

**Versículo 61:** *Se eles se inclinam à paz, inclina-te tu também a ela, e encomenda-te a Allah, porque Ele é o Oniouvinte, o Sapiantíssimo.*

## Capítulo nove: O arrependimento

**Versículo 29:** *Combateis aqueles não crêem em Allah e no Dia do Juízo Final, nem se abstêm do que Allah e Seu mensageiro proibiram, e nem professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro, até que paguem, de bom grado, a jizya e se sintam submissos.*

### Capítulo dez: Jonas

**Versículo 47:** *Cada povo teve seu mensageiro; e quando seu mensageiro se apresentar, todos serão julgados eqüitativamente e não serão injustiçados.*

**Versículo 98:** *Se o povo de uma única cidade cresse, sua crença ser-lhe-ia benéfica, pois quando o povo de Yunis (Jonas) acreditou, liberamo-lo do castigo da desonra na vida terrena e o agradecemos temporariamente.*

### Capítulo onze: Hud

**Versículo 53:** *Responderam-lhe: Ó Hud, não tens apresentado nenhuma evidência, e jamais abandonaremos os nossos deuses pela tua palavra, em em ti creremos.*

**Versículo 123:** *A Allah pertence o mistério dos céus e da terra, e a Ele retornarão todas as coisas. Adora-O, pois, e confia n'Ele, porque teu Senhor não está desatento de tudo quanto fazeis!*

### Capítulo doze: Youssif

**Versículo 01:** *Alef, Lam, Ra. Eis aqui os versículos do Livro esclarecedor.*

**Versículo 02:** *Revelamo-lo como um Alcorão árabe, para que raciocineis.*

**Versículo 03:** *Nós te relatamos de melhor maneira as narrativas (do passado), ao inspirar-te este Alcorão, se bem que antes disso eras um dos desatentos.*

**Versículo 04:** *Recorda-te de quando José disse a seu pai: Ó pai, vi, em sonho, onze estrelas, o sol e a lua; vi-os prostrando-se ante mim.*

**Versículo 07:** *Na história de José e de seus irmãos há exemplos para os que procuram (a verdade).*

### Capítulo treze: O trovão

**Versículo 14:** *Somente a Ele são dirigidas as súplicas verdadeiras, e aqueles os quais invocam, em vez d'Ele, em nada os atenderão; são semelhantes a quem estende a mão até a água, para que a mesma lhe suba à boca, coisa que jamais acontecerá. Sabei que a súplica dos incrédulos é sem valia.*

**Versículo 22:** *E que perseveram no anseio de contemplar o Rosto de seu Senhor, observam a oração e fazem caridade, privativa ou manifestadamente, daquilo com que os agradamos, e retribuem o mal com o bem; estes obterão a Última Morada.*

**Versículo 37:** *Deste modo temos revelado, para que seja um código, em língua árabe. E se te renderes às suas ganâncias, depois de teres recebido a ciência, não terás protetor, nem defensor, em Allah.*

## Capítulo dezesseis: As abelhas

**Versículo 71:** *Allah favoreceu, com a sua mercê, uns mais do que os outros; porém, os favorecidos não repartem os seus bens com os seus servos, para que com isso sejam iguais. Desagradarão, acaso, as mercês de Allah?*

**Versículo 72:** *Allah vos designou esposas de vossas espécies, e delas vos concedeu filhos e netos, e vos agraciou com todo o bem; crêem, porventura, na falsidade e descrêem das mercês de Allah?*

**Versículo 73:** *E adoram, em vez de Allah, os que não podem proporcionar-lhes nenhum sustento, nem dos céus, nem da terra, por não terem poder para isso.*

**Versículo 89:** *Recorda-lhes o dia em que faremos surgir uma testemunha de cada povo para testemunhar contra os seus, e te apresentaremos por testemunha contra os teus. Temos-te revelado, pois, o Livro, que é uma explanação de tudo, é orientação, misericórdia e boas novas para os muçulmanos.*

**Versículo 103:** *Bem sabemos que dizem: Foi um ser humano que lho ensina (o Alcorão a Mohammad). Porém, o idioma daquele a quem aludem tê-lo ensinado é a não árabe, enquanto que a deste (Alcorão) é a elucidativa língua árabe.*

## Capítulo dezessete: A viagem noturna

**Versículo 78:** *Praticai a oração, desde o declínio do sol até a chegada da noite, e a recitação da alvorada porque a recitação da alvorada é sempre testemunhada.*

**Versículo 79:** *E pratica, durante a noite, orações voluntárias; talvez assim teu Senhor te conceda uma posição louvável.*

**Versículo 93:** *Ou que possuas uma casa adornada com ouro, ou que escales o céu, pois jamais creremos na tua ascensão, até que nos apresente um livro que possamos ler. Dize-lhes: Glorificado seja o meu Senhor! Sou, porventura, algo mais do que um Mensageiro humano?*

## Capítulo dezenove: Maria

**Versículo 12:** *(Foi dito): Ó Yahia, observa fervorosamente o Livro! E o agradamos, na infância, com a sabedoria,*

**Versículo 56:** *E menciona, no Livro, (a história de ) Idris, porque foi veraz, e um profeta.*

## Capítulo vinte: Taha

**Versículo 79:** *Somente o vosso Deus é Allah. Não há mais divindades além d'Ele! Sua sapiência abrange tudo!*

**Versículo 90:** *Aarão já lhes havia dito: Ó povo meu, com isto vós somente fostes tentados; sabeí que vosso Senhor é o Clemente. Segui-me, pois, e obedecei a minha ordem!*

#### **Capítulo vinte e um: Os profetas**

**Versículo 81:** *E submetemos Salomão o vento impetuoso, que caminha a seu capricho, para a terra que Nós abençoamos, porque somos Onisciente.*

#### **Capítulo vinte e dois: A peregrinação**

**Versículo 26:** *E (recorda) de quando indicamos a Abraão o local da Casa, dizendo: Não me atribuas parceiros, mas consagra a Minha Casa para os circungirantes, para os que permanecem em pé, ou inclinados e prostrados.*

**Versículo 27:** *E proclama a peregrinação às pessoas; elas virão a ti a pé, e montando toda espécie de camelos, de todo o longínquo lugar.*

**Versículo 39:** *Ele permitiu o combate aos (crentes) que foram injustiçados; em verdade, Allah é poderoso para socorrer-los.*

**Versículo 40:** *São aqueles que foram expulsos injustamente dos seus lares, só porque disseram: Nosso Senhor é Allah! E se Allah não tivesse refreado os instintos malignos de uns em relação aos outros, teriam sido destruídos mosteiros, igrejas, sinagogas e mesquitas, onde o nome de Allah é freqüentemente celebrado. Sabei que Allah socorrerá quem O socorrer, em Sua causa, porque é Forte, Poderosíssimo.*

**Versículo 78:** *E combatei com disciplina e sinceridade pela causa de Allah; Ele vos elegeu. E não vos impôs dificuldade alguma quanto a religião, porque é o credo de vosso pai, Abraão. Ele vos denominou muçulmanos, antes deste e neste (Alcorão), para que o Mensageiro seja testemunha vossa, e para que sejais testemunhas dos humanos. Observai, pois, a oração, pagai o zakat e apegai-vos a Allah, Que é vosso Protetor. E que excelente Protetor! E que excelente Socorredor!*

#### **Capítulo vinte e quatro: A luz**

**Versículo 31:** *Dize às crentes que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atributos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atributos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, que suas mãos direitas possuem, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para chamarem a atenção sobre seus atributos ocultos. Ó crentes, voltaí-vos todos, arrependidos, a Allah, a fim de que vos salveis!*

### Capítulo vinte e sete: As formigas

**Versículo 54:** *E recorda Lot, quando disse a seu povo: Cometeis a obscenidade com convicção?*

### Capítulo vinte e oito: As narrativas

**Versículo 62:** *Recorda-lhes o dia em que (Allah) os convocará e lhes dirá: Onde estão os parceiros que pretendestes atribuir-Me?*

### Capítulo vinte e nove: A aranha

**Versículo 36:** *E enviamos aos madinitas seu irmão, Xu'aib (Jetro), que lhes disse: Ó povo meu, adorai a Allah, temeí o Dia do Juízo Final, e não injurieis na terra, corrompendo-a!*

### Capítulo trinta e três: Os partidos

**Versículo 05:** *Dai-lhes os nomes dos seus verdadeiros pais; isto é mais eqüitativo ante Allah. Contudo, se não lhes conheceis os pais, sabeí que eles são vossos irmãos, na religião, e vossos tutelados. Porém, se equivocardes, não sereis recriminados; (o que conta) são as intenções dos vossos corações; sabeí que Allah é Indulgente, Misericordioso.*

**Versículo 21:** *Realmente, tende no Mensageiro de Allah um excelente exemplo para aqueles que têm esperança em Allah e no Dia do Juízo Final, e invocam Allah freqüentemente.*

**Versículo 28:** *Ó Profeta, dize a tuas esposas: Se ambicionardes a vida terrena e as suas ostentações, vinde! Prover-vos-ei e dar-vos-ei a liberdade, da melhor forma possível.*

**Versículo 36:** *Não é dado ao crente, nem a crente, agir conforme seu arbitrio, quando é Allah e Seu Mensageiro que decidem o assunto. Sabeí que quem desobedecer a Allah e ao Seu Mensageiro desviar-se-á evidentemente.*

**Versículo 37:** *Recorda-te de quando disseste àquele a quem Allah agraciou, e tu favoreceste: Permanece com tua esposa e teme a Allah!, ocultando em teu coração o que Allah ia te revelar; temais, acaso, as pessoas, quando Allah tem mais direito que O temas? Porém, quando Ziad divorciou-se dela, Nós, a juntamos em casamento a ti, a fim de que os crentes não tivessem inconvenientes em contrair matrimônio com as esposas de seus filhos adotivos, sempre que estes se divorciarem delas; e fica sabendo que o mandamento de Allah deve ser cumprido.*

**Versículo 40:** *Em verdade. Mohammad não é o pai de nenhum de vossos homens, mas sim o Mensageiro de Allah e o derradeiro dos profetas; sabeí que Allah é Onisciente.*

**Versículo 50:** *Ó Profeta, em verdade, tornamos lícitas, para ti as esposas que tenhas dotado, assim como as que a tua mão direita possui – que Allah tenha feito cair em tuas mãos -, as filhas de teus tios e tuas tias paternas, as filhas de teus tios e tuas tias maternas, que migraram contigo, bem como toda a mulher crente que se oferecer ao Profeta, por gosto, e uma vez que o Profeta queira desposa-la; este é um privilégio exclusivo teu, vedado aos demais crentes. Bem sabemos o que lhes impusemos -(aos demais), em relação às suas esposas e às que suas mãos direitas possuem, a fim de que não haja inconveniente algum para ti. E Allah é Indulgente, Misericordioso.*

**Versículo 51:** *Podes prescindir (quando da vez) delas, as que desejardes e tomar as que te agradam; e se desejardes tomar de novo a qualquer delas que tiveres prescindido (quando da vez dela), não terás culpa alguma. Esse proceder será sensato para que se refresquem seus olhos, não se aflijam e se satisfaçam com o que tiveres concedido a todas, pois, Allah sabe o que encerram os vossos corações; e Allah, é Tolerante, Sapientíssimo.*

**Versículo 52:** *Além dessas não te será permitido casares com outras, nem trocá-las por outras mulheres, ainda que suas belezas te encantarem, com exceção das que a tua mão direita possui. E Allah é Observador de tudo.*

#### **Capítulo trinta e quatro: Sabá**

**Versículo 10:** *Agraciamos Davi com a Nossa mercê (e dissemos): Ó montanhas, ó pássaros, repeti com ele os louvores a Allah. E lhe fizemos maleável o ferro.*

**Versículo 13:** *Executaram para ele, tudo quanto desejava: arcos, estátuas, grandes vasilhas como reservatórios, e fixas caldeiras de cobre. E (dissemos): Trabalhai, ó familiares de Davi, com agradecimento! Quão poucos são os agradecidos, entre Meus servos!*

**Versículo 28:** *E não te enviamos, senão como universal (Mensageiro), alvissareiro e admoestador para os humanos; porém, a maioria dos humanos o ignora.*

#### **Capítulo trinta e cinco: O criador**

**Versículo 01:** *Louvido seja Allah, Criador dos céus e da terra, Que fez dos anjos mensageiros, dotados de dois, três ou quatro pares de asas; aumenta a criação conforme Lhe aprez, porque Allah é Onipotente.*

**Versículo 02:** *A misericórdia com que Allah agracia o homem ninguém pode obstruir, e tudo quanto restringe ninguém pode prodigalizar, à parte d'Ele, porque é o Poderoso, o Prudentíssimo.*



### Capítulo trinta e seis: Yá sin

**Versículo 55:** *Em verdade, hoje os diletos do Paraíso estarão em júbilo.*

### Capítulo trinta e sete: Os enfileirados

**Versículo 113:** *E o abençoamos, a ele e a Isaac. Mas entre os seus descendentes há benfeitores, e outros que são verdadeiros injustos para consigo mesmos.*

**Versículo 123:** *E também Elias foi um dos mensageiros.*

### Capítulo trinta e oito: A letra sad

**Versículo 41:** *E recorda-te do Nosso servo, Jô, que se queixou ao seu Senhor, dizendo: Satanás me aflige com a desventura e o sofrimento!*

**Versículo 48:** *E recorda Ismael, Eliseu e Ezequiel, uma vez que todos se contavam entre os preferidos.*

**Versículo 65:** *Dize-lhes: Sou apenas um admoestador, não há mais divindade além de Allah, o Único, o Irresistível.*

### Capítulo trinta e nove: Os grupos

**Versículo 20:** *Porém, os que temerem a seu Senhor terão mansões sobre os quais haverá outras mansões, abaixo dos quais correm os rios. Tal é a promessa de Allah, e Allah jamais falta à (Sua) promessa!*

### Capítulo quarenta: O remissório

**Versículo 78:** *Antes de ti, havíamos enviado mensageiros; as histórias de alguns deles te temos relatado, e há aqueles dos quais nada te relatamos. E a nenhum mensageiro é dado apresentar sinal algum, senão com o beneplácito de Allah. Porém, quando a ordem de Allah chegar, será executada com equidade, e então os difamadores estarão perdidos.*

### Capítulo quarenta e dois: A consulta

**Versículo 07:** *E assim te revelamos um Alcorão árabe para que admoestes a Mãe das metrópoles e tudo ao seu redor; admoesta-os, portanto, quanto ao dia indubitável do comparecimento, em que uma parte (da humanidade) estará no Paraíso e outra no Fogo abrasador.*

**Versículo 22:** *Verás os injustos, atemorizados pelo que tiverem cometido, quando (o castigo) lhes estiver iminente. Por outra, os crentes, que praticarem o bem, morarão*

*nos viçosos prados; terão tudo quanto lhes aprouber junto ao seu Senhor. Tal será a magnífica graça!*

#### **Capítulo quarenta e três: Os ornamentos**

**Versículo 68:** *Ó servos Meus, hoje não sereis presas do temor, nem vos entritecereis!*

**Versículo 72:** *Eis aí o Paraíso, que herdastes por vossas boas ações,*

#### **Capítulo quarenta e quatro: A fumaça**

**Versículo 53:** *Vestir-se-ão de seda e brocado, recostados frente a frente.*

#### **Capítulo quarenta e cinco: O genuflexo**

**Versículo 36:** *Louvido seja Allah, Senhor dos céus e da Terra, Senhor do Universo!*

#### **Capítulo quarenta e seis: As dunas**

**Versículo 15:** *E recomendamos ao homem benevolência para com seus pais. Com dificuldade, sua mãe o carrega durante a sua gestação e, posteriormente, com dificuldade lhe dá à luz. E da sua concepção até à sua ablactação há um espaço de trinta meses, quando alcança a puberdade e, depois, ao atingir quarenta anos, diz: Ó Senhor meu, inspira-me, para agradecer-Te as mercês com que me agraciaste, a mim e aos meus pais, para praticarmos o bem que Te compraz, e faz com que minha prole seja virtuosa. Em verdade, converto-me a ti, e sou um dos muçulmanos.*

#### **Capítulo quarenta e sete: Muhammad**

**Versículo 02:** *Outrossim, quanto aos crentes, que praticam o bem e crêem no que foi revelado a Mohammad- esta é a verdade do seu Senhor – Allah absolverá as suas faltas e lhes melhorará as condições.*

**Versículo 15:** *eis aqui uma descrição do Paraíso que foi prometido aos crentes: Lá há rios de águas impolúvel; rios de leite de sabor inalterável; rios de vinho deleitante para os que bebem; e rios de mel purificado; ali terão toda a classe de frutos, com a indulgência do seu Senhor. Poderá isto equiparar-se ao castigo daqueles que permanecerão eternamente no fogo, a quem será dada a abeber água fervente, a qual lhes dilacerará as entranhas?*

#### **Capítulo quarenta e oito: O triunfo**

**Versículo 08:** *Em verdade, enviamos-te por testemunha, alvissareiro e admoestador.*

**Versículo 17:** *Não terá culpa o cego, o coxo, o enfermo. Quanto àquele que obedecer a Allah e ao Seu Mensageiro, Ele o introduzirá em jardins, abaixo dos quais correm rios; por outra, quem desdenhar, será castigado dolorosamente.*

**Versículo 22:** *Mohammad é o Mensageiro de Allah e, aqueles que estão com eles são serveros para com os incrédulos, porém compassivos entre si. Vê-los-às genuflexos, prostrados, anelando a graça de Allah e a Sua complacência. Seus rostos estarão marcados com traços de prostração. Tal é o exemplo na Tora e no Evangelho, como a semente que brota, se desenvolve e se robustece, e se firma em seus talos, compraz aos semeadores, para irritar os incrédulos. Allah prometeu aos crentes, que praticam o bem, a indulgência e uma magnífica recompensa.*

#### **Capítulo quarenta e nove: Os aposentos**

**Versículo 13:** *Ó humanos, em verdade, Nós vos criamos de macho e fêmea e vos dividimos em povos e tribos, para reconhecerdes uns aos outros. Sabei que o mais honrado, dentre vós, ante Allah, é o mais temente. Sabei que Allah é sapientíssimo e está bem inteirado.*

#### **Capítulo cinqüenta e dois: O monte**

**Versículo 21:** *E aqueles que creram, bem como as suas proles, que os seguirem na fé, reuni-los-emos às suas famílias, e não os privaremos de nada, quanto à sua recompensa merecida. Todo o indivíduo será responsável pelos seus atos!*

**Versículo 22:** *E os proveremos de frutas e carnes, bem como do que lhes apetecer.*

#### **Capítulo cinqüenta e cinco: O Clemente**

**Versículo 54:** *Estarão reclinados sobre almofadas forradas de brocado, e os frutos de ambos os jardins estarão ao (seu) alcance.*

#### **Capítulo cinqüenta e seis: O evento inevitável**

**Versículo 01:** *Quando acontecer o evento Inevitável,*

**Versículo 02:** *Ninguém poderá negar o seu advento,*

**Versículo 03:** *Degradante (para uns) e exultante (para outros).*

**Versículo 15:** *Estarão (os do primeiro) sobre leitos incrustados (com ouro e pedras preciosas),*

**Versículo 16:** *Reclinados neles, frente a frente,*

**Versículo 17:** *Onde serão servidos por jovens (de frescores) imortais.*

**Versículo 18:** *Com taças, jarras e ânforas, cheias de néctares (provindos dos mananciais celestes),*

**Versículo 19:** *Que não lhes provocará a enxaqueca, nem a intoxicação.*

**Versículo 20:** *E (também lhes serão servidas) as frutas de sua predileção,*

**Versículo 21:** *E carne das aves que lhes apeteçam,*

**Versículo 22:** *Em companhia de huris, de cândidos olhares,*

**Versículo 23:** *Semelhantes a pérolas bem guardadas,*

**Versículo 24:** *Em recompensa por tudo quanto houverem feito.*

**Versículo 25:** *Não ouvirão, ali, frivolidades, nem (haverá) qualquer maldade,*

**Versículo 26:** *Apenas as palavras: Paz! Paz!*

#### **Capítulo cinqüenta e sete: O ferro**

**Versículo 12:** *(Será) o dia em que verás (ó Mohammad) os crentes e as crentes com a luz a se irradiar ante eles, e pelas suas mãos direitas. Nesse dia vos alvissaremos com jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morareis eternamente, Tal será a magnífica recompensa!*

**Versículo 27:** *Então, após eles, enviamos outros mensageiros Nossos e, após estes, enviamos Jesus, filho de Maria, a quem concedemos o evangelho; e infundimos nos corações daqueles que os seguiam compaixão e clemência. No entanto, (agora) seguem a vida monástica, que inventaram, mas que não lhes prescrevemos; (Nós lhes prescrevemos) apenas comprazerem a Allah; porém, não observam devidamente. E recompensamos os crentes, dentre eles; porém, a maioria é depravada.*

#### **Capítulo sessenta e dois: A sexta-feira**

**Versículo 09:** *Ó crentes, quando fordes convocados para a Oração da Sexta-feira, apressai-vos à recordação de Allah e abandonai os vossos negócios; isso será preferível, se quereis saber.*

**Versículo 10:** *Porém, uma vez praticada a oração, dispersai-vos pela terra e procurai as graças de Allah, e mencionai muito Allah, para que prospereis.*

#### **Capítulo sessenta e três: Os hipócritas**

**Versículo 10:** *Ele é o Senhor do Oriente e do Ocidente. Não há mais divindade além d'Ele! Toma-O, pois, por Guardião!*

### Capítulo sessenta e nove: O inevitável

**Versículo 21:** *E ele gozará de uma vida prazenteira,*

### Capítulo oitenta e três: Os fraudadores

**Versículo 01:** *Ai dos fraudadores.*

**Versículo 02:** *Aqueles que, quando alguém lhes mede algo, exigem a medida plena.*

**Versículo 03:** *Porém, quando eles medem ou pesam para os demais, dão-lhes menos que o devido.*

### Capítulo noventa: A Metrópole

**Versículo 10:** *E lhe indicamos os dois caminhos?*

**Versículo 11:** *Porém, ele não tentou vencer as vissanças.*

**Versículo 12:** *E o que te fará entender o que é vencer as vissanças?*

**Versículo 13:** *É libertar um cativo,*

**Versículo 14:** *Ou alimentar, num dia de privação,*

**Versículo 15:** *O parente órfão,*

**Versículo 16:** *Ou o indigente necessitado.*

### Capítulo noventa e sete: O decreto

**Versículo 01:** *Sabei que o revelamos (o Alcorão), na Noite do Decreto.*

**Versículo 02:** *E o que te fará entender o que é a Noite do Decreto?*

**Versículo 03:** *A Noite do decreto é melhor do que mil meses.*

**Versículo 04:** *Nela descem os anjos e o Espírito (Anjo Gabriel), com a anuência do seu Senhor, para executar todas as Suas ordens.*

**Versículo 05:** *(Ela) é paz, até ao romper da aurora!*

### Capítulo cento e doze: A Unicidade

**Versículo 01:** *Dize: Ele é Allah, o Único!*

**Versículo 02:** Allah! O Eterno e Absoluto!

**Versículo 03:** Jamais gerou ou foi gerado

**Versículo 04:** E ninguém se compara a Ele.

## ANEXO II

GLOSSÁRIO

TERMOS TRANSLITERADOS	TERMOS ÁRABES	TRADUÇÃO OU EQUIVALENTE SIMPLIFICADO EM PORTUGUÊS
'Ādam	آدم	Adão
'Alyasa <sup>c</sup>	أليسا	Eliseu
'Anṣār	أنصار	Socorredores, apoiadores.
'Ašhadu 'anna lā 'ilāha illa-Lāh	أشهد أن لا إله إلا الله	Testemunho que não há outra divindade além de Deus
'Ašhadu 'anna Muḥammadan rasūlu-Lāh	أشهد أن محمداً رسول الله	Testemunho que Maomé é o mensageiro de Deus
'Āyat	آية	Versículo
'Ayyūb	أيوب	Jó
'Ibrāhīm	إبراهيم	Abraão
'Idrīs	إدريس	Enoc
'Iftār	إفطار	Encerramento do jejum
'Ijmā <sup>c</sup>	إجماع	Consenso
'Ilāh	إله	Divindade
'Ilyās	إلياس	Elias
'Imām	إمام	Imã
'Imsāk	إمساك	Início do jejum
'Ishāq	إسحاق	Isaac
'Ismā'īl	إسماعيل	Ismael
'Ummah	أمة	Comunidade islâmica
'Ummu-'Ayman	أم أيمن	Ummu Aiman
Ṭawāf	طواف	Circungirar a Caaba
Ṣāliḥ	صالح	Saleh
Ṣūfi	صوفي	Sufismo
Ṣagīr	صغير	Pequeno
Ṣafar	صفر	Segundo mês lunar
Ṣalāt	صلاة	Oração
Ṣalāt adduhr	صلاة الظهر	Oração do meio-dia
Ṣalāt al'istišārah	صلاة الاستشارة	Oração para consultar Deus
Ṣalāt af'ayr	صلاة العصر	Oração da tarde
Ṣalāt af'isā'	صلاة العشاء	Oração da noite
Ṣalāt alfajr	صلاة الفجر	Oração da Alvorada
Ṣalāt aljum'ah	صلاة الجمعة	Oração da sexta-feira



<i>Ṣalāt almağrib</i>	صلاة المغرب	Oração do crepúsculo
<i>Ṣalāt alqiyām</i>	صلاة القيام	Oração da vigília noturna
<i>Ṣallā-LLāhu ʿalayhi wa sallam</i>	صلى الله عليه وسلم	A paz e a bênção de Deus estejam com ele
<i>Ṣawm</i>	صوم	Jejum
<i>Du-l- qīʿidah</i>	نو القعدة	11º. mês lunar
<i>Du-l-ḥijja</i>	نو الحجة	12º. mês lunar
<i>Du-kifl</i>	نو الكفل	Ezequiel
<i>Ḥadījah Bint-Ḥuwaylid</i>	خديجة بنت خويلد	Khadija Bint Khuailid
<i>Ḥalīfa</i>	خليفة	Califa
<i>Ḥalid Bin-Alwalīd</i>	خالد بن الوليد	Khalid Bin Walid
<i>Ḥamr</i>	خمر	Bebida alcoólica
<i>Ḥuṭbah</i>	خطبه	Sermão
<i>Abū-Ṭālib</i>	أبو طالب	Abu Taleb
<i>Abū-Bakr</i>	أبو بكر	Abu Bakr
<i>Abū-Dāwūd</i>	أبو داود	Abu Daud
<i>Abū-Sufyān</i>	أبو سفيان	Abu Sufian
<i>Adqadar / alqaḍā</i>	القدر/القضاء	O destino
<i>Alʿamīn</i>	الأمين	O confiável
<i>Alʿisnād</i>	إسناد	Cadeia de transmissão do hadith
<i>ALḥabaṣah</i>	الحبشة	Abissínia (Etiópia)
<i>Alḥadīṭ aṣṣaḥīḥ</i>	الحديث الصحيح	O hadith autêntico
<i>alḥadīṭ addaʿīf</i>	الحديث الضعيف	O hadith fraco
<i>Alḥadīṭ alḥasan</i>	الحديث الحسن	O hadith bom
<i>Alḥadīṭ/ʿaḥādīṭ</i>	الحديث / احاديث	O hadith
<i>Alḥajur alʿaswad</i>	الحجر الأسود	A Pedra Negra
<i>Alḥarām</i>	الحرام	Sagrada
<i>Alḥandaq</i>	الخنديق	A trincheira (nome de batalha)
<i>Albayt almaʿamūr</i>	البيت المعمور	Uma casa no Paraíso
<i>Albuḥāriy</i>	البخاري	Albuhari
<i>Aljumʿah</i>	الجمعة	Sexta-feira, a
<i>Allāh</i>	الله	Deus
<i>Al-malāk Jibrīl</i>	الملاك جبريل	O Anjo Gabriel
<i>Almuʿadīn</i>	المؤذن	Almuadem
<i>Alnisā ʿī.</i>	النسائي	Alnisai
<i>Alqurʿān</i>	القرآن	Alcorão
<i>Alyawm alʿaḥīr</i>	اليوم الأخير	Juízo Final, o

<i>Arkān al-'islām</i>	أركان الإسلام	Pilares do Islā
<i>Arkān al-'īmān</i>	أركان الإيمان	Pilares da crença
<i>Arrusul</i>	الرسول	Mensageiros
<i>Banū-'Aws</i>	بنو الاوس	A tribo de Aus
<i>Banū-'Hazrij</i>	بنو خزرج	A tribo de Khazrij
<i>Banū-'Huzā'</i>	بنو خزاع	A tribo de Khuzáa
<i>Banū-'Bakr</i>	بنو بكر	A tribo de Bakr
<i>Banū-'Quraīs</i>	بنو قريش	A tribo de Coraixita
<i>Banū-'Qurayḏah</i>	بنو قريضة	A tribo de Curaiza
<i>Bilāl</i>	بلال	Bilal
<i>Bismi-LLāhi-rraḥmani-rraḥīm</i>	بسم الله الرحمن الرحيم	Em nome de Deus, Clemente Misericordioso
<i>'Āyşah</i>	عائشة	Aicha (filha de Abū-Bakr)
<i>'Abāyah</i>	عباية	Túnica (roupa larga)
<i>'Abdul-Muṭṭālib</i>	عبد المطلب	Abdul Mutallib
<i>'Alī Ibn-'Abī-Ṭālib</i>	علي بن ابي طالب	Ali
<i>'Aqabah'</i>	عقبه	Áqaba (localidade)
<i>'Arafat</i>	عرفات	Arafat (localidade)
<i>'Īd alfiṭr</i>	عيد الفطر	Eid al-fitr
<i>'Īsa</i>	عيسى	Jesus (Cristo)
<i>'Uṭmān Bin-'aḫḫān</i>	عثمان بن عفان	Othman Bin Afan
<i>'Uṭmān Bin-Talḥa</i>	عثمان بن طلحة	Othman Bin Talha
<i>'Umar Bin-Alḫaṭāb</i>	عمر بن الخطاب	Omar Bin Khatab
<i>'Umarah</i>	عمرة	Umra (peregrinação menor)
<i>Dāwūd</i>	داوود	Davi
<i>Dīn</i>	دين	Religião
<i>Du'ā' / pl. Da'awāt</i>	دعاء	Súplica (a Deus)
<i>Ġusl</i>	غسل	Banho corporal
<i>Hāšim</i>	هاشم	Hachim (clã)
<i>Hūd</i>	هود	Heber
<i>Hajara</i>	حجر	emigrar, afastar, separar e renunciar
<i>Harūn</i>	هارون	Aarão
<i>Hijrah</i>	هجرة	Hégira
<i>Hind</i>	هند	Hind
<i>Ja'fariy</i>	جعفري	Jaafarita
<i>Jannah</i>	جنة	Paraíso
<i>Jihād</i>	جهاد	Jihad
<i>Jubayr Bin-Mutim</i>	جبير بن موتم	Jubair Bin Mutim

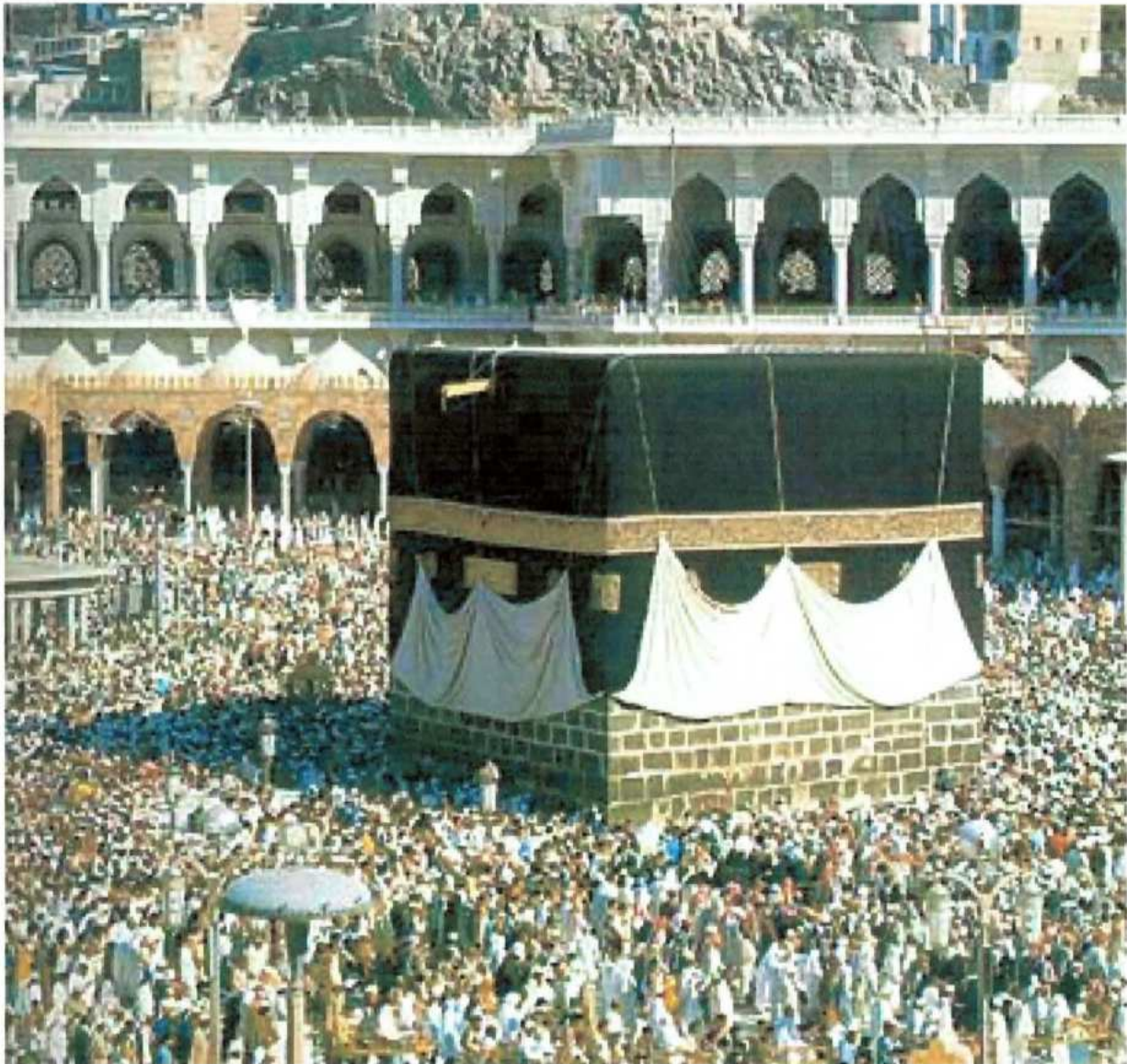
<i>Jumādà-l-'aḥīrah</i>	جمادى الآخرة	6º Mês lunar
<i>Jumādà-l-'uwlà</i>	جمادى الأولى	5º. mês lunar
<i>Ka'ba</i>	كعبة	Caaba
<i>Lūṭ</i>	لوط	Lot
<i>Laylatu alqadr</i>	ليلة القدر	Noite do Poder
<i>Mālikiy</i>	مالكي	Maliquita
<i>Mālikiyyah</i>	مالكية	Maliquita (escola teológica)
<i>Mūsa</i>	موسى	Moisés
<i>Madīna</i>	مدينة	Medina (cidade)
<i>Majhūd</i>	مجهود	Cansado, exausto
<i>Makah</i>	مكة	Meca (cidade)
<i>Malā'ikah</i>	ملائكة	Anjos
<i>marḡūb</i>	مرغوب	Recomendável
<i>marfūd</i>	مرفوض	Rejeitável
<i>Masjid</i>	مسجد	Mesquita
<i>Matn</i>	متن	Texto do hadith
<i>muhāyid</i>	محايد	Neutro
Muḥammad Bin-°Abdul-Lāh	محمد بن عبدالله	Maomé, filho de Abdala
<i>Muḥaram</i>	محرم	primeiro mês lunar
<i>Mujtahid</i>	مجتهد	Pessoa aplicada no que faz
<i>Muqaddasah</i>	مقدسة	Santa
<i>Muslim</i>	مسلم	Muçulmano
<i>Muta</i>	موتة	Localidade perto da Síria
<i>Nabī</i>	نبي	Profeta
<i>Qiblah</i>	قبة	Direção
<i>Qiyās</i>	قياس	Medida
<i>Rabyī' u-l-'awwal</i>	ربيع الأول	3º mês lunar
<i>Rabyī' u-l-tānī</i>	ربيع الثاني	4º mês lunar
<i>Rajab</i>	رجب	7º mês lunar
<i>Ramaḍān</i>	رمضان	9º mês lunar
<i>Rasūl</i>	رسول	Mensageiro
<i>Rukū'</i>	ركوع	Genuflexão
<i>Šī'at</i>	شيعة	Xiitas
<i>Sīrat annabī</i>	سيرة النبي	Biografia do profeta
<i>Sūra</i>	سورة	Surata (Capítulo do Alcorão)
<i>Sūrat Ṣad</i>	سورة ص	Capítulo: A letra sad
<i>Sūrat Ṭaha</i>	سورة طه	Capítulo: Taha

<i>Sūrat Gāfir</i>	سورة غافر	Capítulo: O remissório
<i>Sūrat Atṭūr</i>	سورة الطور	Capítulo: O monte
<i>Sūrat Aṣṣāfāt</i>	سورة الصافات	Capítulo: Os enfileirados
<i>Sūrat Adduḥān</i>	سورة الدخان	Capítulo: A fumaça
<i>Sūrat Alānʿām</i>	سورة الأنعام	Capítulo: O gado
<i>Sūrat Alānʿāl</i>	سورة الأنفال	Capítulo: Os espólios
<i>Sūrat Alʿaḥqāf</i>	سورة الأحقاف	Capítulo: As dunas
<i>Sūrat Alḥāqa</i>	سورة الحاقة	Capítulo: O inevitável
<i>Sūrat Alḥadīd</i>	سورة الحديد	Capítulo: O ferro
<i>Sūrat Alahazāb</i>	سورة الأحزاب	Capítulo: Os partidos
<i>Sūrat Alahqāf</i>	سورة الأحقاف	Capítulo: As dunas
<i>Sūrat Albalad</i>	سورة البلد	Capítulo: A metrópole
<i>Sūrat Albaqarah</i>	سورة البقرة	Capítulo: A vaca
<i>Sūrat Aʿaṣr</i>	سورة العصر	Capítulo: A era
<i>Sūrat Aʿalaq</i>	سورة العلق	Capítulo: O coágulo
<i>Sūrat Aʿankabūt</i>	سورة العنكبوت	Capítulo: A aranha
<i>Sūrat Aʿarāf</i>	سورة الأعراف	Capítulo: Os cimios
<i>Sūrat Aʿimrān</i>	سورة عمران	Capítulo: A família de Imran
<i>Sūrat Alʿātr</i>	سورة الفاطر	Capítulo: O criador
<i>Sūrat Alʿātihah</i>	سورة الفاتحة	Capítulo: de A abertura
<i>Sūrat Alfalaq</i>	سورة الفلق	Capítulo: A alvorada
<i>Sūrat Alfaʿa</i>	سورة الفتح	Capítulo: O triunfo
<i>Sūrat Alhujurāt</i>	سورة الحجرات	Capítulo: Os aposentados
<i>Sūrat Aljaššiyah</i>	سورة الجاثية	Capítulo: O genuflexo
<i>Sūrat Aljumʿa</i>	سورة الجمعة	Capítulo: A sexta-feira
<i>Sūrat Alkawtar</i>	سورة الكوثر	Capítulo: A Abundância
<i>Sūrat Almāʿidah</i>	سورة المائدة	Capítulo: A mesa servida
<i>Sūrat Almuṭafifīn</i>	سورة المطففين	Capítulo: Os fraudadores
<i>Sūrat Almunāfiqīn</i>	سورة المنافقون	Capítulo: Os hipócritas
<i>Sūrat Alnaṣr</i>	سورة النصر	Capítulo: O socorro
<i>Sūrat Alqasaṣ</i>	سورة القصص	Capítulo: As narrativas
<i>Sūrat Alqadr</i>	سورة القدر	Capítulo: O decreto
<i>Sūrat Alwāqīʿa</i>	سورة الواقعة	Capítulo: O evento inevitável
<i>Sūrat Alʿihlāṣ</i>	سورة الإخلاص	Capítulo: A unicidade
<i>Sūrat Alʿanbiyā</i>	سورة الأنبياء	Capítulo: Os profetas
<i>Sūrat Annās</i>	سورة الناس	Capítulo: Os humanos
<i>Sūrat Annūr</i>	سورة النور	Capítulo: A luz
<i>Sūrat Annaḥl</i>	سورة النحل	Capítulo: As abelhas
<i>Sūrat Annaml</i>	سورة النمل	Capítulo: As formigas
<i>Sūrat Anniṣāʿ</i>	سورة النساء	Capítulo: As mulheres
<i>Sūrat Aššūra</i>	سورة الشورى	Capítulo: A consulta
<i>Sūrat Arraḥmān</i>	سورة الرحمن	Capítulo: O Clemente
<i>Sūrat Arraʿd</i>	سورة الرعد	Capítulo: O trovão

<i>Sūrat Attawbah</i>	سورة التوبة	Capítulo: O arrependimento
<i>Sūrat Azzuḥṛuf</i>	سورة الزخرف	Capítulo: Os ornamentos
<i>Sūrat Azzumar</i>	سورة الزمر	Capítulo: Os grupos
<i>Sūrat Al'irā</i>	سورة الإسراء	Capítulo: A viagem noturna
<i>Sūrat Maryam</i>	سورة مريم	Capítulo: Maria
<i>Sūrat Sabā</i>	سورة سبأ	Capítulo: Sabá
<i>Sūrat Y S</i>	سورة يس	Capítulo: Yá sin
<i>Ša'bán</i>	شعبان	8º mês lunar
<i>Šahādah</i>	شهادة	Declaração de Fé
<i>Salām</i>	سلام	Paz
<i>Šarī'ah</i>	شريعة	Lei Islâmica
<i>Šawwāl</i>	شوال	10º mês lunar
<i>Širk</i>	شرك	Politeísmo
<i>Ḥajj</i>	حج	Peregrinação
<i>Ḥalāl</i>	حلال	Lícito
<i>Ḥamza</i>	حمزة	Hamza
<i>Ḥanafiy</i>	حنفي	Hanifita
<i>Ḥanbaliy</i>	حنبلي	Hanbalita
<i>Ḥarām</i>	حرام	Ilícito
<i>Ḥarb</i>	حرب	Guerra
<i>Ḥarīm</i>	حريم	Harém
<i>Ḥudaybiyya</i>	حديبية	Hudaibia
<i>Suḥūr</i>	سحور	Refeição que antecede o jejum
<i>Šu'ayb</i>	شعيب	Jetro
<i>Sulaymān</i>	سليمان	Salomão
<i>Sunnah</i>	سنة	Tradição
<i>Sunniy</i>	سني	Sunita
<i>Tafsīr</i>	تفسير	Explicações sobre o Alcorão
<i>Tawḥīd</i>	توحيد	Unicidade divina
<i>Wājib</i>	واجب	Obrigação
<i>Waḥšī</i>	وحشي	Wahchi
<i>Wuḍū'</i>	وضوء	Ablução
<i>Yūnis</i>	يونس	Jonas
<i>Yūsif</i>	يوسف	José
<i>Yaṭrib</i>	يثرب	Yatrib (cidade)
<i>Yahya</i>	يحيى	João
<i>Ya'qūb</i>	يعقوب	Jacó
<i>Zakāt</i>	زكاة	Esmola

Zakariyā	زكريا	Zacarias
Zayd Bin-Ḥārith	زيد بن حارث	Zaid Bin-Harith
Ziyārah	زيارة	Visita

## ANEXO III



A Caaba: destaque aos blocos de rochas usados na sua construção.

Fonte: [www.islamua.net/islam\\_ua/images2/kaaba.jpg](http://www.islamua.net/islam_ua/images2/kaaba.jpg)



## ANEXO IV

As fotografias destacam a Pedra Negra dentro de uma guarnição de metal que está fixada em um dos lados da Caaba.



Fonte: [www.islam.org/culture/mosque/makkah/stone.htm](http://www.islam.org/culture/mosque/makkah/stone.htm)



Fonte: [www.geokhi.ru/~meteorit/gor-met/kaaba.jpg](http://www.geokhi.ru/~meteorit/gor-met/kaaba.jpg)

## ANEXO V



A Caaba: destaque ao tecido negro que recobre sua estrutura.

Fonte: <http://www.art.tartu.ee/~illi/kunstigeometria/sakraal/Kaabane.jpg>

## ANEXO VI

## CALENDÁRIO DO MÊS SAGRADO DE RAMADAN 1424/2003

LIGA DA JUVENTUDE ISLÂMICA DO BRASIL

Rua Barão de Ladário, 922 – CEP 03010-000 – Pari – São Paulo – Brasil

Tel/Fax: (11) 3311-6734 – [www.ligaislamica.org.br](http://www.ligaislamica.org.br)

H	DIA	OUT/NOV	ALVO RADA	NASCENTE	MEIO-DIA	TARDE	CREPÚCULO	NOITE
01	DOM	26	04:57	06:25	12:51	16:17	19:19	20:33
02	SEG	27	04:56	06:24	12:51	16:17	19:19	20:34
03	TER	28	04:55	06:24	12:50	16:17	19:20	20:35
04	QUA	29	04:54	06:23	12:50	16:17	19:20	20:36
05	QUI	30	04:53	06:22	12:50	16:17	19:21	20:36
06	SEX	31	04:52	06:21	12:50	16:16	19:21	20:37
07	SAB	01	04:51	06:21	12:50	16:16	19:22	20:38
08	DOM	02	04:51	06:20	12:50	16:16	19:23	20:39
09	SEG	03	04:50	06:20	12:50	16:16	19:24	20:39
10	TER	04	04:49	06:19	12:50	16:16	19:24	20:40
11	QUA	05	04:48	06:18	12:50	16:16	19:25	20:41
12	QUI	06	04:47	06:18	12:50	16:15	19:25	20:42
13	SEX	07	04:46	06:17	12:50	16:15	19:26	20:43
14	SAB	08	04:45	06:17	12:50	16:15	19:26	20:43
15	DOM	09	04:44	06:16	12:50	16:15	19:27	20:44
16	SEG	10	04:44	06:16	12:51	16:15	19:28	20:45
17	TER	11	04:44	06:15	12:51	16:15	19:28	20:46
18	QUA	12	04:42	06:15	12:51	16:15	19:29	20:47
19	QUI	13	04:42	06:15	12:51	16:15	19:30	20:48
20	SEX	14	04:42	06:14	12:51	16:15	19:30	20:49
21	SAB	15	04:41	06:14	12:51	16:15	19:31	20:49
22	DOM	16	04:41	06:13	12:51	16:15	19:32	20:49
23	SEG	17	04:40	06:13	12:52	16:14	19:32	20:50
24	TER	18	04:40	06:13	12:52	16:14	19:33	20:51
25	QUA	19	04:39	06:13	12:52	16:14	19:34	20:52
26	QUI	20	04:39	06:12	12:52	16:14	19:34	20:54
27	SEX	21	04:38	06:12	12:52	16:14	19:35	20:55
28	SAB	22	04:38	06:12	12:53	16:15	19:36	20:56
29	DOM	23	04:37	06:12	12:53	16:15	19:36	20:57
30	SEG	24	04:37	06:12	12:5	16:15	19:37	20:57

O dia do Eid está sujeito à alteração, favor ligar para confirmar.

A reza do Eid el Fitr será às sete horas da manhã